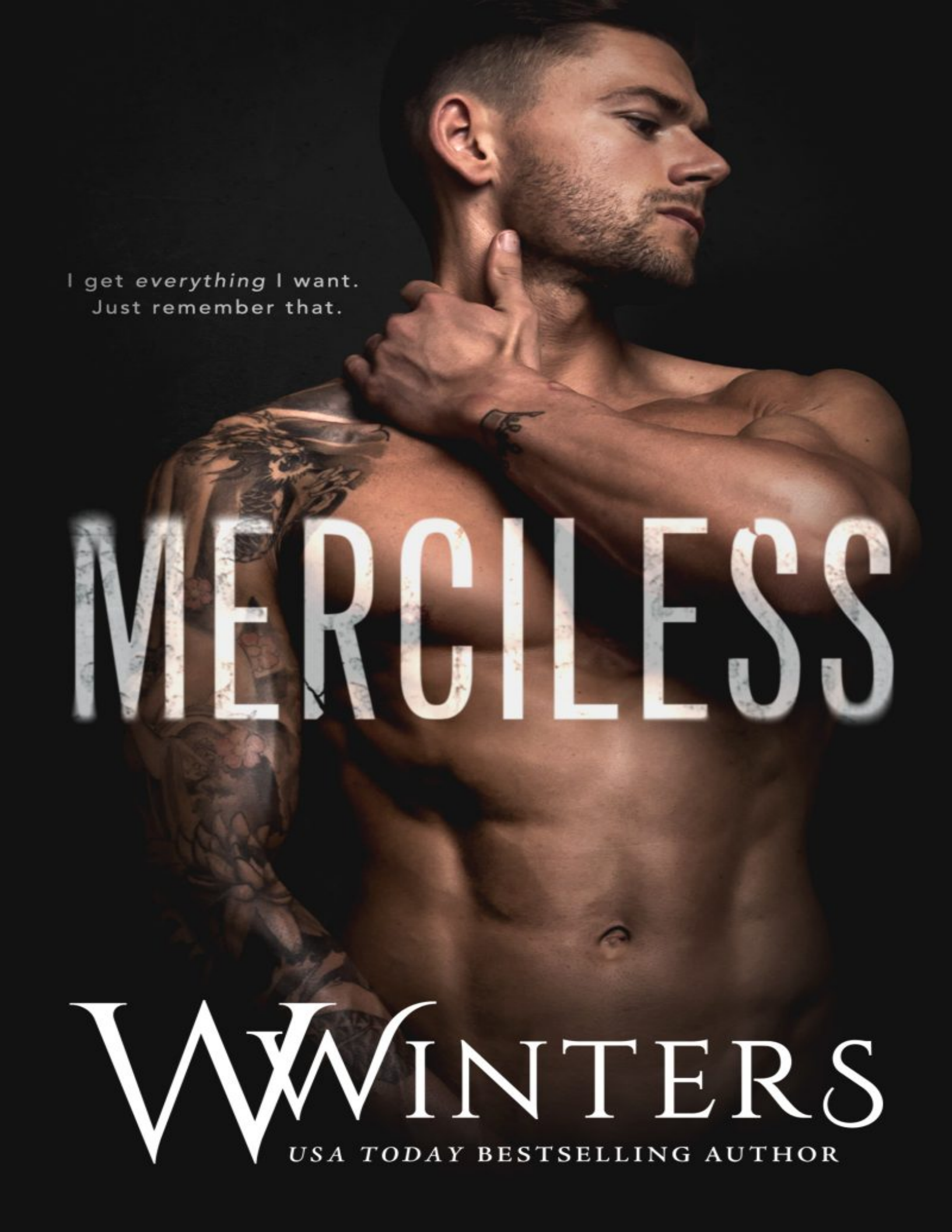
I get *everything* I want.
Just remember that.
MERCILESS
WINTERS
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

Não há uma rosa ou um beijo que os tornem príncipes.

Tradução: Ariella

Revisão Inicial: Apollo & Ariella

Revisão Final: Karol

Leitura Final: Juh G.

Conferencia: Ellen Araújo

Formatação: Ariella

ORDEM DE LEITURA

Marcus & ....

Do You Want Me (This Love Hurts Duet #1) - Ainda não lançado nas Gringas.

This Love Hurts (This Love Hurts Duet #2) - Ainda não lançado nas Gringas.

Sebastian & Choel

A Kiss to Tell (A Kiss #1) - Lançado

Daniel & Adison

Possessive - Lançado por Flor de Lotus & Was Traduções

*Seductive *Epilogo Prolongado**

Carter & Aria

Merciless (Merciless #1) - Lançado

Heartless (Merciless #2) - Em breve

Breathless (Merciless #3) - Em breve

Endless (Merciless #4) - Em breve

Sebastian & Choel

*A Kiss to Keep (A Kiss #2) *Epílogo prolongado* - Em breve*

Jase & Bethany

A Single Glance (Irresistible Attraction #1) - Em breve
A Single Kiss (Irresistible Attraction #2) - Em breve
A Single Touch (Irresistible Attraction #3) - Em breve

Seth & Laura

Longing to Hold (Hart to love #0.5) - Em breve
Hard to Love (Hard to Love #1) - Em breve
Desperate to Touch (Hard to Love #2) - Em breve
Tempted to Kiss (Hard to Love #3) - Em breve
Easy to Fall (Hard to Love #4) - Em breve

Declan & ...

Tease Me Once - Em breve

EU DEVERIA SABER QUE ELA IRIA ME ARRUINAR NO MOMENTO EM QUE A VI.

Mulheres como ela são feitas para destruir homens como eu.
Embora, eu não pude resistir a ela.

Dada a mim para começar uma guerra. Eu estava muito ansioso para aceitar.

Mas eu não sabia o que ela faria comigo. Que ela mudaria tudo.
Ela vê através de mim de uma maneira que ninguém nunca fez.
Sua inocência e vulnerabilidade me deixam fraco por ela e eu odeio isso.

EU SEI MELHOR DO QUE CEDER À TENTAÇÃO.

Um homem implacável não deixa uma alma perto dele.
Um homem de coração frio não arrisca nada por ninguém.
Um homem poderoso com uma linda mulher à sua mercê...
ele não se apaixona por ela.

PROLOGO

CARTER

"Eu deveria tê-la fodido antes."

Eu me lembro daquele primeiro dia, como ela gritou e chorou para deixá-la ir, quando eu a odiava e ela me odiava.

Mesmo com meu aperto firme em sua garganta, com meu toque enviando faíscas através de seu corpo, ela força a cabeça a tremer, não tirando os olhos dos meus.

"Não..." Ela sussurra e meu pau endurece ainda mais, implorando-me para puni-la por ousar me desafiar. Mas então ela acrescenta: "É assim que deveria ser."

Sua respiração é pesada quando ela fecha os olhos, seu corpo se curva no meu colo. Ela está completamente à vontade e seus lábios carnudos estão lá para tomar.

Tudo dela. Cada pedaço dela é meu e ela sabe disso.

Minha.

CARTER

A Guerra está chegando.

É algo que eu sei há mais de dois anos.

Tic-tac. Tic-tac.

Um tique na minha mandíbula aperta no tempo com o ritmo do relógio, enquanto a pele sobre os meus dedos fica branca quando meu punho aperta mais forte. A tensão aumenta em meus ombros tensos e eu tenho que me lembrar de respirar profundamente e deixar a tensão de tudo ir embora.

Tic-tac. É o único som ecoando nas paredes do meu escritório e, a cada passagem do pêndulo, a raiva aumenta.

É sempre assim antes de eu ir a um encontro. Este, em particular, envia uma emoção através do meu sangue, a adrenalina bombeando mais duro a cada minuto que passa.

Meu olhar flutua do relógio do meu avô para as estantes próximas a ele, depois para a caixa feita de mogno e aço. Tem apenas três metros de profundidade e três metros de altura por seis metros de comprimento. Ele se funde na parede do meu escritório, cercado por velhos livros.

Eu paguei mais do que deveria para simplesmente colocar em um display. Tudo isso é meramente uma fachada. As percepções das pessoas são a sua realidade. E então pinto a imagem que eles precisam ver para que eu possa usá-las como achar melhor. Os livros e obras de arte caras, móveis polidos esculpidos em madeira rara... Tudo isso é besteira.

Exceto pela caixa. A história que veio com ela vai ficar comigo para sempre. Em todos esses anos, é uma das poucas lembranças que posso lembrar como uma descrição de um momento. A caixa nunca me deixa.

As palavras do homem que me deu ainda são tão frescas, como também a imagem de seus olhos verdes pálidos, encobertos enquanto ele me contava sua história.

Sobre como isso o mantinha seguro quando ele era criança. Ele me contou como sua mãe o empurrou para protegê-lo.

Eu engulo em seco, sentindo minha garganta apertar e as cordas em meu pescoço esticarem a lembrança. Ele descreveu a cena tão bem.

Ele me contou como se agarrava à mãe, vendo como ela estava em pânico. Mas ele fez como lhe foi dito. Ele ficou quieto no cofre e só podia ouvir enquanto os homens assassinavam sua mãe.

Ele se ofereceu para negociar sua vida com a caixa. E a história que ele me deu me lembrou da minha própria mãe me dizendo adeus antes que ela morresse.

Sim, a história dele foi comovente, mas eu coloquei uma arma na cabeça dele e puxei o gatilho independentemente.

Ele tentou me roubar e depois me pagar com uma caixa, como se o dinheiro que ele desviou fosse uma dívida ou um empréstimo. William era bom em roubar, em contar histórias, mas o filho da puta era um idiota.

Eu não cheguei onde estou jogando bem e sendo fraco. Naquele dia, eu peguei a caixa que o salvou como um lembrete de quem eu era. Quem eu precisava ser.

Eu me certifiquei de que a caixa estivesse à minha vista em todas as reuniões que tive neste escritório. É um lembrete poderoso para o qual posso olhar enquanto faço negócio com criminosos e coleciono riqueza e poder nesta sala esquecida.

Custou-me uma fortuna conseguir esse escritório exatamente como eu queria. Mas se fosse para queimar, eu poderia facilmente ter recursos para substituir tudo.

Tudo exceto aquela caixa.

"Você realmente acha que eles estão fazendo isso?" Eu ouço meu irmão, Daniel, antes de vê-lo. A lembrança desaparece em um instante.

Leva um segundo para eu estar consciente da minha expressão facial, para relaxar meu queixo e deixar ir a raiva antes que eu possa levantar o meu olhar para o dele.

"Com a guerra e o acordo? Você acha que ele vai continuar com isso e levá-la hoje à noite?" Ele esclarece.

Um pequeno bufo me deixa, acompanhado de um sorriso enquanto respondo: "Ele quer isso mais do que qualquer outra coisa. Ele disse que eles armaram para ela e já está acontecendo. Faltam poucas horas para que isso termine."

Daniel entra lentamente na sala, a pesada porta do meu escritório se fecha com um chute suave de seu calcanhar antes que ele apareça na minha frente.

"E você tem certeza de que quer estar bem no meio dela?"

Eu lambo meu lábio inferior e fico em pé, me alongando e voltando meu olhar para a janela do meu escritório. Eu posso ouvir Daniel andando pela mesa enquanto me inclino contra ela e cruzo meus braços.

Eu digo a ele: "Nós não estaremos no meio disso. Serão os dois, e nosso território está perto, mas podemos ficar fora disso."

"Besteira. Ele quer que você lute com ele. Ele vai começar esta guerra hoje à noite e você sabe disso."

Eu aceno devagar, a lembrança do cheiro dos charutos de Romano enchendo meus pulmões com o pensamento dele.

"Ainda há tempo para cancelar," diz Daniel, e isso faz minha sobrancelha apertar e a testa enrugar. Ele não pode ser tão ingênuo.

É a primeira vez que eu realmente olhei para ele desde que ele voltou. Ele passou anos longe. E todo maldito dia eu lutei pelo que temos. Ele ficou suave. Ou talvez seja Addison que o transformou no homem que está aqui agora.

"Esta guerra tem que acontecer." Minhas palavras são finais, e o tom é um que não deve ser questionado. Eu posso ter crescido neste negócio com medo e com raiva, cada passo à frente seguido pelo som oco de um corpo caindo atrás de mim, mas agora não é como isso começou. Você não pode construir um império com mãos manchadas de sangue e não esperar que a morte siga você.

Seus olhos escuros estreitam enquanto ele se aproxima da janela, seu olhar cintilando entre mim e o jardim meticulosamente mantido várias histórias abaixo de nós.

"Você tem certeza de que quer fazer isso?" Sua voz é baixa e mal ouço. Ele não olha para mim e um calafrio corre na parte de trás do meu pescoço e nos meus braços enquanto eu tomo sua expressão solene.

Isso me leva de volta ao ano passado. De volta para quando nós tivemos uma escolha e escolhemos errado.

Quando queríamos ou não continuar com isso, ainda significava alguma coisa.

"Há homens à esquerda de nós," digo a ele quando dou um passo à frente e fecho a distância entre nós. "Há homens à nossa direita. Não há um resultado possível em que não escolhemos um lado."

Ele acena com a cabeça uma vez e desliza o polegar pela barba no queixo antes de olhar para mim. "E a menina?" Ele pergunta, seus olhos penetrantes me lembrando que nós dois lutamos, nós dois sobrevivemos, e cada um de nós teve um caminho trágico que nos levou até onde estamos hoje.

"Aria?" Eu me atrevo a falar o nome dela e o som da minha voz suave parece demorar no espaço entre nós. Eu não espero que ele reconheça - ou ela. "Ela não tem escolha." Minha voz aperta quando digo as palavras.

Limpando minha garganta, eu coloco minhas palmas contra a janela, sentindo a frígida queda cair sob minhas mãos e me inclino para frente para ver Addison abaixo de nós. "O que você acha que eles teriam feito para Addison se eles tivessem conseguido levá-la?"

A mandíbula dele se contrai, mas ele não responde à minha pergunta. Em vez disso, ele responde: "Não sabemos quem tentou tirá-la de mim."

Eu dou de ombros como se fosse semântica e nada relevante. "Ainda. As mulheres não devem ser tocadas, mas eles foram primeiro para Addison."

"Isso não faz sentido," diz Daniel com indignação em seu tom.

"Não é melhor que ela venha até nós?" Minha cabeça inclina-se à medida que eu faço a pergunta e, desta vez, ele

leva um momento para responder.

"Ela não é uma de nós. Não como Addison, e você sabe o que Romano espera que você faça com ela."

"Sim, a filha do inimigo..." Meu coração bate forte no meu peito, e o ritmo constante me lembra do tic-tac do relógio. "Eu sei exatamente o que ele quer que eu faça com ela."

ARIA

EXISTEM algumas coisas que você deve saber sobre mim.

Eu gosto de acordar com uma xícara de café quente toda manhã. De preferência, com bastante creme e açúcar para abafar o gosto do vício da cafeína amarga.

Eu amo vinho tinto à noite. Eu não posso ter branco. Me causa uma dor de cabeça e uma ressaca que me deixará infeliz quando eu acordar.

Bem, essas não são coisas que realmente importam. São os detalhes superficiais que você dá às pessoas quando não quer contar a verdade.

O que você realmente precisa saber?

Meu nome é Aria Talvery e eu sou a filha da família criminosa mais violenta de Fallbrook.

A razão pela qual eu gosto de tomar vinho à noite é porque eu preciso desesperadamente para conseguir algumas horas de sono.

Minha mãe foi assassinada na minha frente quando eu tinha apenas oito anos e nunca fiquei bem desde então, embora tenha aprendido a ser boa em fingir que estou.

Meu pai é um bandido, mas ele me manteve segura e me tolerou, embora todos os dias ele me lembrasse quanto o machucou olhar para o meu rosto e ver nada além da minha mãe.

É por causa dos meus olhos. Eu sei que é.

Eles são uma mistura verde-avelã, assim como os dela. Como a mistura suave de cores que você veria em um caminho profundo da floresta ao olhar para o dossel de folhas no final do verão, início do outono. É assim que minha mãe costumava descrever isso. Ela era poética dessa maneira. E talvez um pouco disso passou para mim.

Fato número um... ou o que quer que seja: adoro desenhar. Eu odeio a vida que eu vivo e me escondo nos esboços e tinta manchada. Longe da loucura e do perigo que minha existência inerentemente traz.

E esse amor pela arte, a única coisa que eu tenho que ainda me liga à minha mãe, é por isso que acabei neste bar, rastreando o idiota que roubou meu caderno de esboços de mim. O idiota que pensa que é engraçado e que eu sou uma piada estúpida ou um brinquedo com o qual ele pode brincar porque sou uma mulher que vive num mundo de homens, um perigoso.

Mas eu herdei meu temperamento do meu pai. E foi por isso que acabei na Iron Heart Brewery, na Church Street. Sim, um bar em uma rua chamada “igreja”. O que é mais irônico é quanto pecado se infiltrou nestas paredes.

E então eu fui de bom grado, depois que o meu precioso caderno foi roubado e caminhei direto para os braços do inimigo.

Era uma armadilha, mas minha mãe teria chamado de destino. Você deveria saber que eu estou sorrindo agora, mas é um sorriso sarcástico quando um riso fingido me deixa. Talvez tudo isso seja culpa dela, pra começar. Afinal, aquele caderno era insubstituível para mim porque a única foto que eu tinha dela estava enfiada na contra capa.

A última coisa que você deve saber, e a mais importante de todas, é que me recuso a quebrar. Eu não desisto e não

recuo. Não para ninguém e especialmente não para Carter Cross. O bastardo que me tirou da minha família. Trancou-me em um quarto e disse-me em palavras simples que minha vida tinha acabado, e eu pertencia a ele.

Não são as palavras cortantes da sua língua afiada. Ou seus ombros largos e braços musculosos que me fixam e me prendem. Não é seu sorriso encantador que profere palavras sujas que me fazem ceder. E não é aquela faísca em seus olhos, as chamas brilhando e piscando mais e mais toda vez que ele olha para mim.

Não, eu me recuso a desistir. Mesmo que esse mesmo calor ecoe no meu peito e viaje mais baixo.

Mas há essa coisa de quebrar, quanto mais você se endurece e tenta combatê-lo, mais fácil e mais afiado é quando você quebra inevitavelmente.

E eu sei disso muito bem.

***

O dia em que minha vida mudou para sempre...

HÁ um zumbido constante nos meus ouvidos. Meus punhos estão tão cerrados que meus dedos ficaram brancos. Toda vez que tenho que enfrentar esses idiotas com quem meu pai trabalha, é assim que me sinto.

Como eu estou no limite.

Meu coração bate, bate, bate quando eu passo pela porta da frente toda de vidro da Iron Heart Brewery e continuo andando como se eu não estivesse entrando. No exterior da frente há janelas, para que possam ver facilmente quem está indo e vindo, à prova de balas também. Por causa da clientela. A palavra é que meu pai defrontou essa conta, mas

isso parece excessivamente generoso para um homem como ele.

Frio. Egoísta. Ávido. É assim que eu descreveria meu pai e me odeio por isso.

Eu deveria ser grata. Eu deveria amá-lo. Mas eu sou leal, pelo menos, e lealdade é tudo que importa. Quando você cresce nesta vida, aprende esse pequeno detalhe rapidamente.

Descansando meu ombro contra o tijolo vermelho escuro logo depois das janelas, dou uma olhada no estacionamento do outro lado da rua. Eles não estão aqui ainda.

Um suspiro frustrado deixa um rastro de névoa no ar tenso do outono enquanto cruzo meus braços.

É aqui que os homens do meu pai vão sair de folga e sei que o Mika vai estar aqui.

Eu odeio estar aqui sozinha, mas mal posso esperar por alguém para me salvar. Espero que Nikolai venha com eles também. Ele é um amigo de infância, embora agora um soldado do meu pai e minha graça salvadora. Realmente, ele é meu único amigo e colocou o bastardo do Mika em seu lugar mais de uma vez quando meu pai não estava lá para mim.

Mesmo sabendo que para ser verdade, se Nikolai vier, não haverá problema algum, eu odeio ter que estar aqui. Meu polegar corre ao longo das pontas dos meus dedos frios, lembrando como eu segurei o caderno apenas momentos antes de Mika entrar na sala. A fotografia estava escondida em segurança lá dentro. Esperando que eu me inspire.

Um caderno é apenas um caderno, mas aquela foto é a única que eu tenho da minha mãe e eu no ano em que ela morreu.

Meu pai não tinha tempo para minha “merda sem sentido”, como ele chamou, e o meu coração se apertou com a resposta dele.

Um arrepio corre pelos meus ombros e eu solto outro suspiro pesado. Eu posso sentir o frio no meu nariz e bochechas. Minha jaqueta fina não está fazendo nada para me ajudar. Eu não tinha percebido que o outono tinha vindo com intenções de vingança do verão abrasador.

Espreitando através dos meus cílios, eu li a placa do quadro acima do bar através das janelas. Eles são todos locais, todos os rascunhos. Acho que posso tomar uma bebida enquanto espero.

A música suave bate nos meus ouvidos quando eu entro no bar, meu coração bate mais rápido quando vejo alguns dos homens sentados nos bancos. É engraçado como um bar que está quase vazio envia mais medo através de mim do que um que está cheio. Um onde eu possa me misturar.

Bem aqui, agora? Eu não pertenço e toda alma aqui sabe disso.

Talvez seja por isso que Mika pensou que poderia se safar, eu penso amargamente enquanto tento ignorar a garotinha assustada dentro de mim. Ele acha que pode roubar de mim porque meu pai não vai impedí-lo e eu sou muito covarde para sair do meu quarto, a menos que seja chamada.

Eu me forço a endireitar minhas costas enquanto me aproximo do bar e abro minha bolsa. Eu tenho um plano e eu o examino enquanto tento engolir, dou um sorriso e peço uma bebida.

“Vodka e Sprite,” ordeno com facilidade quando deslizo na banqueta e encontro os olhos do barman. Com um aceno de

cabeça ele se move perfeitamente para os copos, fazendo-os tilintar e depois encher um com gelo.

Eu vou esperar pelos caras. Mesmo que eles me assustem porque eu sei do que eles são capazes. Vou olhar Mika nos olhos e dizer-lhe para devolver meu caderno de desenhos até amanhã. E então eu vou embora. Nenhuma ameaça. É um pedido simples. Ele quer brincar e me provocar e eu não vou dar a ele tempo para isso. Essa é a única razão pela qual ele pegou.

Ele fica excitado por me provocar.

O vento bate contra as janelas de vidro à minha direita e isso me assusta. Nenhum dos homens na sala parece ter percebido.

Estou muito ocupada observando a placa pendurada na frente da cervejaria batendo contra a janela e não vejo o barman chegando até mim.

O som do vidro batendo com força no balcão, envia um pico de medo através de mim e eu pulo de surpresa.

A súbita quietude e silêncio imediato que acompanham todos os seus olhos em mim me forçam a ficar tensa. Eu mal posso formar um sorriso quando olho para frente e agradeço ao barman.

Primeiro, sinto uma onda de constrangimento, seguida pelo medo de que eles saibam que sou fraca. Então, essa ansiedade que tudo consome que tudo vai dar errado lava sobre mim. Muito errado.

Isso me faz querer vomitar, mas, em vez disso, levanto o copo frio aos meus lábios. Um gole do coquetel doce não faz nada. Dois, e minha garganta ainda parece seca.

Eu sou uma garota tola. Eu lambo um pouco de refrigerante do meu lábio inferior e coloco o copo no balcão, enquanto olho para todos os rótulos coloridos de garrafas de licor ao longo das prateleiras.

Não há ninguém que vai se levantar para mim e eu não consigo nem pensar em confrontar sem ficar nervosa. Tentar engolir se prova inútil e então eu me empurro para fora do banco com as duas mãos agarradas à barra fria.

Minhas mãos estão úmidas, e quase digo ao garçom que estou indo ao banheiro como se ele estivesse se importando. Como se alguém se importasse.

Essa sensação de completa insignificância me segue a cada passo à esquerda do bar, enquanto me dirijo a um corredor estreito. É o único caminho a percorrer, então os banheiros devem estar lá. Eu só dou alguns passos antes de pensar que ouço um tiro. Meu corpo fica tenso e meu coração para. Sabe que, se fosse para bater, eu não seria capaz de ouvir alguma outra coisa.

Não há grito. Não há nada além do som da música. Eu devo ter pensado que ouvi. Está tudo na minha cabeça.

Meus olhos se fecham quando eu solto uma respiração. Mas então eles se abrem com um ruído familiar.

Não é o som desagradável de uma arma atirando. É o som de uma arma com silenciador, seguido pelo barulho de um corpo batendo no chão.

Bang, bang! Dois deles atrás do outro, e desta vez tudo parece mais próximo. Outro tiro. Meu corpo agarra-se à parede como se ela pudesse me esconder.

Eu me forço a me mover, a ir para trás e encontrar uma saída ou um lugar para me esconder. Eu posso ser uma

garotinha assustada, mal sobrevivendo no mundo do meu pai, mas eu não sou uma idiota.

Eu acelero o meu passo quando dou a volta, motivada pela pura vontade de viver. Mas toda a força que eu tenho, mesmo que seja minúscula, é por nada.

O grito que está rasgado da minha garganta mal é ouvido quando uma bolsa grossa cobre minha cabeça.

Meu copo cai no chão, batendo na minha coxa enquanto chuto e sinto falta do homem na minha frente. Meus braços acompanham, cada chute acompanhado pelo riso áspero de vários homens.

Eu tento lutar, mas não adianta.

É mais do que um homem, eu sei disso. Suas mãos são fortes e seus corpos como tijolos.

Eu não paro, mas nada que eu faça ajuda. Eu pulo, grito e chuto enquanto o terror flui através de mim, implorando-me para afastá-los e correr. Eu não posso ver, e meus braços gritam de dor quando estão presos atrás de mim.

Eu só sei que estamos na rua por causa do vento batendo na minha jaqueta fina. Eu só sei que estou em um porta-malas por causa do som revelador de sua abertura antes de eu ser jogada, meu corpo pequeno batendo contra a parte de trás quando é rapidamente fechado.

Silêncio.

Trevas.

Minha respiração está irregular e isso me deixa tonta.

Quando meus gritos param, minha voz está rouca, e minha garganta queima com uma dor severa toda vez que

tento engolir. Quando minhas batidas terminam, meus pulsos estão machucados e cortados nos punhos e meus músculos estão doendo de forma escaldante e me força a tremer.

Outra sensação se dá. Não é bem pânico. É outra coisa.

Não é um sentimento de desesperança. Não é isso também.

Quando você está sozinha e você sabe que nada está bem e nada vai ficar bem, há esse sentimento que é irresistível e inescapável.

Meu coração continua batendo apesar de tudo. Mas está indo rápido demais. Tudo está indo muito rápido e dói. E eu não posso parar isso. Eu não posso parar nada disso.

Quando você faz tudo o que pode, e fica sem nada além de medo do desconhecido e do conhecido, só há um jeito de descrevê-lo.

Esse sentimento é o verdadeiro terror.

CARTER

"Você vai mantê-la aqui?" Não é bem uma pergunta do meu irmão, mais uma declaração quando ele olha ao redor da cela. Jase era o filho do meio de cinco meninos e nunca aprendeu como começar uma conversa sem ser direto e contundente. Eu suponho que não posso culpá-lo. O pensamento me lembra de Tyler. O quinto irmão que morreu anos atrás. Sua memória entorpece a realidade do presente, mas apenas por um momento.

Jase se inclina contra a parede oposta com os braços cruzados e espera que eu responda.

Saímos em apenas uma hora. Cada pequeno tique do Rolex no meu pulso me lembra que eu estou tão perto de tê-la. Só o tempo nos separa agora.

Olhando do colchão fino no chão até a porta de aço do outro lado da cela, digo a ele: "Acho que vou colocar uma cadeira."

Sua expressão esquisita só muda um pouco. Ele pode nem perceber, mas eu vejo isso em seu rosto. A decepção. O desgosto. Eu posso ouvir a pergunta desconhecida que permanece a ponta da sua língua enquanto ele desviou o olhar de mim para a porta de aço atrás de nós. *Quando você se tornou tão fodido?* Ele não tem ideia.

"Vou precisar de um lugar para sentar." Eu mantenho minha voz, quase brincalhão, como se isso fosse uma piada. É assim mesmo, e ele me conhece melhor do que ninguém. Muito melhor que Daniel ou Declan. Os três e eu fazemos os quatro irmãos Cross. Mas de todos nós, Jase e eu somos os mais próximos.

Por mais que eu possa esconder a ansiedade de colocar as mãos em Aria de todos os outros, ele pode ver. Eu posso dizer com cuidado que ele está ao meu redor desde que eu disse a ele.

“Quanto tempo?” Ele me pergunta.

“Quanto tempo o quê?”

“Você vai mantê-la aqui?”

“Por quanto tempo for necessário.” *Para quê?* A pergunta está lá em seus olhos, mas ele não pergunta e eu não tenho intenção de dizer a ele de qualquer maneira. Eu poderia mentir e dizer a ele o tempo que a guerra levar para terminar. Enquanto for preciso para ver se ela será útil nas negociações se Talvery vencer. As mentiras podem derramar de mim, mas a verdade é simples. Contanto que me leve a decidir o que eu quero dela.

“Não há um chuveiro,” ele observa.

“Há uma torneira ao lado do vaso sanitário e um dreno. Ela vai descobrir enquanto está aqui.”

O tempo passa e um frio se instala no ar já frio. Eu sei que isso é algo que nunca fiz e cruza mais de uma linha. Mas em tempos de guerra, não existe certo e errado.

“Eu posso lhe dar outras coisas. Pouco a pouco.” Embora eu esteja respondendo a sua pergunta, estou apenas pensando em voz alta.

“Na última vez que eu estive aqui, eu estava recebendo algumas informações úteis,” comenta Jase enquanto se move para o canto da sala. Eu sei que ele está olhando para a borda do dreno, inspecionando-o por qualquer remanescente de sangue.

A cela só foi usada para uma coisa antes disso. É o que o Jase se destaca.

“Você está pensando em obter informações dela?” Jase pergunta com genuína curiosidade e antes que eu possa responder ele rapidamente acrescenta: “Eu não acho que Talvery é conhecido por falar de negócios abertamente.”

Eu elogiaria Jase por bisbilhotar, mas este não é um assunto que eu quero ele ou qualquer outra pessoa envolvida. Ela é minha e só minha neste negócio. E eu vou fazer o que eu quero com ela. Meus irmãos e todos os outros podem ir se foder onde ela está em causa.

“Não, eu não acho que ela saiba de nada.”

Jase caminha casualmente ao redor da pequena sala. Dez metros por dez. Isso é mais do que espaço suficiente. Sua bota escova contra o colchão e, em seguida, ele chuta. Não há molas ou bobinas na coisa. Não há nada aqui que ela possa usar como arma.

Eu me assegurei disso.

“Apenas um colchão e uma cadeira?” Ele pergunta, ainda contornando as perguntas que ele quer que sejam respondidas. Depois de anos de eu estar liderando e tomando as decisões, ele sabe melhor do que me questionar, mas isso está matando-o. Está comendo ele vivo que ele não sabe o que eu quero fazer com ela ou porque eu a quero. E o conhecimento de que isso está matando ele só me emociona.

“Por agora. Eu imagino que ela vai querer lutar e quanto menos coisas aqui, melhor.”

“E você acha que isso é um sinal de que podemos confiar no Romano? Ele te dá a garota, arriscando tudo para pegá-la, e você confia nele para ir para a guerra? Se ele realmente a

tem e está disposto a entregá-la a você?" Ele está chegando, ainda parado.

"Não podemos confiar em ninguém." Eu me certifico de que ele segure meu olhar quando eu acrescento: "Essa verdade nunca vai mudar." Nós só temos um ao outro. Foi assim que sobrevivemos e é a única maneira de continuarmos a viver.

Ele é mais esperto que isso. Eu imagino que Jase vai perceber porque tudo isso está acontecendo antes de qualquer outra pessoa. Esse é o seu trabalho, reunir todas e quaisquer informações necessárias. Por qualquer meio.

"Então isso é um teste?" Ele questiona. Sua testa está enrugada, uma linha profunda evidente. Ele tem sorte de ser meu irmão e ainda me sinto culpado por trazê-lo para isso. Por trazer todos eles mais e mais fundo no inferno que eu criei.

"Os Romanos querem os Talverys mortos e vice-versa. Todos disputam mais de uma década por território. Os Romanos precisam de aliados e de uma vantagem. Era só uma questão de tempo antes de concordar com a guerra, ela apenas aconteceu de ser a primeira vítima. Eu queria algo, e Romano vai me dar, então apoiamos ele e não os Talverys."

"Aconteceu?" Ele pede para esclarecer se eu realmente vou matá-la.

"Você e eu sabemos que se ela ficar com o pai dela, ela vai morrer ao seu lado... ou pior," eu digo facilmente quando saio da cela. Os passos de Jase ecoam atrás de mim.

"Por que salvá-la?" A pergunta de Jase ecoa nas minhas veias. Concordar em tomá-la é um risco que eu não deveria ter corrido.

“Foi uma decisão impulsiva.”

“É diferente de você,” Jase empurra, e eu tenho que estabilizar minha respiração para evitar que eu o mande se foder. Ele não tem ideia de que Aria uma vez me salvou. Ninguém faz, nem mesmo ela. Se eu a odeio por isso, ou por qualquer outra coisa, ainda não decidi.

“Depois que isso acabar, o que fazemos com ela?” Jase me pergunta.

Fechando a porta de aço, eu fecho bem e puxo a borda da pintura para trás sobre o pouco visível da fenda do quadro. A porta é projetada para ser escondida. Se você não souber como manobrar a pintura para destravar a maçaneta escondida, nunca veria uma porta.

É uma cela à prova de som que ninguém jamais encontraria. Impenetrável e equipada com um manto eletrônico para que qualquer tipo de rastreamento seja silenciado. É a nova casa de Aria.

Sua pergunta ressoa comigo quando viro as costas para a cela. *O que eu vou fazer com ela depois?*

“Eu não pensei muito longe,” eu respondo, e o tom da minha resposta põe fim ao seu questionamento.

ARIA

Meu coração vai me matar antes que esses homens o façam. Isso é tudo que posso pensar enquanto bate rápido no meu peito. Eu nunca senti um medo assim.

Talvez seja uma mentira já que eu nunca senti antes. Mas tem sido tanto tempo e eu não me lembro do meu coração batendo como está agora.

Meu hálito quente me faz me sentir fraca enquanto tento respirar de forma constante. Meus olhos se abrem, embora tudo o que eu possa ver é a escuridão com o saco ainda enrolado na minha cabeça.

Eu tenho que ser esperta. Por mais que eu adoraria lutar, tenho que ser esperta ou vou morrer.

É impossível ser esperta quando você está aterrorizada.

Minha garganta está seca, e parece áspero quando eu engulo, abrindo meus olhos para ver nada além da luz escassa que escoa através do pano. Não consigo entender nada, mas consigo ouvir tudo. Meus batimentos cardíacos erráticos soam nos meus ouvidos, o som de vários homens na sala e o arranhar de cadeiras no chão. Um deles se chama Romano e sei que ele odeia meu pai. Estou nas mãos do inimigo. Eu sei que estou em uma lona plástica. Eu posso sentir escorregar debaixo dos meus dedos. Quase parece um saco de lixo embaixo de mim. Isso é o que mais me assusta. Eu nunca vi meu pai matar ninguém, mas eu sei que eles estão no chão antes de passarem por isso. Isso facilita a limpeza.

Eu tento engolir novamente, levantando minha cabeça gentilmente porque eu sinto que vou sufocar se não respirar.

“A cadela está acordada.” Minha respiração engata com a voz rouca vindo de algum lugar na minha frente.

Eu tentei e falhei, ao não os deixar perceber que estou acordada. Mesmo quando a fumaça do charuto me acordou, e eu pensei que estava queimando, eu estava. Alguns minutos se passaram no máximo. Eu não percebi nada que vai me ajudar, além de que eu estou deitada no chão e desamparada.

Alguém responde: “Na hora certa.” E então uma risada áspera irrompe na sala.

Meu corpo dolorido estava duro, minhas mãos apertando e fazendo as algemas cavarem mais fundo em minha pele já machucada. Estou tão apavorada que não reajo à dor que ataca meus braços.

Cada segundo que passa é agonizante. Eles falam com calma, suavemente e em italiano. Uma linguagem de que eu sei muito poucas palavras.

Eu sei *baldracca* embora. É a palavra para prostituta e ouvindo isso faz com que meus ombros se agarram a um esforço inútil e patético de me esconder enquanto um novo sentimento de medo me domina.

Não há dúvida em minha mente de que estou sendo mantida em cativeiro por um dos inimigos do meu pai. Romano, ele é um dos muitos. Eu lhes daria tudo para poder correr de volta para casa e ficar lá para sempre.

“Por favor,” eu não posso evitar a tentativa de negociar esse deslize de mim. “Meu pai vai pagar o que você quiser.” As lágrimas vêm sem aviso prévio e minha voz racha em todas as outras palavras. O calor da minha respiração faz meu rosto aquecido se sentir ainda mais quente.

Eu nunca pensei em mim como uma pessoa tão fraca. Mas amarrada e sabendo que meu destino inclui a morte ou ser uma prostituta, o desespero supera qualquer outra coisa.

“Não há como salvar sua merda Talvery,” um homem zomba quando ele se aproxima de mim com passos deliberados. Seus passos pesados ficam mais altos e mais rápidos. Instintivamente eu tento me afastar, apesar de estar com meus pulsos algemados atrás das costas. Lutar é inútil. Com minhas costas contra a parede e não tendo para onde ir, tudo que posso fazer é encolher meu corpo enquanto a bota pesada chuta brutalmente em meu intestino.

O ar me deixa em um instante angustiante. A dor irrompe dentro de mim, irradiando para fora, enrolando no meu estômago. Ele afunda dentro de mim, fazendo-me querer vomitar para me livrar da dor agonizante.

Eu cuspo e vomito, tentando o meu melhor para ficar quieta. Lágrimas bastardas vazam dos meus olhos e eu não posso pará-las. Eu não posso fazer qualquer coisa.

Este é o inferno que eu tenho medo por tanto tempo. Um pesadelo que eu sabia que poderia ser uma realidade. Desamparo assume um novo significado.

Meu corpo treme e o medo é esmagador. Mas então eu me lembro, fique quieta. Seja esperta. Sempre há esperança. Sempre. Eu sou inteligente o suficiente para encontrar um caminho. A ideia é reconfortante por um momento até que eu ouço a bota subir novamente e no meu instinto de se encolher é recebido com risos na sala.

Eu rezo para que talvez eu acorde. Embora eu saiba que não é uma possibilidade que eu esteja dormindo, porque dor não te segue para seus sonhos. Não desse tipo.

Mas o pensamento me dá um conforto inebriante que me permite ficar quieta enquanto os homens falam e riem, suas brincadeiras zombando de mim e do meu desamparo.

Meu pai virá por mim. Esse último pensamento eu quase sussurro para mim mesma. Meus lábios pronunciam as palavras e eu permaneço na posição fetal com os olhos fechados.

Ele vai me salvar.

É o orgulho dele em risco. Se não por outro motivo, me roubar é um sinal de fraqueza para ele. Ele não permitirá isso. Minha respiração diminui à força, a adrenalina em meu sangue aparentemente desaparecendo de mim. Ele tem que me salvar.

“Você acha que deveríamos torturá-la primeiro? Conseguir alguma informação dela?” As duas perguntas são feitas por outro homem mais distante de mim e à minha esquerda. Um com uma maneira casual e despreocupada sobre as perguntas fodidas que levam à sala sendo preenchida com comentários italianos e uma risada divertida na minha direita.

O suor cobre minha pele. Ficando quente e frio enquanto o ar me sufoca.

O riso é silenciado com o som da abertura da porta e saudações são trocadas. Apenas três homens falam, e não consigo distinguir as palavras até a porta se fechar novamente.

Algo mudou. O ar da sala está diferente. Eu posso sentir isso.

“Essa é ela?” Uma voz profunda e áspera pergunta. A cadência aveludada do homem que interrompeu o riso jovial

deixa tudo parado. Arrepios fluem sobre cada centímetro da minha pele.

Não há resposta por um momento, mas imagino que alguém tenha acenado com a cabeça.

Mais uma vez, meu coração bate e gostaria que parasse. Eu preciso de ar. Tudo o que posso pensar é que vou ser abatida.

Eu não posso ser. Assim não. Por favor, Deus, não assim.

Minha adrenalina aumenta e eu não posso ajudar que minha cabeça se vire para ouvir melhor. Tudo na sala está imóvel e tão quieto que consigo ouvir o cigarro. É tão claro que posso imaginar seus lábios enquanto ele exala, a respiração profunda ofuscando todo o resto.

“Eu não achei que você faria isso,” diz a voz do novo homem com calma e controle. Os outros tinham um sotaque neles, mas este é daqui. Descendente da América, nascido e criado. Ainda assim, sua voz manda medo. Há algo sobre isso, a entonação que se sente como poder em si. Ele diz: “É muito raro que eu esteja errado.”

Medo e esperança fluem através de mim. O medo eu esperava, mas a esperança não faz sentido. Está viva em mim, embora. Alguma parte de mim pede para implorar ao homem de voz suave que me salve como se soubesse que ele é meu salvador.

“Aria Talvery.” Ele diz meu nome com reverência, mas mesmo então, quando ele se aproxima de mim, o pisar de seus sapatos no chão não é tão pesado e mau presságio quanto o homem que me chutou, eu instintivamente me afasto.

Eu nem percebo o quão calmo meu coração está até que ele diga as palavras que criam o caos total.

“O acordo não foi feito para ser tomada literalmente.” Uma enorme quantidade de italianos enche o quarto. Nem todo mundo está gritando, eu sei disso, mas vários estão e sua raiva ricocheteia pela sala.

“Você disse que faria isso, você ficaria do meu lado na guerra em troca dela. Você está voltando à sua palavra?” Uma voz é mais alta que o resto. Mais profundo e mais grosseiro. Isso envia um frio doentio pelos meus ossos.

“Eu não fiz, na verdade. E os termos precisam ser negociados.”

O homem com a voz rouca responde rapidamente e não esconde sua irritação quando ele responde: “Você sabe disso há três dias. Três malditos dias!” Ele grita as últimas três palavras e elas me fazem pular o máximo que posso nessa posição.

Falando com nada além de controle, o homem que me colocou nessa situação responde: “Como eu disse, não achei que você faria isso.”

“*Bastardo*,” uma nova voz cospe e é seguida pelo som de um soco.

“Porra!” Outro homem grita, mas não reconheço a voz dele, e o som de armas sendo engatilhadas enche a sala.

“Jase, não há necessidade.”

Meus olhos estão bem abertos enquanto eu fico indefesa no chão. As pontas dos meus dedos procuram por algo, qualquer coisa para me ajudar, mas o único progresso que estou fazendo é puxar o plástico abaixo de mim.

Sem qualquer aviso, três passos pesados se aproximam e o saco é arrancado da minha cabeça, levando um pouco do meu cabelo com ele e forçando um grito de mim. A luz brilhante me cega quando sou puxada para cima pela nuca, pegada do chão e depois jogada no chão novamente.

Eu não tenho as mãos livres para me segurar, elas ainda estão algemadas e então meu ombro bate no chão primeiro, depois o meu rosto. A sugestão de sangue enche minha boca, e a dor dispara no meu ombro.

Foda-se, dói. Tudo dói.

Eu balanço nas minhas costas quando eu grito.

Por favor, pare. Por favor. Eu gostaria de poder sair daqui. Eu queria que fosse apenas um sonho. Mas quando meu braço se contorce e arranha no cimento em um esforço para me endireitar, sei que isso é real. Eu não posso escapar disso. Eu choramingo de dor. Não há pesadelo para acordar. Essa é minha realidade.

"Você disse que me apoiaria se eu a desse para você!" Um grito violento rasga a pequena sala. Meu pescoço gira para ver o homem que falou sobre uma mesa. Uma mesa de madeira áspera e lascada, inacabada. A camisa do homem parece úmida de suor e seu rosto também brilha. Olhos escuros e negros olham através da sala em minha direção, mas não estão olhando para mim. A raiva em seu rosto é inegável e eu não posso olhar em qualquer outro lugar enquanto ele grita palavras que fazem meu corpo estremecer de medo. "Eu não vou deixar você voltar atrás sobre isso!" Meus olhos se apertam.

Eu ouvi os sussurros da guerra por anos de homem após homem. Faz tanto tempo desde que eu realmente temi a dica disso. Talvez tenha sido aí que cometi meu primeiro erro. Eu

esqueci que eu deveria estar aterrorizada e que o os perigos estão sempre espreitando e esperando para atacar.

Por favor me leve pra longe daqui. Eu posso imaginar isso dando errado tão rapidamente. Eu poderia ser baleada e nunca ter a chance de escapar. Meu coração dispara violentamente e o terror faz meu corpo tremer.

“E agora você a danificou,” o homem, aquele com controle, diz baixinho e calmo, mas com uma raiva incontida que está transbordando de ameaças. A letalidade de sua simples frase silencia a sala mais uma vez. É só então que me atrevo a abrir os olhos, olhando devagar pelos meus cílios.

Os olhos arregalados fitam profundamente os meus quando um homem alto se agacha diante de mim. Não preto como o outro homem, não tão escuro. Mas uma mistura de marrom e âmbar, como um pedaço de madeira queimada de um fogo violento.

Não há calor lá, embora. Seus olhos estão tão frios que fazem meu sangue congelar e instantaneamente o ar se transforma em gelo. Há uma sugestão de algo em seu olhar que fala de coisas inexplicáveis. Meu corpo fica tenso, meus pulmões temem se mexer e eu continuo parecendo uma presa no olhar do lindo caçador.

O tempo passa lentamente enquanto ele me considera. E eu me vejo esperando e rezando para que ele me salve. Que ridícula que eu sou, mas há algo sobre seus olhos. Eu não posso recusar a atração, a eletricidade em torno dele que parece dobrar o ar entre nós, fazendo-me sentir mais perto dele. Tão perto que ele poderia me salvar.

Suas intenções não são melhores que esses homens. Mas há apenas um dele e ele é um homem no controle. Eu prefiro isso ao caos que estou atualmente.

Eu sei isso. Ele pode me salvar.

Mesmo que seja só para me matar agora neste momento e acabar com a dor. E estou ciente de que ele poderia fazer isso. Não há nada sobre ele que possa esconder o fato de que ele é um assassino impiedoso e de coração frio.

Seus dedos roçam sua barba enquanto ele inclina a cabeça, considerando-me. A única luz acima, uma luz brilhante no meio da sala lança uma sombra em seu rosto que de alguma forma deixa sua mandíbula esculpida e dura ainda mais nítida.

Sua presença só fala de um poder que rouba o ar de mim. Eu não sou nada abaixo dele enquanto ele se eleva sobre mim. Meus olhos se fecham lentamente quando ele estende a mão e gentilmente escova o cabelo do meu rosto. Seu toque quente derrete tudo dentro de mim. É tenro, mas deliberado. A carícia reconfortante me deixa mais fraca como seus dedos viajam pelo meu queixo e para a minha garganta.

Sua masculinidade é inegável, o medo de seu poder só aumenta o desejo proibido que me invade. O homem é tudo o que aprendi a temer, embora a sensação esteja misturada com algo totalmente diferente. Algo que eu nunca admitiria.

E é quando ele me agarra, seus dedos envolvendo minha garganta e me forçando a abrir meus olhos, olhando de volta para o escuro abismo de seu olhar.

CARTER

"Eu pedi por ela, sim," eu finalmente respondo a Romano, embora eu ainda esteja olhando para o rosto de Aria, aqueles lábios dela separados e inchados da queda quando eu aumento meu aperto apenas um pouco. Raiva ondula através de mim à vista das feridas frescas. Aquele filho da puta colocou as mãos sobre ela. Eles a machucaram. Eles machucaram o que é meu. O tique na minha mandíbula espalma novamente à medida que a raiva se intensifica. Eles devem saber melhor do que tocar o que é meu.

Eu forço a raiva a ferver. Eu não sou um tolo. Há seis homens nesta sala e apenas um está do meu lado. Eu não estou apenas em desvantagem. Eu não estou preparado para lutar. E eu não pretendo fazer isso.

Eu quero pegar meu presente e deixar esse idiota com a guerra dele. Eu quero esse sentimento de volta, zumbindo em minhas veias. O poder absoluto de tê-la à minha mercê, sentindo sua respiração cortada e seu sangue correndo sob o meu alcance. Ela é minha. Finalmente.

"Mas não uma versão batida e quebrada dela," eu cerro as palavras através dos meus dentes e elas saem mais baixas do que eu esperava. Eu mal estou contido quando solto meu aperto, permitindo que ela rompa o contato visual e respire fundo.

Se eu ouvir outro apelo ou gemido dela em reação a esse filho da puta, eu sei que vou atirar no Romano sem pensar duas vezes. E isso não pode acontecer. Ainda não. No segundo em que ponho minhas mãos em Aria, o pai dela vai atrás de mim. Eu pedi a Romano para distraí-lo tanto quanto Romano precisa de mim.

Romano não responde, e imagino que seja porque estou de costas para ele enquanto olho para Aria. Mas ele vai ter que lidar com isso. Enquanto ela estiver aqui, ela estará olhando para mim e para mais ninguém.

Eu examino cada centímetro dela e cada vez que vejo uma lesão, meus dentes se apertam e meus músculos se enrolam. O corte no lábio inchado. Os arranhões e cortes em torno de seus pulsos. Há uma contusão no braço dela e tenho certeza de que há mais coisas que não consigo ver.

“Acabamos de pegar a duas horas atrás. Ela não está quebrada. É melhor você não me foder.” As palavras de Romano são apressadas e desesperadas enquanto eu me levanto, deixando a garota onde ela está.

Meu coração dispara, mas eu não deixo transparecer. Para eles, ela é apenas uma garota que eu escolhi aleatoriamente. Uma garota que era mais difícil de sequestrar. Apenas um desafio para eles e nada mais.

“Isso não é uma luta ou debate,” digo para Romano com as costas ainda para ele. Eu quero que ele saiba em seu mais sincero coração que eu sou o único que o ajuda, e é apenas fora do meu desejo fazê-lo. Ele fodeu mais de um dos seus aliados no passado. Vou fazê-lo pensar duas vezes antes de decidir que posso ser usado como peão.

Mesmo sabendo o quanto está em jogo neste momento, eu mal posso pensar.

Eu não posso tirar meus olhos de Aria. Seu peito sobe e cai constantemente enquanto ela rola para o lado. Seus lábios são um lindo tom de vermelho. O cabelo dela desgrenhado e escorrendo pelo ombro nu. Mas o que é melhor é como ela continua olhando para mim com uma mistura de medo e esperança rodando naqueles impressionantes olhos cor de avelã. Eu não sabia que ela ficaria assim. A visão é viciante.

“Por...” Ela começa a dizer - para mim - mas Romano a interrompe. Sua voz doentia e desesperada silencia os sons suaves dela falando comigo. Meus punhos apertam, quase dividindo a pele apertada em meus dedos e instantaneamente meu terno parece que está me sufocando. Sua ignorância será a morte dele.

“Nós fizemos um acordo e isso vai beneficiar a nós dois, Cross.”

Quando eu solto minha gravata, andando mais perto dele na sala imunda, ele continua: “Você não tem que fazer nada além de me dar esse território, Carter.” Ele levanta as mãos em defesa quando eu olho para ele. “Só por pouco tempo, só para podermos atacar primeiro. Você está mais perto de Talvery. Você não quer que seus homens façam o trabalho, então que outra escolha eu tenho do que assumir?"

Meu olhar varre sobre uma pilha de caixas no canto da sala. Há três delas em cima de paletes vazios. A mesa de madeira é suja e desgastada. Eu só posso imaginar o sangue, o suor e as drogas que se infiltraram na madeira. Mesmo com o cheiro de fumaça, o fedor é revoltante.

Cada homem na sala está vestido de maneira semelhante, exceto eu e Jase. Eu sempre uso um terno, é melhor se vestir a rigor. A tentativa de Romano com um terno mal ajustado não durou muito tempo. Sua jaqueta enrugada é uma poça de tecido barato que se estende pelas costas de sua cadeira. Os outros usam capuzes e camisas indefinidas com jeans folgados desbotados. Cada um dos bandidos olha para mim enquanto eu os examino, e cada um de seus olhares questionadores cai sem uma palavra pronunciada de seus lábios insignificantes.

E então eu olho para ela. De volta às curvas suaves de sua cintura, o halo bagunçado de cabelos escuros ao redor de

sua pele pálida. Sua esbelta garganta está tão exposta quando ela se contorce em silêncio e desesperadamente no chão. Esta criatura linda e quebrada. Ela é toda minha.

"Seus homens estão posicionados entre Fourth e Weston, dê esse território para mim para que eu possa derrubar seus homens." Romano começa a falar em termos. "Bem leve-os todos para baixo ao mesmo tempo em cada extremidade do seu território. Qualquer homem que esteja contra nós depois disso, morrerá. É simples. Eles nos apoiam ou morrem como o resto deles."

"Eu já ouvi isso antes," murmuro. Ele diz que vai matar todos eles. Apagar qualquer traço de Talvery da nossa existência. Está relacionado a negócios inacabados iniciados uma década antes de mim. Tudo em nome da ganância.

"Apenas me dê acesso a esse território e aos fornecedores das armas." Ele cheira a desespero quando acrescenta: "Foi com isso que você concordou!"

Eu esperava muitas coisas quando cheguei aqui. Mas essa quantidade de irritação é algo que eu nunca contei. Conforme os segundos passam, imagino como eu poderia matar todos e cada um dos homens nesta sala. Quanto tempo levaria. Com quantos tiros eles cairiam. Jase está atrás de mim e eu sei que ele poderia se manter.

Eu tenho que afastar a tentação e a ânsia de pegar Aria sozinho. Deixando a imagem de sua bela figura amassada aos meus pés, concentro-me no assunto em questão.

"Você quer que eu recue, limpe o caminho para seus homens?" Pergunto-lhe.

"Eles nunca verão isso vindo se os levarmos do seu lado e do meu. Nós assumimos a fronteira do seu território." Eu cortei o filho da puta antes que ele pudesse terminar.

“Ele vai pensar que sou eu matando-os. Quando seus homens ao redor da borda do meu território começarem a morrer, ele virá depois para mim sem pensar duas vezes.” Minhas palavras saem mortais. “Não sou eu que vai começar uma guerra, é você.”

“Eu estou dando ela para você por uma razão.” Ele corre suas palavras com sincera perplexidade.

“Sem acordo,” eu digo e me viro para sair, mas o gemido de Aria atravessa o ar. Mesmo sem uma palavra falada, eu posso ouvir seu pedido para não a deixar à mercê deles. Faz coisas para mim que não deveria. Apenas o conhecimento de que a ameaça da minha ausência pode criar uma reação dela é tudo para mim neste momento.

“Espere!” As mãos de Romano batem na mesa de madeira no centro da sala. “E se,” ele engole visivelmente enquanto se afasta da mesa e solta um suspiro pesado. Eu dou uma olhada em Jase pela primeira vez desde que nós estivemos aqui. Em um terno sob medida e os braços soltos na frente dele, ele poderia ser o organizador de uma porra de casamento agora. Bem, se não fosse pelo brilho em seu rosto, que só pode ser lido de uma maneira, para qualquer um que olhe para ele se foder.

“E se...” Ele faz uma pausa e limpa a garganta antes de me olhar nos olhos. “Assim que eu assumir o território de Talvery, podemos dividí-lo.” Ele ganha uma pequena reação de mim, a inclinação da minha cabeça para ele continuar. “Eu quero começar a inundar o produto no topo, mais próximo a apenas fora da área dos três estados, para manter os policiais longe de nossas bases.”

“E?” Eu o questiono. “Nada disso é relevante para dividir uma coisa maldita.”

“Eu só preciso do território dele no Upper West Side. Eu nem tenho homens suficientes para cobrir o resto,” ele diz em um tom mais leve, quase cômico, como se o problema já estivesse resolvido.

“Eu não estou interessado em mais território,” afirmo, e minhas palavras faladas quase fazem a expressão esperançosa em seu rosto desvanecer-se. “Mas eu ficaria feliz em tomar uma porcentagem dos lucros para cobrir minhas perdas,” eu ofereço. “Dezesseis por cento a cada trimestre, até que minhas perdas sejam pagas.”

“Combinado.” Romano é tão rápido em aceitar, até mesmo seus próprios homens olham para ele e não para mim. Eles não podem ser tão estúpidos. Uma guerra de números pares nunca é uma coisa boa. Eles precisam de homens e territórios e apoio. Eu lhes darei o mínimo e rezo para que eles ainda matem uns aos outros.

Eu aceno com a cabeça uma vez. “Combinado,” eu digo e enquanto forço um semblante de um sorriso aos meus lábios, eu ofereço-lhe uma mão estendida.

Eu tenho que evitar que o sorriso se espalhe quando volto minha atenção para a garota de olhos arregalados, ainda amarrada no chão. “Jase.” Eu falo com meu irmão, embora eu mantenha meu olhar sobre ela. “Coloque-a no porta-malas.”

ARIA

É ESTRANHO, as coisas que você pensa quando está sozinha por horas em uma sala cheia de nada além de desesperança e raiva. Alguns pensamentos fazem sentido, claro.

Pensamentos de Mika e como ele deveria estar lá. Ele deveria estar no bar e eu me pergunto se ele sabia. Se ele pegou meu caderno porque ele sabia o quanto eu amava a minha arte e eu iria atrás dele. Acho difícil acreditar que ele não esperaria que eu fosse atrás dele. Ou então por que fazer isso? Passei horas tentando determinar as intenções de um idiota psicótico.

Mas a verdade é que eu não teria ido atrás dele por qualquer razão. Eu não teria deixado a segurança de casa... se aquela foto não estivesse guardada em segurança lá dentro.

Os pensamentos de Mika e como a minha realidade é sombria parece razoável.

Outros pensamentos, no entanto... outros pensamentos não fazem sentido.

Como os flashbacks da minha mãe.

Fui assombrada por tantas imagens do que aconteceu no dia em que ela morreu por anos agora. Mas nenhuma daquelas me fazem companhia enquanto eu balanço no chão de cimento no canto da cela.

São as coisas mais doces que eu lembro que estão me deixando louca.

Meu polegar roça o corte no meu lábio, enviando uma dor aguda através de mim que me lembra que isso não é um sonho.

“Aria,” eu ouço minha mãe chamar por mim na memória. Eu estava me escondendo no armário, tão orgulhosa por ter me escondido tão bem. “Ria?” Sua voz mudou para medo e esperança, e meu sorriso desapareceu. “Ria, por favor!” Ela implorou quando seu grito abafado do corredor me chamou para me mostrar. Meus dedos seguraram a porta do armário no momento em que ela forçou a porta do quarto de hóspedes a abrir. Lembro-me como seu vestido azul claro balançava em volta dos joelhos. Como seu cabelo perfeitamente preso não era desfeito. No entanto, sua voz e seu porte não eram nada além de confuso.

Eu gostaria de poder voltar àquele momento. Onde ela estava correndo em minha direção e tão perto. Onde ela inevitavelmente estaria ao alcance.

“Não se esconda de mim.” Suas palavras foram esfarrapadas quando ela me puxou para o peito. Ela me balançou rápido demais, ela me segurou com força antes de segurar meus braços e me fazer olhar nos olhos dela. Nunca esquecerei como a dela encheu. “Você não pode se esconder assim.” Suas palavras foram dolorosas, elas saíram como apenas um sussurro.

“Sinto muito, mamãe,” eu tentei falar as palavras, então ela sabia que eu quis dizer. “Eu estava apenas brincando.”

Lágrimas escorriam dos cantos de seus olhos quando ela me puxou de volta para seus braços e me balançou.

Ela sussurrou muitas coisas, mas a que ficou comigo é que não vivemos em um mundo onde podemos brincar.

Eu deveria saber melhor do que correr atrás de Mika.

Cada situação possível de uma solução passa pela minha cabeça enquanto eu mordo minha unha e balanço contra a parede de cimento. Eu não posso sentar. Minhas pernas me imploram para correr, mas sem ter para onde ir, simplesmente me levanto e me inclino na parede oposta, em frente à porta. Esperando que ele a abra.

Eu estava apenas brincando comigo, pensando que poderia me provar ser qualquer coisa quando fui caçar Mika. Eu era infantil e tola. Eu posso ouvir minha mãe dizendo isso agora. Como ela era tola, ela disse isso o tempo todo antes de morrer. E tola é o que eu me tornei.

Eu continuo sussurrando que sinto muito, e sei que o homem está me observando. Carter. Isso é o que os homens que me sequestraram disseram.

Carter Cross. Eu sei que ele pode ouvir meus sussurros de desespero.

Eu não estou dizendo isso para ele, é uma desculpa para minha mãe. Eu deveria saber melhor do que perseguir a lembrança dela naquela foto. As palavras são ditas enquanto me concentro no dreno de metal no canto da sala.

Entre o vaso sanitário, o colchão e o ralo, sei que esse quarto é destinado a prisioneiros, mas também a tortura e assassinato. Um e depois o outro.

Eu procurei cada polegada, os lados das minhas mãos estão machucados por bater de novo na porta de aço alta. Simplesmente não há escapatória. Um caminho e uma saída.

Eu deveria ter lutado mais arduamente quando Jase Cross, o irmão de Carter como eu o ouvi chamar, segurou o pano na minha boca.

Roubada, drogada e transferida para uma prisão: é nisso que minha vida se tornou.

Os sons fracos da câmera em movimento arrastando minha atenção de volta para isso. É a única coisa na sala que eu gostaria de poder destruir. Há apenas uma do que eu posso dizer, e está no canto direito da sala.

Mas a câmera está envolta em cimento e intocável, se jogasse a cadeira de metal seria uma tentativa fraca. Enquanto olho para o colchão, envolvo meus braços em volta de mim. Eu não vou dormir nele. Não há como minhas costas se sentirem bem.

Eu respiro fundo, revivendo a sensação daqueles olhos escuros fixando-me no lugar.

Eu sei o que ele quer de mim, mas ele terá que lutar comigo para conseguir. Vou chutá-lo, mordê-lo, arranhá-lo até minhas unhas quebrarem e sangrarem.

Vou fazê-lo se arrepender disso, se é a última coisa que faço.

Meus dedos levantam lentamente para o meu queixo e depois descem pela minha garganta. Lembrando como seu gentil conforto tão facilmente se tornou uma ameaça.

Meu coração bate forte, uma vez e duas vezes quando eu ouço a porra da câmera se mexer novamente.

“Por que você está se mexendo?” Eu grito como uma louca, o mais alto que posso. Minha garganta está cheia dos gritos de antes, meu corpo gritando junto comigo em uma respiração estremecida.

“Eu não estou indo a lugar nenhum!” Eu grito de novo e depois coloco meus braços mais apertados em minha volta, eu mesma caio no chão na minha bunda e depois no meu

lado. Do jeito que eu estava quando o monstro me encontrou pela primeira vez.

Os cortes nas laterais dos meus pulsos tocam o chão sujo de cimento. Eu deveria deitar no colchão. Eu sei que deveria, mesmo quando minhas bochechas sujas de lágrimas descansam no chão implacável.

Se, por nenhuma outra razão, ter energia para lutar outro dia. Ele está me esperando, eu acho. E isso é algo que não posso lutar. Horas e horas se passaram.

Não sei quanto tempo se passou exatamente, mas sei que tenho que dormir. Eu não posso ficar acordada para sempre, esperando o que vem a seguir.

Eu estou menos poderosa e completamente à mercê de Carter. E ele nem está aqui. Ele me roubou da minha casa, depois quase me deixou nos braços do sequestrador. E agora que ele me tem, ele me deixa para enlouquecer sozinha.

É exatamente assim que eu me sinto quando meus olhos pesados olham para a porta e o sono ameaça assumir o controle. Quando você não sabe o que está esperando por você, o que você terá que lutar, pode fazer isso com você. Isso pode fazer você se sentir maluca.

Mais uma hora se passa, ou mais. Tanto tempo escapa e toda a minha luta se foi. Em seu lugar, apenas medo e exaustão permanecem.

“Por que você está fazendo isso comigo?” Eu sussurro enquanto olho para a câmera, imaginando todas as respostas que poderia me dar. E nenhuma delas me oferece conforto.

Acho difícil acreditar que, quando ouvi a voz dele pela primeira vez, estava tão desesperada para ele me levar embora. A culpa está nos meus instintos de sobrevivência. O

medo do que aqueles homens teriam feito comigo me deixou desesperada por Carter para me levar. Minha mente retorna àquele momento, e eu gostaria de ter procurado mais por uma fuga diferente.

Ele vai voltar. E eu preciso poder lutar com ele. Mas como eu posso, quando não sei quando ele está vindo, e tenho que dormir? Eventualmente, eu tenho que dormir.

Eu cochilo uma vez, pelo menos uma vez que eu sei, e fico acordada apenas para me encontrar com dor no chão. Forçando eu tento abrir a porta mais uma vez e depois choro no chão. Imagino-o abrindo naquele momento, e isso só me assusta me fazendo ir para o canto mais distante da sala.

Quão doloroso é, pois o único conforto que tenho é saber que quando o monstro voltar, estarei tão longe dele quanto possível. Mesmo que seja apenas dez metros.

Mas é o que eu precisava para finalmente dormir.

De todas as coisas para sonhar, eu sonho com minha mãe.

E mais uma vez, eu deveria saber melhor do que deixar minha mente vagar pela memória de sua morte.

CARTER

Ela adormeceu depois de quatorze horas à procura de uma fuga, batendo a cadeira na porta, gritando profanidades, balançando contra a parede e sussurrando todos os seus arrependimentos.

E eu assisti cada minuto bem no início da manhã. Obcecado com o que ela faria e assistindo a luta deixá-la a cada hora que passava.

Depois que ela percebeu que seus esforços eram inúteis, ela cantarolou suavemente. Tão baixo que eu pensei que era apenas um zumbido da câmera até que eu aumentei o volume. Ela cantarolou por horas. Eu nem sei se ela notou.

Ela finalmente adormeceu, o zumbido de uma canção de ninar ainda suave nos lábios dela. A emoção da vitória está no meu sangue.

Foi só então que deixei meu escritório e os monitores, lembrando-me de ser paciente. Eu não ficaria surpreso se o carpete debaixo da minha mesa estivesse desgastado pelo ritmo dos meus sapatos contra ele.

Meu último pensamento quando saí do escritório e verifiquei a tela do meu telefone, era que, tanto quanto ela estava lutando agora, ela desabaria. Ela cederia e obedeceria. Ela não tem escolha. E o tempo está do meu lado. Não no dela.

Uma hora para passar por ordens e atualizações sobre cada uma das entregas, ouví-a gritando novamente. Mas em vez de trazer o zumbido de um desafio, seus gritos coalharam meu sangue.

O suor ainda está quente na minha pele quando finalmente chego à cela e chuto a porta aberta com a arma engatilhada na minha mão. Meu coração bate no meu peito. Os gritos de Aria são violentos e estridentes.

Eu não sei o que aconteceu, quem diabos chegou a ela ou como eles entraram aqui. Mas alguém tem as mãos nela.

Meu coração martela e a raiva de seu desafio é embotada por algo primitivo, um medo que envia um arrepio de desconforto através do meu corpo em um instante. Eu posso ouvir o terror em sua voz como ela grita no quarto escuro para alguém ajudá-la.

Alguém está lá. Alguém está machucando-a. É inegável em seus gritos. Eu não posso respirar. Eu finalmente a tenho em minhas mãos. *Minha.*

Minha respiração é mal controlada com a arma levantada no ar acima de seu lugar no chão. Quem quer que seja, vai ter uma morte dolorosa por pegar o que é meu. “Por favor!” Ela grita, seus olhos se fecharam enquanto seu corpo endurecia e suas costas se arqueavam no colchão. Ela grita novamente, tremendo e desamparada. Seu pequeno corpo está embalado em si mesma.

“Carter!” Eu ouço Jase me chamar, a porta da cela ainda está aberta. Eu posso ouví-lo correndo pelo corredor.

Agora que a cela está aberta, todo mundo aqui pode ouvir seus gritos.

Minha arma abaixa lentamente quando Jase entra no quarto atrás de mim. Sua respiração está irregular quando ele fecha a distância e fica ao meu lado. Nossas sombras se erguem sobre seu pequeno corpo, desamparada na cama. Ela não para de chorar e, embora não soluça, os sons estão lá.

Ela é cativa por seus sonhos.

“Pesadelos,” diz Jase com uma respiração pesada. O metal da arma dele esfrega contra o jeans dele quando ele a desliza de volta para o lugar e olha para mim. “Eu pensei que alguém estivesse aqui.” O cansaço está gravado em seu rosto, mas também a aparência crua de medo. Ele leva um momento para se recompor antes de começar a me dizer: “Eu pensei...”

Quando ele começa a falar, ela grita de novo e a nitidez da dor envia arrepios sobre a minha pele que arrastam seu caminho pelo meu corpo.

É um grito desesperado que soa estranho aos meus ouvidos, embora eu esteja tão acostumado a ouvir algo parecido. Pedidos de misericórdia, que eu nunca mostro.

“O que você quer fazer sobre isso?” Jase me pergunta. Ele ainda está recuperando o fôlego, assim como eu estou. Eu posso sentí-lo olhando para mim, querendo saber o que fazer a seguir. Eu não posso tirar meus olhos dela enquanto ela se enrola ao seu lado.

Jase se vira para a porta com os sons de alguém mais descendo o corredor faz a sua presença conhecida.

“Vou colocá-la no colchão,” digo-lhe distraidamente. “Cuide de quem quer que seja e feche a porta atrás de você,” ordeno-lhe, e minhas palavras saem de repente. Eu tento manter a emoção longe, mas uma sensação de desespero é evidente. Isso não fazia parte dos meus planos. Meus dedos mergulham no meu bolso, tocando o controle que vai abrir a porta para a cela enquanto eu estou do lado de dentro.

“Você acha que eles fizeram algo para ela? Romano? Ou talvez seja o que ela pensa que está vindo?” Jase pergunta e finalmente me viro para olhar para ele.

“Como diabos eu sei?” Minhas palavras soam duras. A raiva dele sugerindo que seu terror é causado por pensamentos do que eu vou fazer com ela é inesperado e mais do que isso, indesejado. De todas as coisas que eu esperava dela, eu não previ isso.

Isso me corta de uma maneira que não posso explicar. Eu quero consumí-la em todos os pensamentos. Eu quero que ela viva e respire por mim e meus desejos. E talvez este seja o custo de tudo isso. Que eu possa tê-la durante seus dias, mas as noites dela vão destruí-la.

“Apenas um pesadelo, então,” diz Jase como se fosse uma observação casual. Os gemidos ainda escorregando de seus lábios entreabertos são acompanhados por um som estrangulado de dor.

“Você não deve acordá-la, sabe?” Jase suspira. “Quando as pessoas têm pesadelos, você não deve acordá-los.”

A fechadura da porta está bloqueada e a sombra de outra pessoa cobre o esbelto pescoço de Aria e os ombros nus. Eu não me viro para olhar, mas não preciso. É Declan, perguntando o que está errado. Ele sabia que ela estava aqui, mas ele não quer fazer parte disso.

“Está tudo bem,” diz Jase e depois continua: “Eu não acho que você pode fazer algo realmente.”

“Apenas vá,” eu digo a eles e fico mais quieto enquanto eles saem da sala, levando com eles a luz do corredor quando a porta se fecha. O rangido do aço é atingido com um baque e, em seguida, o clique da fechadura. Leva um momento para os meus olhos se ajustarem. Outro momento de seus pequenos gritos e depois um grito. Um grito aterrorizado.

“O que eu fiz que me rendeu isso?” Eu a questiono, embora eu saiba que ela não pode ouvir. Eu não a toquei, nós

nem começamos. Eu quase toco os cortes nos pulsos dela, mas eu puxo de volta. Vou dar-lhe pomada e bandagens de manhã. Ela terá que fazer isso sozinha até que ela ganhe meu toque.

"Por favor, não," ela implora em seu sono. Suas palavras são tão suavizadas, e me pergunto se elas surgiram assim em seu sonho. "Por favor," ela implora.

"Você não sabe o que está perguntando, passarinho," digo a ela suavemente e considero minha própria sanidade neste momento. "Você nunca teve escolha. No momento em que seu pai me deixou vivo, seu destino foi selado," confesso a ela alguma coisa. Eu nunca disse em voz alta para ninguém.

Ele deveria ter me matado. É culpa do Nicholas Talvery que eu possa viver outro dia.

Sua culpa... e de outra pessoa. No momento em que o pensamento vem até mim, eu a vejo tremer. Lindamente fraca no chão frio e implacável, o sono levando mais e mais dela enquanto suas palavras se tornam mais silenciosas.

Ela morde o lábio inferior entre os dentes e é a única parte dela que se move. "*Por favor."* Seus lábios balbuciam a palavra.

Ajoelhando diante dela, eu sou lento e deliberado quando eu a pego. Consciente de onde minha arma está escondida, caso ela esteja me enganando. Ela é leve e se encaixa facilmente em meus braços. Eu pensei que ela poderia lutar comigo. Que ela reagiria com medo ao meu toque. Mas em vez disso, ela molda seu corpo para mim e seus dedos esguios se agarram minha camisa. Segurando-me mais apertado para ela.

Seus lábios roçam na curva do meu pescoço enquanto eu a carrego os poucos metros até o colchão. Seus apelos ainda

são sussurrados, e o calor suave de sua respiração envia um formigamento pela minha espinha. Eu mal consigo conter um gemido de desejo enquanto a movo para o colchão. Ela ainda se agarra a mim, segurando firme e me implorando. Desta vez ela me pede para não deixá-la.

“Não vá. Fique comigo... por favor,” mal ouço suas palavras. Seu rosto ainda está machucado, mas há gentileza em seus gritos enquanto eu a coloco no colchão.

Sua mão se encaixa na minha enquanto eu puxo seus dedos de mim e os coloco em seu peito. Seu peito sobe e desce enquanto ela se acalma, vagarosamente indo para um lugar diferente.

O tempo passa rapidamente. Muito depressa quando me sento no colchão fazendo-o mergulhar com o meu peso e olhando para ela. Seus suspiros pesados enfatizam seus seios, o pedaço de renda de seu sutiã preto espreitando de sua camisa. Quase me tenta tanto quanto o mergulho de sua cintura.

Meu olhar acaricia cada curva de seu corpo quando me lembro da primeira vez que ouvi seu nome.

O dia em que minha vida mudou para sempre.

Seu colchão geme em protesto quando Aria se vira em seu sono. Estabelecendo-se no colchão e meu corpo enrijece. Eu não deveria estar aqui agora. Isso não é como eu ganhando o controle que eu quero. Eu não posso respirar até que ela esteja quieta e sua própria respiração se equilibre. Mas quando eu me movo para ficar em pé, deslocando meu peso um pouco, o colchão cai e a mão dela cai, seus dedos suaves roçando os meus, as pontas se tocando.

Minha mão permanece ainda abaixo da dela, mas implora para eu explorar. Para deslizar meus dedos entre os dela.

Fechando os olhos e inalando profundamente, lembro-me de que há tempo.

O tempo vai mudar tudo.

Meus olhos se abrem do lembrete. Assim como aquele dia fez anos atrás.

O dia em que meu pai me deixou na esquina das lojas West e Eighth na loja de bebidas para vender aquele último pacote de drogas. Eu era mais acessível, de acordo com ele e nós precisávamos pagar as contas. Não importava o que eu disse ou o quanto eu não queria fazer isso. Eu era o mais velho dos cinco, minha mãe estava morta e não tinha mais nada em mim. Nada além de dor.

Meu pai me deixou sem saber no território de Talvery. E não demorou muito para que eu aprendesse o que significava vender drogas em seu território.

Eu era apenas uma criança antes daquele dia.

Mas um dia muda tudo.

ARIA

ACORDAR com meu coração batendo no meu peito, a esperança de que tudo foi um pesadelo se desintegra quando tudo o que posso ver são paredes de cimento e blocos de concreto.

Eu tenho que fechar meus olhos e cobrir meu rosto para evitar de ver isso. “Isso não pode estar acontecendo.” As palavras trêmulas deixam meus lábios espontaneamente. Envolvendo meus braços em volta dos meus joelhos, eu tento dizer a mim mesma que tudo é um sonho. Balanço para frente e para trás e, ao fazer isso, os sons do colchão rangendo embaixo de mim e a sensação dos meus saltos entrando no edredom faz meu corpo congelar.

Eu tento lembrar a noite passada, e eu sei muito bem que eu dormi no chão apenas a alguns metros de distância. Eu sei que fiz.

Minhas mãos voam sobre o meu corpo. Como se pudessem checar se eu estava ainda vestida.

Eu sinto as pontas afiadas de uma garganta áspera, mas engulo em seco, tentando reprimir o terror do que ele poderia ter feito comigo.

Devo ter me arrastado para a cama e não me lembro disso. Eu sei que não fui tocada. Eu sei, não é? “Eu diria,” eu digo palavras em voz alta como se eu estivesse falando com outra pessoa. Talvez eu só precisasse da tranquilidade. Não me lembro de nada depois de adormecer. Eu gostaria de ter ficado acordada.

As palavras sussurradas ecoam na sala vazia enquanto olho para a porta. E então para a câmera enquanto ela se

move. Carter Cross, quase falo seu nome em voz alta. Eu já ouvi o nome dele, sempre falei com raiva. Eu sei que ele é um dos vários irmãos e chefe de um cartel de drogas. É aí que a informação termina. Meu pai nunca gostou que eu soubesse de nada e as únicas coisas que aprendi foram as lascas da verdade de Nikolai. E ele só me disse o que eu precisava saber. Eles disseram que era para me proteger, mas eu daria qualquer coisa para saber o que eu estou enfrentando.

Eu daria tudo para saber o que Cross é capaz de fazer.

Ele só vai me deixar aqui para morrer? Minha garganta doía de um jeito que eu não achava que fosse possível.

“Deixe-me sair,” minha voz rouca implora e as próprias palavras são como facas raspando minha garganta. Eu não comi nada ou tomei um pouco de água desde que cheguei aqui, e nem sei quanto tempo passou.

Eu fico em pé um pouco rápido demais, e quase caio enquanto tento fazer o meu caminho para a porta. Estou tonta e acho que posso vomitar.

Ainda assim, vou direto para a porta, puxando a maçaneta e tentando desesperadamente abrí-la. Meu punho bate contra isso, mais e mais.

Não adianta, menina estúpida.

Mais uma vez, eu bato meu punho e grito: “Deixe-me ir!” Mas eu só me encontrei com uma porta imóvel em uma sala vazia, sem jeito e nenhuma ideia do que vai acontecer comigo.

A dor da próxima batida do meu punho me faz estremecer e segurar minha mão no meu peito. Minhas costas pressionam contra a porta enquanto eu caio lentamente na minha bunda, descansando minha cabeça contra a porta.

Tantos momentos lentos passam. Momentos onde eu apenas tento respirar. Momentos em que meus dedos roçam os cortes nos meus pulsos. Momentos em que eu me levanto e me alongo e finjo como não é estranho se esticar quando você está enjaulada como um animal. Qual é o ponto se não há escapatória?

Demoro-me mais do que deveria para ver a bandeja de espuma com um sanduíche de queijo grelhado e o copo de água ao lado.

E um balde de água com uma esponja atrás dela. Passei tanto tempo olhando para a porta que não vi.

Ele veio aqui.

Ele esteve aqui.

Meu peito levanta e novamente meus dedos viajam para minhas coxas. Ele não fez isso. Eu saberia. Eu mal posso conter o medo de saber que ele entrou aqui enquanto eu dormia. É difícil de engolir e fico longe da bandeja de comida.

O tempo passa novamente. E depois mais tempo. Não há mudança em minha situação, salvo minha sanidade.

Apesar de meu estômago roncar e os deliciosos aromas de manteiga e queijo são tudo que posso sentir, deixo a bandeja onde está.

Eu não como e não me desfaço para me banhar. Não com ele assistindo. A raiva ferve e sobe a tal ponto que quase jogo o balde pela sala, direto para a câmera.

Eu não sou seu animal de estimação ou seu assunto de teste. Ele pode pegar aquela bandeja de espuma e se foder com ela. Pelo menos é o que eu penso quando me mudo para esperar vê-lo, o pensamento até me dá alegria. As horas passam e depois mais. Quanto tempo eu não sei. Não há nada

nesta sala e a solidão e o tédio são apenas duas das emoções que não tenho certeza de que poderei lidar se for assim que minha nova vida será iniciada.

Minha mente começa a me enganar e eu me vejo gravando pequenas coisas nos blocos de concreto com um botão na minha camisa. A camisa já está rasgada, então não importa. Os dois primeiros botões foram retirados, o primeiro há muito perdido e o segundo agora uma ferramenta de escrita. Um pequeno e pobre, mas não há mais nada a fazer senão andar e deixar minha mente vagar.

E isso me leva a lugares terríveis.

Estou ocupada esculpindo um padrão, um padrão inútil e sem sentido de pássaros e videiras em um bloco que não é nem profundo o suficiente para ser visto claramente quando a porta se abre atrás de mim.

Meu coração se agita e eu balanço meu corpo tão violentamente que a parte de trás da minha cabeça colide com a parede, o botão escorrega da minha mão e o som de uma batida no chão enche a sala.

A inundação de luz se perde rapidamente quando Cross entra na minha cela e fecha a porta atrás de si. Sua figura é como uma sombra das trevas enquanto ele caminha em minha direção.

“O que você quer?” Eu pergunto instintivamente, mal conseguindo respirar, quanto mais engolir as palavras patéticas antes de poder falar. Estou feliz por não ter comido porque se tivesse, teria perdido tudo neste momento. O pânico preenche dentro de mim.

Ele está quieto enquanto dá um passo à frente e depois outro. Ele só tira os olhos de mim uma vez, e isso é para olhar na cadeira no canto da sala.

“Meu pai virá para mim,” digo a ele enquanto ele caminha em direção à cadeira e a posiciona para que ele possa sentar e me encarar. “Ele vai matar você,” acrescento, e minhas palavras estão estranguladas, mas audíveis.

Sou recompensada com um sorriso suave em seus lábios. A barba na mandíbula é mais perceptível e seus olhos parecem mais escuros, mas talvez seja apenas a luz. Tudo mais sobre ele é mais um pressentimento do que eu me lembro. Sua altura e ombros largos, a constituição magra de seu corpo com os sinais de seus músculos. Deus o fez para fazer coisas mortais e pecaminosas. Um olhar e isso é óbvio.

Como se lesse minha mente, ele sorri para mim, forçando-me a dar um passo para trás, o que só torna o seu sorriso em encantador e perfeito. Eu sinto que estou presa em uma jaula. Um pequeno rato para um leão. E ele só está brincando comigo.

“Você é doente,” eu cuspi para ele, apertando minhas mãos em punhos.

“Estou bem ciente desse pequeno fato, Aria. Diga-me, o que mais você sabe sobre mim?” Sua voz é um veludo suave, e ecoa de uma maneira profunda de parede a parede na sala. O tipo de eco que você sente profundamente em seu intestino, um que te assombra muito mais tarde na noite.

“Eu sei que meu pai vai te matar,” eu respondo com um desprezo doentio.

“Ele não vai fazer nada. Ele nem mesmo sabe agora que eu sou o único que tem você.” Sua cabeça se inclina um pouco enquanto ele examina todas as minhas reações.

“Sim, ele sabe,” eu suspiro como se fosse verdade, se eu disser que é verdade. Seu olhar se transforma em pena, mas apenas por um momento. Passa tão depressa que me

pergunto se vi mesmo ou talvez fosse apenas a luz fraca da sala me enganando.

“Ele não sabe e mesmo se ele souber, ele é inútil.” A ameaça persiste nas suas palavras, caindo com força no chão ao meu redor.

Ele acrescenta: “Ele não pode nem defender a honra de sua mãe.”

“Foda-se,” eu me atrevo a zombar dele. A raiva aumenta rapidamente dentro de mim e minha respiração acelera.

“Você luta agora, mas você vai obedecer mais tarde,” Cross diz facilmente, completamente não afetado por minhas palavras.

“Obedecer?” O medo é evidente na minha voz.

“Você vai fazer o que eu mandar. Cada comando. Ajoelhar-se aos meus pés, despir-se, deitar-se na minha cama... Abrir suas pernas para mim.” A profundidade da convicção em sua voz é assustadora.

“Eu vou morrer antes de me submeter a você.” Minha garganta seca rasga. Eu mal posso respirar enquanto ele se levanta.

Ele não é rápido, não se apressou nem um pouco para seguir em minha direção. Eu posso correr. Eu sei que posso, mas o quarto é pequeno. Não há nada para se esconder atrás e ele é tão alto que não levaria muito além de uma investida para ele me pegar.

Meus joelhos enfraquecem e quase caio no chão, mas não o faço. Eu fico o mais alto possível, mas tenho que esticar o pescoço para olhar Cross nos olhos. Meu coração bate pesadamente como se estivesse tentando escapar. Para cada

passo que ele dá, eu levo um para trás até ter atingido a parede.

“Como você dormiu?” Ele me pergunta em uma voz estranhamente calma.

“Como um bebê,” eu digo, e minha resposta é nada além de desafiadora. Eu me surpreendo com a resposta imediata. Foda-se ele. Foda-se Carter Cross.

Um sorriso torto se contorce em seus lábios. “Você sempre tem pesadelos?” Ele pergunta e a força dentro de mim vacila. Meu olhar cintila dele para o chão.

“Parecia um sonho terrível,” acrescenta ele, seus olhos brilhando com uma ameaça.

Eu tenho a sensação de que ele estava aqui, que ele sabe que eu tive um pesadelo porque ele estava aqui, não da câmera. Por mais que eu queira esconder o sentimento de derrota da minha expressão, não posso. Ele vê minha fraqueza e não consigo me esconder dele.

“Me responda.” Seu comando sai tenso e profundo.

Eu quase digo a ele que não, mas então decido sobre o silêncio, fingindo ignorar como o medo que está crescendo dentro de mim faz meus membros ficarem entorpecidos. Eu espero raiva dele, mas tudo que eu posso ver é o brilho de humor em seus olhos.

“Você vai me dar tudo o que eu quero,” diz Cross e depois me alcança. Meus olhos se fecham quando o dedo dele afasta o cabelo do meu rosto. Ele enfia a mecha atrás da minha orelha e eu penso em mordê-lo, em lutar contra ele quando me lembro da primeira vez que ele me tocou tão confortavelmente, apenas para depois agarrar minha garganta e me segurar como sua possessão preciosa.

Com outro passo à frente, ele me banha na escuridão, bloqueando a luz e forçando para me empurrar contra a parede e olhar para ele com medo genuíno que gostaria de poder negar.

“Você vai adorar fazer isso também,” ele sussurra no pequeno espaço, aquecendo o ar entre nós e meu corpo me trai com o pensamento.

Não faz sentido algum. Fora o cheiro de sua presença. Ele cheira como a floresta. Inalar o perfume profundo me lembra a maneira como minha mãe costumava descrever nossos olhos. Como o dossel da floresta depois de um longo dia de chuva. Talvez eu pudesse culpar por instinto.

Ou talvez eu seja apenas a prostituta de um monstro.

Eu não admito minha resposta a ele. Não há nenhuma maneira no inferno que eu faria.

“Deixe-me ir,” eu choramingo o pedido e me odeio por isso. Eu posso fingir ser forte. Ele não pode ver o que há dentro de mim. Posso fingir ser mais forte do que ele sabe.

Sua única resposta é rir, um som masculino profundo e áspero que ronca seu peito e a raiva que sinto dele me domina.

Eu mal estou segurando a minha compostura. Eu sei que se eu golpear, ele vai responder e eu vou perder. Eu não sou idiota. *Isso é o que ele quer.* A realização faz meus olhos se arregalarem. Ele está brincando com seu novo brinquedo brilhante.

“Somente me mate.” Meus músculos gritam quando eu os enrijeci, recusando-me a atacar. Embora meu corpo esquente e a adrenalina aumente mais rápido com a ideia de ele fazer

isso, eu ainda digo a ele para acabar logo com isso. Eu não quero brincar comigo. “Eu nunca vou te dar nada.”

“Agora, o que isso faria para mim, passarinho?”

Eu não quero chorar e dar a ele a satisfação. Eu me recuso. Meus olhos já estão queimando por serem tão fracos. Eu não serei fraca. Eu não vou deixá-lo ganhar.

Seja esperta. Um milhão de possibilidades correm por minha cabeça para o que a escolha inteligente seria neste momento, mas a única situação que permito controlar minhas ações é não ceder. Eu vou esperar. Eu vou sobreviver dia a dia até meu pai chegar. Ele virá. Eu sei que ele vai.

“Eu vou lutar com você até o dia que eu morrer,” eu zombei dele com toda a convicção que eu pude reunir.

Isso só o faz sorrir. Um sorriso malicioso que envia um arrepio pelo meu sangue. “Você vai encontrar conforto em pensar assim... por um tempo.” Com um crescente sorriso de triunfo, ele me deixa onde estou. Os meus calcanhares batem no chão, e o som fica mais quieto enquanto ele confiantemente caminha até a porta e gira a maçaneta com facilidade.

Como? Ele está simplesmente se afastando e a porta se abre para ele. Não tenho tempo para considerar nada. Tudo o que sei neste momento é que a porta está aberta. E quer esteja ou não lá, preciso tentar fugir. Ele abre a porta apenas o suficiente para passar. Mas eu ainda corro para isso. Eu faço o meu melhor para chegar até a porta antes que ela feche e como o idiota impiedoso que ele é, ela está aberta.

Meus saltos batem contra o cimento enquanto eu corro em direção à luz, mas assim que consigo, minhas esperanças são tão facilmente frustradas. Assim como a esperança de que eu realmente sairia daqui facilmente se queima no meu peito,

seu corpo alto e largo enche a porta, de pé com uma presença agourenta e dando um grande passo em minha direção.

Um passo tão poderoso e inegavelmente no controle que eu cambaleio para trás, meu pé raspando contra o cimento e me desequilibrando.

Minha bunda bate no chão primeiro e minha cabeça teria batido contra o concreto também se a mão de Cross não estivesse enrolada firmemente ao redor do meu antebraço. Seus dedos entram e solto um grito de surpresa e dor.

“Você é mais esperta do que isso,” ele sussurra. A raiva em seus olhos os deixa escuros, mas há manchas douradas de intriga e prazer. “Você não vai sair deste quarto até que eu diga.”

Estou paralisada pela certeza em sua voz. A força de seu aperto. O desejo que escorre de cada uma das suas palavras.

“Você. É. Minha. Aria.” Ele diz cada palavra mais e mais até que eu mal posso ouví-lo sobre as batidas do meu coração. O conceito de ser possuída por este homem é uma mistura mortal que envia uma onda de medo e desejo direto ao meu núcleo.

Sem aviso, ele me solta e eu caio no chão, ainda abalada, mas olhando para ele. “Eu não sou um objeto para possuir. Ninguém é meu dono!” Eu grito com ele, embora eu não acredite em minhas próprias palavras neste momento.

Ele apenas sorri para mim. Como se tudo fosse uma piada para ele.

“Deixe-me ir,” eu tento gritar como se fosse uma exigência, mas as palavras são um apelo lamentável até para meus próprios ouvidos.

Ainda assim, eu tento ficar de pé, para me levantar enquanto ele sorri e fecha a porta, deixando-me exatamente onde ele me quer.

Eu juro que ouço ele me responder antes que a porta de aço se feche com finalidade. Eu juraria pela minha vida que ele disse: “Nunca.”

CARTER

DANIEL É meu único irmão que não bate. Ele nunca fez isso.

Eu sei que ele não vai desta vez também. Seus passos são apressados, irritados e eu tenho que reprimir um suspiro de irritação. Eu estou cansado e não tenho tempo para sua besteira.

“Esta guerra entre Talvery e o Romano não tem nada a ver com a gente.”

Daniel sempre teve um jeito de falar quando entra na sala, independentemente de meu olhar estar ou não na minha mesa, focado em uma planilha de produto e quanto está vendendo. Ter alta demanda é bom, mas algumas delas não fazem sentido. E é só na fronteira do nosso território que toca o território de Romanos.

Apertando a ponte do meu nariz, eu o ignoro.

“Você foi ao clube com o Jase?” Pergunto a Daniel enquanto continuo a fazer o pedido.

“Você me ouviu?” Daniel me pergunta, chutando a porta do escritório e atravessando o escritório para sentar na cadeira em frente a mim.

“Eu ouvi. Você não me disse nada que eu já não sei.” Fechando o laptop, finalmente dou-lhe a atenção e, por um momento, sou pego de surpresa.

“Você parece uma merda,” eu digo, e não escondo a surpresa na minha voz.

Os olhos do meu irmão brilham com um toque de humor enquanto ele sorri para mim e responde: “E você parece um boneco Ken do caralho. Estilo traficante de drogas da Barbie.”

Uma gargalhada me escapa enquanto ele corre sua mão ao longo da nuca em sua mandíbula. “Addison não está dormindo. Ela está tendo dificuldades com isso.”

“Com o que?” Eu pergunto a ele, sentindo um calafrio no meu sangue.

“Com a merda que está acontecendo. A guerra, sem saber quem tentou levá-la ou o que eles estavam planejando.”

“Ela não precisa saber sobre nada,” eu digo sob minha respiração com todo o humor que se foi há muito tempo. “Você não deveria dizer qualquer coisa. Nós estamos no bloqueio. Esperamos que os Talverys e Romanos cortem seus próprios números. Se você tem que dizer qualquer coisa, é tudo que ela deve saber.”

A cabeça de Daniel se inclina ligeiramente para trás e ele passa a mão pelo rosto, seu corpo caído na cadeira. “Ela não é toda devida na ala norte e eu não a quero saindo sem mim ou outra pessoa com ela... e eu não deveria lhe dizer alguma coisa?” Ele me questiona, deixando o queixo cair e se atrevendo a me olhar nos olhos.

“As mulheres devem ficar de fora disso.” Ele sabe melhor, porra.

“Diz o homem que começou uma guerra por um pedaço de bunda.”

“Cuidado.” Ele levanta uma sobrancelha com a minha resposta, mas eu permaneço firme.

Inclinando-se para frente, ele coloca as duas mãos sobre a mesa e pergunta baixinho, como se fosse um segredo. “O que

está acontecendo com você?”

Firmei minhas costas contra a cadeira de couro, deixando uma mão cair no apoio de braços, meus dedos traçando ao longo das cabeças de pregos de aço.

“Eu gostaria de saber,” digo-lhe em uma respiração. “Temos que avançar com isso e há algumas coisas que nos beneficiarão, mas é uma caminhada cuidadosa daqui até o fim.”

Daniel acena com a cabeça, seus olhos nunca saem dos meus. “E quando vamos nos vingar de Marcus? O homem que tentou pegar o que é meu?”

“Nós não sabemos se foi Marcus quem tentou levá-la.”

“Quem mais teria feito isso?” Daniel pergunta, mas mesmo quando as últimas palavras escapam, sua convicção diminui. Nossos inimigos estão nos cercando. A única graça salvadora é que eles nos temem, e eles têm outras guerras para lutar.

“Ele ainda tem que responder qualquer uma das nossas mensagens e ninguém confirmou que ele tinha algo a ver com isso.” As narinas de Daniel se abrem quando ele se inclina para trás em seu assento, fazendo as pernas da frente da cadeira quase saírem do chão enquanto ele olha além de mim e sai pela janela.

“Então, eu não devo fazer nada e manter Addison no escuro?” Daniel pergunta com desprezo. “Eu preciso fazer *alguma coisa*. Eu não posso deixá-lo ou quem quer que seja, foda-se.” Sua frustração está levando o melhor sobre ele. E eu entendo. Eu faço. Mas temos que ser inteligentes e saber qual a melhor maneira de avançar antes de agirmos.

“Nós não sabemos quem fez isso. Nada será feito até descobrimos.” Minha resposta é absoluta, sem espaço para negociação, e o tempo passa enquanto Daniel me considera. Um momento passa e não consigo respirar. Meus irmãos são tudo para mim. Tudo o que tenho. E eles nunca me questionaram. Não até a semana passada.

Estou perdendo meu controle. Eu posso sentir isso. E isso nunca é uma coisa boa.

Finalmente, ele acena uma vez e relaxa sua postura, movendo um tornozelo para descansar em seu joelho.

“Posso te perguntar outra coisa?” Ele pergunta, e eu descanso meu cotovelo na mesa e depois meu queixo na minha mão, assentindo. Ele vai me perguntar de qualquer maneira.

“O que você está fazendo com ela?”

“É pessoal.” Essa resposta curta já revela mais do que eu disse a qualquer outra pessoa, mas Daniel balança a cabeça, um olhar de decepção claramente escrito em seu rosto.

“Você não é o irmão que eu lembro.” Ele nunca saberá a dor que esse comentário me causa.

“Diga-me do que você se lembra, Daniel? Você nunca viu alguma coisa além de Addison.” Eu praticamente assobio o nome dela.

“O que diabos isso faz de mim?” Sua raiva é evidente e sua mandíbula aperta.

“Você tinha ela e eu não tinha ninguém.” Minha voz se quebra na revelação. O tempo passa enquanto nos encaramos. Ele não tem ideia de como ela o salvou. Ter alguém para amar, mesmo que seja à distância, pode lhe dar esperança. E a esperança é tudo.

“Nós tivemos um ao outro,” ele finalmente me diz. Eu sei que ele está pensando sobre a mesma merda que eu estou. Toda a merda que passamos. Havia cinco de nós, cinco irmãos, mas Daniel e eu éramos os mais velhos e os dois a quem nosso pai mais se importava. Se você pode chamar o que ele fez de *se importar.*

Eu deixo a raiva e todas as outras emoções desaparecerem, abrindo o laptop para indicar que esta reunião acabou. A verdade me escapa involuntariamente quando afirmo: “Não é o mesmo.”

“Eu só quero saber que você não está machucando-a.” Ele não vai deixar passar. Eu aperto o laptop enquanto tento permanecer calmo.

“Você tem que confiar em mim. Tudo está prestes a mudar e se aquela garota tivesse ficado onde estava, ela teria morrido.” Ele espera por mais. Prova, talvez. Não sei o que ele quer, mas quanto menos ele souber, melhor. “Há tanta coisa que você não sabe.”

“Você poderia me dizer.” Há um toque de tristeza em sua voz, ou talvez eu imaginei isso.

“Logo,” eu prometo a ele. “Em breve.”

Ele não diz adeus enquanto se afasta. Mas quando ele chega até a porta, segurando a maçaneta e abrindo-a, lembro o que ele disse sobre Addison. “Daniel. Dê a ela isso,” eu chamo para ele enquanto abro a gaveta. Eu tenho alguns frascos de S2L dentro do pequeno cofre e atiro um para ele. Ele acena uma vez e diz algo sobre Jase, mas eu não ouço, e ele já se foi antes que eu possa questioná-lo.

Olhando para a porta fechada, penso em como meus irmãos são a única coisa constante que tive. Apenas eles e mais ninguém.

Mas admitindo a verdade em voz alta... não posso confiar em mim para fazer isso.

A última vez que admiti algo desse peso, meu mundo mudou. Eu trouxe o monstro depravado dentro de mim para a vida e isso mudou tudo.

O dia em que Talvery me deixou para apodrecer onde ele me encontrou. Nunca esquecerei o sentimento de que a caminhonete do meu pai parou. A velha coisa rangeu, e o som foi tão reconfortante até a porta se fechar e a raiva em sua voz era clara.

"Que porra você está fazendo ao ar livre? Você quer que alguém chame a polícia?" Ele gritou comigo e quando ele puxou meu braço, as queimaduras e cortes dispararam uma dor horrível através do meu braço que me fez gritar no beco escuro. Ensanguentado e machucado, meu pai ainda me jogou como se eu não fosse nada.

Ele não podia ver o que eles fizeram comigo? Eu mal conseguia abrir meus olhos.

"Vamos pegar quem fez isso, mas venha logo antes que alguém veja," ele sussurrou entre os dentes.

"Eles queriam saber para quem eu trabalhava," mal falei enquanto mancava para o carro. Cada pedaço de mim doía apenas para respirar. Eu caí no banco enquanto ele contornava o caminhão. E eu sei que eles viram. Eles tinham que estar me observando. Esperando para ver quem viria.

Tocava música country quando meu pai fechou a porta e saiu pela rua em direção às estradas de terra. Eu queria vomitar pela minha janela. Eu me lembro de pensar que estava morrendo, então eu queria sentir o vento no meu rosto uma última vez. Eu tossi muito sangue, não havia como ficar bem. Meu pai me ignorou quando eu pedi a ele para fazer isso, e ao

invés disso, ele desligou a música para que apenas os sons da estrondosa caminhonete e suas perguntas podiam ser ouvidas.

"Quem são eles?" Meu pai perguntou enquanto corria sobre uma lombada e meu corpo sacudiu para frente. Eu chorei como uma cadela e ele gritou a pergunta novamente para mim. Era medo em sua voz, não raiva.

Eu sei agora. O medo é o que ditava suas ações. Não força como o homem que fez isso comigo.

"Talvery," eu respondi em uma única respiração dolorosa. Enquanto eu dizia seu nome, lembrei-me do olhar do rosto recém-limpo de Nicholas Talvery, a apenas um centímetro do meu. Eu nunca iria esquecer a maneira como ele olhava para mim como se eu não fosse nada e quanta alegria lhe trouxe para saber que ele poderia fazer o que quisesse comigo.

"O que você disse para ele?" Ele perguntou, e eu olhei para o meu pai. Fiz questão de realmente olhar para ele como eu disse que ele estava seguro.

"Eu disse que estava vendendo os remédios para câncer da minha mãe morta. Eu disse que não era ninguém. E eles acreditaram em mim."

Meu coração nunca se machucou tanto quanto naquele momento em que meu pai acenou com a cabeça e pareceu se acalmar. Ele era bom em cuidar de si mesmo. Ele era bom em viver com medo.

Esse foi o último dia em que ele olhou para mim como se eu fosse um peão em seu jogo. Minhas feridas ainda estavam frescas quando comecei a bater nele de volta. E eu nunca parei. Eu não faria a merda que ele queria que eu fizesse. Eu ganharia dinheiro, um monte disso. Mas eu nunca mais pisei na relva de Talvery. Eu não era um idiota fodido como meu pai. E a próxima vez que ele me empurrou para a

caminhonete e gritou na minha cara tão alto que sacudiu minhas veias e a saliva bateu a minha pele, eu deixei minha raiva vir para frente, bati meu punho em sua mandíbula.

Eu deixei o medo me dominar naquele momento. Mas é o medo que vi nos olhos do meu pai que definiu a mudança entre nós.

Cada vez que saía, levando uma vida que não escolhi, achei que seria a última. Eu queria morrer, e não era a primeira vez na minha vida que eu desejava que a morte doce acabasse com tudo.

Mas sem medo da morte, conheci o poder.

E nenhum dos meus irmãos entende isso.

Nem um único fodido deles.

ARIA

Seus olhos não deixam os meus.

Ele não sai da sala.

Ele não me dará nenhum espaço.

Não sei quantos dias estive aqui, mas sei que hoje é diferente pelo olhar de Cross.

É difícil contar os dias. Meus olhos piscam para o entalhe de listras na parede logo além da expressão severa de Carter Cross. Sentado na cadeira de metal a poucos metros de mim, coloca-o na altura perfeita para bloquear as listras gravadas. Uma para cada um dos dias que estive aqui. Mas eu parei há um tempo atrás.

Meu sono está fodido e não há janelas no quarto. Eu tenho notado que quando me deito e me encolho para dormir, as luzes se apagam. O que significa duas coisas, tanto quanto eu posso dizer.

Ele quer que eu durma. E ele não quer que eu saiba quanto tempo passou. Poderia ser uma semana a partir de quando eu fui sequestrada. Ou poderia ser meio-dia com mais dias entre agora e meu último dia de liberdade.

Existem quatro listras na parede. Uma rabiscada para cada vez que dormi. Mas no quinto dia, dormi de vez em quando com terrores da minha infância que me acordaram constantemente.

Nos dois primeiros dias recebi três refeições, sempre entregues da mesma forma. Uma pequena fenda na porta se abriu, a comida foi empurrada para dentro em uma pequena

bandeja e, em seguida, a fenda rapidamente se fechou com uma pancada ensurdecedora. Eu esperei por horas no terceiro dia, rezando para que eu pudesse pegar, pegar a mão... Eu não sei o quê. Tudo o que eu sabia era que do outro lado estava a liberdade. Mas logo descobri que a fenda só abria quando eu estava no canto da sala mais distante da porta. Caso contrário, nenhuma fuga viria.

Eu mal posso comer como estou, mas a fome ganhou algumas vezes. E instantaneamente dormi depois. Eu não sei se ele me drogou ou não, mas o medo de dormir está em guerra com a necessidade de comer.

De qualquer maneira, a comida que me é dada não me ajuda a saber que horas são. Não parece haver uma dica ou razão sobre o que está na bandeja.

Não houve nenhuma comida de café da manhã em absoluto. A última coisa que comi foi um biscoito e um pedaço de presunto. Estava envolto em mel e meu estômago estava agradecido. Eu devorei cada fragmento e imediatamente me arrependi de não ter comido o que ele tinha me dado antes. Se eu não comer o que é dado, ele simplesmente leva embora quando eu durmo. E de alguma forma, ele sabe quando estou fingindo dormir. Eu tentei isso também. Eu não sei quantas vezes eu deitei na escuridão esperando que ele abrisse a porta, apenas para dormir e acordar para ver que a bandeja foi embora.

Tanto tempo perdido.

Talvez perder o tempo é o primeiro sinal de vitória para ele.

Mas eu quero de volta.

“Que dia é hoje?” Eu pergunto a ele e é a primeira coisa que eu disse no tempo que ele esteve aqui.

Ele vem de vez em quando, apenas me observando. Puxando a cadeira para mais perto e esperando por algo. Eu não sei o que.

“É domingo.”

Domingo… Era quinta-feira quando saí para ir ao bar. Eu sei disso que foi quinta-feira. “Então, isso significa que faz apenas três dias?” Pergunto-lhe, embora interiormente meu intestino se agita. Não é possível.

Um sorriso diabólico brinca em seu rosto.

“Você dormiu muito, passarinho. Já faz dez dias.”

Suas palavras roubam o pouco de coragem de mim e me viro para encarar a porta, em vez dele, puxando minhas pernas para o meu peito e respirando fundo, calmamente. Dez dias gritando e chorando nesta sala. De não saber quando a ajuda está chegando, ou virá. De comer mal e só tomar banho de um balde de água enquanto me escondia debaixo da roupa suja.

“Se você apenas se ajoelhasse para mim quando eu entrasse, eu daria muito mais do que isso.”

“Por que você está fazendo isso comigo?” Minha pergunta é uma respiração sussurrada. Nenhuma lágrima vem dos meus olhos secos e a dor no meu peito é dolorosa. Há tanta coisa que uma pessoa pode aguentar antes de quebrar. Eu não preciso dormir nem comer. Eu preciso de respostas.

“Você pergunta isso com frequência,” é sua única resposta, enquanto se endireita na cadeira. Enquadrando seus ombros em minha direção e fazendo a camisa apertada esticar-se em seus ombros.

Suas belas feições que parecem nada além de pecado me encara. Eu tenho que arrancar meus olhos dele. Eu não

posso olhar para ele. Ele é um monstro e é a única coisa que preciso saber sobre Carter Cross. Um monstro lindo que gosta de me privar e me ver desaparecer em nada.

“Que tal jogarmos um jogo?” Ele me pergunta, e uma risada caótica irrompe dos meus lábios.

“Vamos, eu prometo que você vai gostar,” diz ele, e sua voz é uma carícia promissora.

“E qual é o jogo, Cross?” Eu digo seu nome em voz alta, olhando desafiadoramente em seus olhos. Eu imaginei o seu agravamento, talvez até a raiva da minha resposta, mas em vez disso, ele apenas sorri para mim. Um sorriso torto em um rosto encantador. Eu gostaria de poder dar um tapa nele.

“Uma resposta para uma resposta,” diz ele e é quando me atinge.

“Você acha que eu sei alguma coisa sobre o negócio do meu pai? Você está perdendo seu tempo,” eu digo, mas minha voz me trai enquanto eu falo. Isso racha nas minhas últimas palavras.

Então, esse é o plano dele? Me sequestrar, me prender em um quarto com nada por dias até que eu esteja desesperada por mudanças para que ele possa obter informações de mim? Eu sei que é meramente porque sou uma mulher. É por isso que eles não me torturaram. Mas virá, eventualmente, e não tenho nada para lhes dar.

Meus olhos ardem com vontade de chorar, mas eu não deixo acontecer. “Eu juro para você,” eu mal saio e, em seguida, olho nos olhos escuros de Cross, querendo que ele acreditasse em mim, “eu não sei de nada.”

“Eu sei que você não sabe.” Demora um momento para eu registrar o que ele disse.

“Isso é um truque?” Pergunto a ele, sentindo como se estivesse enlouquecendo. A esperança no meu peito está vibrando fortemente. “Eu não quero morrer,” eu sussurro a confissão.

“Eu não vou matar você.” Ele responde simplesmente, desprovido de emoção, não me dando nada para me segurar, além das palavras de fato. “O Romano teria matado você. Você teria morrido ou sido capturada e receber um destino muito mais cruel se eu não tivesse tomado você primeiro.” Estou em silêncio enquanto o escuto falar de mim como se eu fosse apenas um peão para sacrificar. “Sua melhor chance de conseguir o que está por vir é comigo.”

Lágrimas ameaçam escorrer pelas minhas bochechas com o pensamento de homens se infiltrando na propriedade de meu pai. No Nikolai sendo baleado enquanto ele se senta na mesa da cozinha, onde ele sempre se senta no início da manhã de fim de semana. No meu pai sendo morto na mesma sala onde a vida da minha mãe acabou.

“Você quer jogar o jogo?”

“Eu nunca me dei bem com jogos,” eu respondo, ofegante, observando cada centímetro de sua expressão por uma sugestão do que está por vir.

“O cobertor é seu para brincar,” diz ele e acena com a cabeça em direção a uma pilha de tecido que ele jogou aos meus pés quando ele entrou. E interiormente, sou grata. “Por que você não come?” Ele pergunta, e eu sei que o jogo começou. Uma resposta para uma resposta e ele segura a primeira pergunta.

Olhando para mim mesma, respondo com meia honestidade. “Eu não estou com fome.” Dez dias... Eu tento lembrar quantas vezes eu comi. Talvez seis refeições. Na realização, meu estômago se agita.

Um momento passa antes que ele se mova na cadeira, recostando-se, mas mantendo as mãos nas coxas. “Se você mentir, então eu posso mentir,” diz ele e do jeito que ele diz a palavra “mentir” me obriga a olhar em seus olhos. É como se o diabo estivesse discutindo sobre a mentira. “É assim que esse jogo funciona.”

“Eu não confio que você não vai me drogar ou me envenenar. Ou alguma coisa.” A verdade facilmente flui dos meus lábios.

Meus olhos caem no chão com a lembrança de todas as ideias horríveis que passaram pela minha cabeça desde que cheguei aqui.

“É apenas comida e você precisa comer.” Mais uma vez, sem emoção, apenas uma declaração de fato. Eu o observo atentamente enquanto ele se inclina para frente, descansando os cotovelos nos joelhos e apertando as mãos na frente dele. “Sua vez.”

“O que você vai fazer comigo?” Pergunto sem pensar duas vezes.

“Te alimentar e manter você aqui com nada além do que você tem até se submeter a mim.” Ele reajusta a cadeira e acrescenta: “Você é uma criatura social e solitária. Eu posso ver o quão solitária você é.” Enquanto ele fala comigo, meu olhar vagueia e a dor oca no meu peito aumenta.

“Estou acostumada a estar sozinha.”

“Eu ouço suas orações no escuro, passarinho. Eu ouço seus desejos para alguém te salvar. Seu pai. Nikolai... Quem é Nikolai?”

“Um amigo,” eu lhe respondo, sentindo a dor e a agonia varrendo meu corpo. E me sentindo uma mentirosa. A palavra

amigo soa falsa até para os meus próprios ouvidos, mas faz tanto tempo que Nikolai era qualquer outra coisa. E um amigo é o que ele precisava ser. Nada mais. Ou então meu pai teria descoberto.

“Resposta errada. Ele não é mais ninguém. Todos eles se foram e ninguém vem salvá-la.”

“Se foram?” A palavra sai como uma pergunta, mas o monstro na minha frente não responde. Meus olhos se fecham enquanto eu inalo profundamente, pensando que ele está mentindo. Eles estão vindo. Eles virão para mim.

“Você está entediada, sozinha e passando fome por nada. Você vai se submeter a mim, ou você vai ficar assim para sempre.”

Meus lábios viram em um pequeno sorriso que não posso conter, e não sei porquê. Eu devo estar enlouquecendo.

“Você acha isso engraçado?” Uma sugestão de raiva cumprimenta suas palavras e isso só faz meu sorriso crescer, mas é acompanhado de lágrimas vazando no canto dos meus olhos. E nem sei quando comecei a chorar.

Balançando a cabeça, afasto as lágrimas de baixo dos meus olhos. “Não é engraçado, não. E agora é a sua vez.” Ele vai me manter aqui assim? Ele poderia me manter aqui para sempre.

Mesmo quando penso na afirmação, a esmagadora solidão me consome. Eu não tenho nada e esta prisão está comendo minha sanidade viva. As horas passam onde eu simplesmente olho para a parede, rezando para que me ofereça algo diferente do dia anterior.

Ele me observa enquanto eu balanço de um lado para outro ligeiramente.

“O que significa submissão?” Eu pergunto sobre ele assim que ele começa a falar. Minhas palavras são mais duras do que eu pensei que seriam e ele ergue a testa, sem me responder e então faz sua pergunta.

Regras do jogo, suponho.

“Qual sua comida favorita?”

A tontura me subjuga por um momento e eu descanso minha cabeça contra a parede. Ele vai ganhar este jogo. E todos os outros. Ele está trapaceando e eu estou me deteriorando.

“Bacon, eu acho. Todo mundo adora bacon,” eu respondo indiferente, em parte porque eu já estou cansada desse jogo e em parte porque preciso de um pouco de humor nessa situação. “Tem um sanduíche na loja da esquina da minha casa. Minha mãe costumava me levar lá.” Eu olho para o teto enquanto falo, não para ele, mas apenas para pensar e pensar em algo diferente disso. Embora seja bom ter alguém por perto. Eu sinto um vazio dentro de mim. Eu prefiro do que o sentimento doentio de derrota.

Lambendo meu lábio inferior, continuo. “Ela me levou lá todo fim de semana. Café e bolos para ela, mas eles tinham esse sanduíche que eu amava, e eles ainda têm. É peru e bacon com molho ranch em um pãozinho de pretzel.” Minha cabeça se inclina para o lado e olho para Cross, cuja habitual expressão severa foi substituída por um olhar de curiosidade. “Eu acho que pode ser o meu favorito.”

A lembrança da minha mãe me faz sorrir e quase lhe digo mais. Eu quase falo sobre o dia em que ela morreu e como nós fomos lá primeiro. Mas ela não pegou seus doces ou café de sempre, e nós não ficamos muito tempo. Eu estava tão chateada que ela não me pegou meu sanduíche, mas ela prometeu que iria buscá-lo no dia seguinte.

Se eu não fosse tão jovem e tola, saberia o que estava acontecendo. Como minha mãe estava fugindo de alguém que ela tinha visto. Como ela correu para casa por proteção, apenas para descobrir que o monstro já estava lá.

Deus, eu sinto falta dela. Tenho saudades de tudo. Eu não tinha percebido o quão solitária eu me tornaria.

“Você gostaria de ir para casa quando isso acabar?” A pergunta de Cross me distrai dos pensamentos do passado.

“Quando vai acabar?” Eu peço esclarecimentos e eu só recebo um aceno dele.

Um acordo com o diabo. É tudo que posso pensar. A guerra não importa, mesmo que seja isso que ele está insinuando. Ele vai me manter por quanto tempo quiser, independentemente do que ele me disser agora.

“Você já sabe a resposta para isso.” São as únicas palavras que eu dou a ele. É a minha vez mais uma vez, então eu pergunto a ele novamente: “O que eu tenho que fazer para sair?”

“Não há saída a menos que eu queira que você saia.”

“Então por que estou aqui?” O desespero é evidente.

“Eu já te disse. Eu quero que você se submeta a mim. Deseje meu toque e ganhe-o ajoelhando-se e esperando para me obedecer. Para ser minha, em todos os sentidos."

“Você sabe que isso nunca irá acontecer,” eu digo distraidamente. “Vou ficar neste quarto para sempre ou esperar que algo mais aconteça. Eu não tenho nada além de tempo.”

“Vou fazer uma mudança em sua rotina," diz Cross como se fosse uma ameaça.

Mais uma vez, minha cabeça cai para o lado para olhar para ele, minha energia diminuindo. “É mesmo?" Eu pergunto a ele, e ele dá um sorriso malicioso.

“Você só vai comer quando eu te alimentar. Mordida por mordida." Seus olhos piscam com um calor que deve me assustar, mas faz outras coisas para mim que eu escolho ignorar. “Você devia ter comido antes, passarinho. Seu desafio só está machucando você.”

O pensamento dele me alimentando é algo que vai me deter por horas, uma vez que ele se foi, eu já sei disso. Não é apenas a solidão que me atrai para Cross. Eu senti isso no momento em que o vi.

“Eu não ia comer de qualquer maneira," eu digo a ele em um único fôlego, em vez de permitir que minha imaginação obtenha o melhor de mim. Eu ouvi que morrer pela a fome é uma maneira horrível de morrer e eu sei que vou ter que descobrir outra maneira. Eu sei que vou cavar, assim como eu já tenho. Como se estivesse lendo minha mente ou talvez conhecendo melhor, Cross sorri para mim, mas é diferente dos anteriores. Há algo quase melancólico nisso.

“Você vai comer," ele me diz e depois se levanta sem outra palavra. Quando ele vira a maçaneta fecho meus olhos sabendo que a luz brilhante está chegando. Mesmo com os olhos fechados, posso ver. E então se foi, e mais uma vez eu estou sozinha e presa na sala.

Eu deveria sentir um pouco de facilidade, sabendo que ele me deu algumas informações que eu posso segurar. Mas tudo em que consigo pensar é minha mãe e o último dia em que a vi.

Ela queria sair e fugir. Ela me implorou para compreender. E eu chorei quando ela me disse: "*Ria, por favor.*”

Eu nunca vou esquecer a maneira miserável como meu nome caiu dos seus lábios naquele dia. A falha fatal de qualquer mãe é o quanto seu amor por seus filhos a cega. É minha culpa. Lágrimas frescas escorrem pelo meu rosto e nem me incomodo em enxugá-las enquanto me arrasto até o colchão.

Demora um pouco mais do que o habitual para ele fazer isso, mas com o cobertor enrolado em volta de mim, as luzes da sala se apagam. A solidão é minha única companhia a menos que eu ceda às lembranças. E eu não percebi o quão prejudicial elas podem ser. Meu próprio passado está se tornando meu inimigo.

Eu me vejo cheia de nada, mas me arrependo quando o sono toma conta.

Se ao menos eu pudesse voltar e não lutar com ela.

Se ao menos eu pudesse voltar e dizer a ela, nós não podemos ir para casa.

CARTER

É diferente quando estou na cela com ela. Quando não há nada além de uma guerra isolada entre nós dois. Eu sei que ela vai quebrar, e ela vai adorar quando ela o fizer.

Quando estou lá, olhando para ela, para baixo e observando cada pequeno movimento calculado, tudo que sinto é a necessidade de trazê-la para borda e vê-la cair.

Eu posso imaginar o cabelo bonito dela uma bagunça emaranhada enquanto eu coloco em punho na minha mão, tirando o meu prazer dela, mesmo que ela dê isso completamente. Ela ficará de joelhos, desejando as mesmas coisas que eu.

Me consome quando as quatro paredes da cela me cercam, mas no momento em que a porta de aço se fecha atrás de mim com a finalidade de que outro dia tenha passado, onde não tenho controle sobre ela, o desejo muda para o desespero.

Ela *tem* que se submeter. Ajoelhar-se quando entro em sua cela e esperando ansiosamente por meu comando.

E assim por diante.

Eu tenho outros planos e quero que ela faça parte deles. Ela precisa ceder. Começando com um simples ato de ajoelhar-se.

Eu ainda estou me recuperando de ver seu doce desafio quando a porta se fecha. Deslizando a pintura de volta ao lugar, vislumbro meu irmão enquanto ele caminha na minha direção no corredor.

“Você está esperando por mim?" Eu pergunto a ele, e ele combina com meu ritmo enquanto nos dirigimos para o meu escritório.

“Eu acho que sei por que é mais frequentado na área do lado sul, mais perto do Romano." Ele não desperdiça um segundo para começar a falar de negócios.

“O fornecimento?" Peço-lhe esclarecimentos. O mercado de drogas é previsível. Essa é a melhor parte de um vício. É estável, desenfreado e de fácil manutenção. Quando a demanda aumenta em apenas uma área, há uma razão para isso. E preciso saber por que essa mudança é tão inesperada.

“Romano tem as mãos sobre elas. Eles têm que estar produzindo pela quantidade que estão vendendo." Meu sangue gelou em resposta à revelação de Jase. Meu queixo fica tenso enquanto descemos as escadas. Cada passo só enfatiza a batida oca nos meus ouvidos.

Ele queria um aliado.

Ele queria fazer negócios juntos.

Ele não é nada além de um mentiroso, um ladrão e um idiota sem valor.

Mas nada disso é novidade para mim.

“Ele está vendendo S2L?" Eu pergunto a ele. “Você tem certeza?" A droga é nossa. Só nossa. Era só uma questão de tempo antes que todo mundo quisesse, mas em vez de obter os detalhes, Romano roubou. O fodido estúpido.

“Eu tenho certeza," Jase me responde e eu imagino o grunhido feio de Romano quando eu dou um soco em seus dentes. Eu praticamente posso sentir o jeito que a pele dos meus dedos se partiria quando seus dentes quebrassem neles. “Eu peguei uma amostra de suas ruas, peguei a nossa

e é definitivamente nossa mistura. Uma versão mais pesada do que a que tiramos do Malcolm."

"Você acha que Romano sabe por que a farmácia parou e os efeitos colaterais?" Pergunto a Jase quando abro a porta do escritório.

Nós adquirimos uma droga proibida, manipulamos e começamos a vender S2L, nome de rua Sweet Lullaby[1]. Foi projetado para ajudar com ansiedade e insônia. Pode ajudar no afastamento de um vício em drogas mais pesadas. Mas o S2L é o mais viciante por causa da maneira como ele acalma, garante a você e a todo o seu ser que tudo é exatamente como deveria ser e o acalma em um sono profundo. Assim, o nome, Sweet Lullaby. Os efeitos colaterais indesejados eram muito grandes para arriscar... para eles. Não para nós.

"Eu acho que eles sabem exatamente o que é," diz ele com um toque de raiva, "vendo como eles foderam com a fórmula." A porta praticamente se fecha com o peso de seu empurrão. Ele não me olha nos olhos até que ele esteja sentado na cadeira em frente à minha. É só quando ele diz a próxima frase que eu finalmente caio na minha. "Eles fizeram mais potente. É praticamente letal com a maneira como entorpece os sentidos, retardando o coração e forçando o corpo a dormir profundamente."

Meu polegar roça meu queixo enquanto considero o que Romano está fazendo. "Ele roubou nossa droga, ele está vendendo uma versão que é mortal em seu território..." Eu penso em voz alta, não me incomodando em esconder minha cadeia de pensamentos de Jase.

Jase é quem pegou a droga de um idiota que nos devia uma dívida, mas tinha segredos dentro da indústria. Malcolm foi útil o suficiente para deixá-lo viver. Por um tempinho.

“Ele está vendendo em seu território. Sweet Lullaby, mas a versão letal está passando por ST, Sweet Tragedy[2]. Ele não deve ter o suficiente, senão não veríamos o aumento da demanda.”

“A coisa sobre a demanda é que aqueles que são viciados ainda estão vivos.”

“A menos que esteja sendo usado em outra pessoa.”

“Então, ele está vendendo isso como uma arma? Não como droga? Eu tenho que admitir que o pensamento ocorreu a nós também, mas até que tenhamos uma droga preventiva que torne a versão mortal inútil, eu não ousaria sequer sugerir a possibilidade.”

Seus dedos tocam, batem, tocam com um nervosismo no braço da cadeira. “O que não se encaixa, no entanto... O que não se soma... é que não há um aumento no número de mortes. Não há pico repentino em assassinatos ou pessoas morrendo durante o sono.”

“Eles estão comprando e não usando, ou estão vendendo em outro lugar. Talvez no exterior?”

“Eu acho que os Romanos não estão acompanhando a produção do S2L, eles têm uma demanda pequena, mas a notícia é que somos os fornecedores. Então, Romano decidiu subir a aposta, fazer a versão mais potente que chamou a atenção de alguém. Alguém que quer o controle do mercado. Quem quer que seja, ele está comprando cada gota que ele pode da versão potente, e cada pedaço nosso para que ele possa fazer a mudança, concentrando-se e fazendo uma arma que não pode ser rastreada.

“Como Romano pode ser tão idiota?" As palavras são empurradas através dos meus dentes cerrados. Nós vendemos a droga como um relaxante, uma maneira de aliviar a dor e

evitar que as pessoas fiquem mortas. Merda. É a maneira perfeita de fazer um viciado durar. E a ganância de Romano teve que estragar tudo.

Estou em silêncio enquanto considero a teoria de Jase.

“Quem quer que esteja coletando está do seu lado, não do nosso. Alguém que queira seu território, talvez?" Ele sugere, e eu só posso assentir em resposta. Quem quer que seja, não está fazendo um bom trabalho em esconder seu paradeiro e intenções. A menos que, claro, eles queriam que sejam descobertos. Meu polegar roça meu queixo de novo enquanto considero cada idiota que eu sei que poderia querer o lugar de Romano. Talvez eles quisessem que soubéssemos.

“Eu quero a equipe de Mick no outro lado, acompanhando as informações de todos os compradores e encontrando uma conexão. Eu quero saber quem está fodendo com isso e se eles estão vendendo em qualquer outro lugar. “

“É uma merda cara, essa versão potente. E quem quer que está comprando a droga tem que estar esperando para revender.”

“Talvez eles pensem que Romano vai perder a guerra, e eles vão entrar em um território com uma alta demanda embutida, já fornecida com a droga?”

Jase acena com a minha previsão, estalando a língua e ainda batendo com o dedo na cadeira. “Isso não é um problema para nós," acrescenta ele.

“Você acha que eles pariam o Romano?" Eu o questiono e como o filho da puta inteligente que ele é, ele balança a cabeça, o pequeno sorriso nos lábios. Jase ama um desafio. Ele vive para extinguir aqueles que pensam que podem ameaçar o que nós trabalhamos tão duro para construir.

“Então, não contamos a Romano?" Ele me pergunta.

“Nenhuma palavra. Ele roubou de nós." Eu olho-o morto nos olhos quando chego à conclusão com o meu irmão.

“Você ainda quer fazer o jantar na semana que vem?" Ele me questiona.

Romano acha que é um jantar comemorativo.

Talvery é fraco. É quase uma decepção com a facilidade com que tudo está desmoronando ao seu redor. Já existe uma rachadura dentro de suas próprias facções, ou assim diz a palavra na rua. Metade de sua equipe está aceitando subornos de Romano. Estou relutante em baixar a guarda. Olhos do lado de fora podem enganar. Eu sei disso muito bem.

No entanto, Romano virá aqui para este jantar comemorativo. E eu terei o maior entusiasmo como seu anfitrião e parceiro em celebrar a queda de seu rival de longa data. Tempo suficiente para atraí-lo, pelo menos.

“Sim." Eu não posso enfatizar minhas palavras o suficiente enquanto olho para a caixa sob a estante do lado direito da sala. “Na próxima semana ele estará aqui, na nossa mesa, em nossa casa.”

“Não é sobre a guerra ou a droga, é?" A pergunta de Jase traz meu olhar de volta para ele. “É sobre ela?”

Sua intuição congela meu sangue. Eu tenho que me lembrar que ele é meu irmão, que ele saberia porque ele está tão perto há tanto tempo. Tenho que me lembrar de que não há como outro homem sequer começar a entender a verdade.

“Sim," eu respondo cautelosamente enquanto nossos olhos se fecham e espero a reação dele. Mais uma vez, eu caio

no tic-tac do relógio enquanto ele cuidadosamente escolhe suas palavras. “Ela é parte disso.”

“Nós poderíamos dar-lhe dinheiro e deixá-la ir embora," ele oferece. E ele assumiu errado.

“Ela vai correr de volta para seu pai, e você sabe disso.”

“Então, deixe-a," diz Jase e encolhe os ombros como se não fosse uma preocupação para nós se ela deveria ir para seu pai.

“E o Romano e todos os outros pensam que somos tão fracos que deixamos uma garota ir embora?”

“Desde quando você começou a se importar com o que eles pensam?" Ele me pergunta, ainda fingindo que essa conversa é uma discussão casual que não significa nada.

“Eles precisam *pensar* que não me importo com o que pensam. Mas como eles nos veem importa mais do que tudo. Para nós controlarmos o que eles fazem, temos que saber o que eles pensam. Temos que ser capazes de manipulá-los para que saibamos o que farão em seguida.”

“Você pode dizer que se cansou dela." Jase continua fazendo sugestões e desta vez aumenta minha raiva. Eu me cansei dele me empurrando para deixá-la ir, para eliminá-la da equação. Ela é muito valiosa para mim.

“Nunca," eu respondo em uma única respiração sem pensar.

“Nunca?" Jase questiona, só agora abaixando a guarda dele, apertando a mão no couro da cadeira e deixando uma suspeita de raiva aparecer.

“Eu queria ela... antes.”

“Antes de Romano oferecer ela?" O interesse de Jase é despertado.

Eu só aceno em resposta, sentindo a confissão tão perto de ganhar vida.

“Por quê?” Ele me pergunta, e eu não respondo. Eu não posso.

Em vez disso, ofereço-lhe uma pequena verdade. “Ele não ofereceu ela. Eu disse a ele que seria ela ou ninguém," eu digo suavemente, para garantir que as palavras desapareçam no momento em que ele possa ouvi-las.

“O que você vai fazer com ela?" Ele me pergunta novamente. Meus irmãos continuam me perguntando isso e só me irrita.

“Ela tem que me temer... por um tempo." Meu polegar corre nervosamente ao longo do meu lábio inferior. “Nem sempre será assim.”

“Você precisa me dar mais," ele exige, e eu cuspo de volta.

“Eu não preciso te dar merda nenhuma.”

Uma batida passa e a raiva desliza em meu sangue. As memórias e tudo pelo que trabalhei, tudo o que nos tornamos se transforma em ódio e ruína.

“Essa conversa acabou," digo a ele. Ele apenas sorriu. Um sorriso tímido e acena com a cabeça. A tensão evapora e sem outra palavra, ele sai do escritório. Embora eu saiba que ele ficou com muito mais do que ele deu.

Enquanto o vejo sair, o tic-tac do relógio não para. Tic-tac. Tic-tac. Tic-tac. Meu olhar se move da caixa para o laptop com uma tela preta olhando para mim.

Respirações profundas. Dentro e fora. Respirações profundas me trazem de volta para ela.

Quando eu aperto os monitores de volta à vida, para ver o que meu pequeno pássaro está fazendo, ela já está dormindo.

Faz tanto tempo desde que essas memórias me assombraram, mas elas voltam devagar quando eu desligo as luzes em sua cela.

Memórias do que me fizeram. Memórias de que ela fez parte, mesmo que ela não saiba.

A lembrança do dia em que aprendi quem era Talvery e o que o medo realmente poderia fazer com uma pessoa.

Então chega em um ponto em que não importa o que o último soco quebrou ou quanto sangue você perdeu. É um ponto em que você não consegue sentir mais nada.

Quando sua visão fica embaçada, você sabe que a morte está tão próxima que você ora por ela. É a única coisa que vai levar tudo embora.

Nada faz sentido. Mesmo quando minha cabeça se afunda mais e bolhas de sangue quente saem da minha boca, a dor não é nada. E sabendo que o fim está próximo, isso proporciona um conforto. As correntes que me seguram na cadeira desaparecem e posso senti-las cavando em minha pele.

Mas mesmo em tudo isso, ela quis dizer alguma coisa. Eu sabia disso instantaneamente. Ela tinha forças para destruir a esperança de que tudo terminasse em breve.

Seus pequenos punhos bateram na porta que estava tão perto, mas tão longe.

Sua voz chamou e rompeu a névoa da realidade.

Eu não conseguia ouvir o que ela gritava, mas era algo tão urgente que o pai abaixou a arma. Lembro-me do pesado som metálico caindo no chão, misturando-se com seus doces apelos femininos para que ele abrisse a porta fechada.

Eu estava tão perto de tudo, e ela me salvou. Mesmo que ela não se lembre disso. Ela nunca sequer me viu.

Demorou anos antes de me deixar pensar nela novamente. E desse dia.

Eu quase tive uma saída. Eu estava tão perto de deixar esta vida em uma boa alma. Talvez não pura, nem perfeita, mas um homem melhor do que eu sou agora e uma alma inocente.

Ela é a razão pela qual eu vivi e me transformei nisso.

Eu não quero apenas ela à minha mercê.

Eu quero tudo o que ela tem.

Eu não vou parar até a ter, ela toda.

ARIA

Eu acho que faz dois dias desde que Cross mudou as regras. Se estou certa, faz quase duas semanas desde que cheguei aqui. E dois dias inteiros de não comer nada.

Eu me recuso a comer de seus dedos como um cachorro. Eu não sou seu animal de estimação. A maneira como ele olha para mim como se ele não desejasse nada mais do que eu me ajoelhar entre suas pernas e aceitar cada pedaço está cheio de desejo e desejo de poder sobre mim. A combinação é inebriante e faz truques com a minha mente. Estou viciada na fome em seus olhos, mas tenho medo do que está por vir se eu desistir.

Eu não quero me submeter e me ajoelhar na frente dele. Pelo menos, é o que eu continuo dizendo a mim mesma. A cada dor que eu tenho me lembro disso. Enquanto a solidão aumenta e estica o tédio me faz pensar se estou enlouquecendo, tenho que me lembrar. É sempre um lembrete.

Os pensamentos fazem minha respiração pesada e meu estômago roncar. A parte doentia de tudo isso é que estou ansiosa para ele abrir a porta. Eu quero que ele venha hoje à noite como ele fez na noite passada e na noite anterior. Com uma bandeja de prata de tentação.

Estou morrendo de fome e sei que tenho que desistir. Eu sei que vou em algum momento. Ele tem razão. Eu vou comer. Eu já estou rezando para ele abrir a porta, mesmo enquanto eu o persisto e cerro as mãos em punhos, jurando que serei forte o suficiente para recusá-lo.

Ele vai ganhar. Eu posso sentir isso.

Estou rezando para que ele venha, para que eu possa ter algo para comer. O que quer que ele traga, se ele viesse agora, eu aceitaria. Não importa o quanto eu gostaria que não fosse verdade. Eu faria qualquer coisa para comer nesse momento. Para comer qualquer coisa.

Meus olhos levantam do chão para a porta quando ela se abre. Eu não levanto a cabeça e fico no chão sujo, rígida e imóvel.

Eu posso sentir os seus olhos em mim, mas eu não posso olhar para ele. A única coisa que prende minha atenção é a bandeja equilibrada em sua mão direita e segura em seu peito. Eu não posso ver o que está nela ainda, mas eu posso sentir o cheiro.

Meus olhos fecham devagar e eu quase gemo com os aromas açucarados que inundam meus pulmões. Quando eu finalmente abro meus olhos, guiada pelo som dele movendo a cadeira pelo chão para mais perto de mim, eu vejo tudo. Eu vejo as guloseimas saborosas que serão responsáveis pela minha patética desistência.

A bandeja está cheia das coisas mais doces. Frutas vermelhas e pedaços de manga e abacaxi fresco.

É tudo brilhantemente colorido e arranjado lindamente. Como eu disse, uma bandeja de prata de tentação.

“Como está a sua mão?" Cross me pergunta e é só então que eu o reconheço.

“Bem." Minha resposta curta é recompensada com ele puxando a bandeja para mais perto de seu colo. “Eu acho que está machucada," eu ofereço a ele em uma tentativa de dar a ele o que ele quer.

“Você estava batendo na porta com o punho por mais de quarenta minutos." Meus dentes rangem com a resposta dele.

“Bem, você me ouviu pelo menos," eu digo, embora eu não possa negar que dói. Eu estou tão sozinha. E cansada e dolorida e machucada. Mas sozinha do que qualquer outra coisa.

“Eu ouvi," é tudo o que ele diz.

Há uma rotina que vem com Carter Cross. Ele gosta que as coisas sejam feitas de uma certa maneira, talvez para que pareça que ele é previsível, mas eu logo pensaria que é assim que ele pode forçar meu próprio comportamento a ser previsível para ele.

Nestas sessões, aquelas em que a comida é oferecida, ele tenta a aparência de uma conversa antes de oferecer comida. E hoje eu sei que vou responder. Eu sei que farei o que ele quiser. Estou tão desesperada.

“Você está suja," ele me diz com o que parece ser simpatia sincera. “Você não se lava como eu esperava que você fizesse.”

Eu mordo minha língua para não soltar piadas pervertidas, mas não consigo segurar tudo. “Eu não sou uma cadela para ser lavada." Eu não posso esconder a raiva. Eu deveria fingir meu tom como ele faz, mas eu escolho não esconder. Ele vai me alimentar independentemente. Eu espero. Ele só sorri para mim em resposta e isso quase me faz recuar para longe dele. Não por causa da maneira como ele está olhando para mim, mas por causa de como meu corpo reage ao sorriso. Como ele parece gostar quando eu não me contenho. É perigoso. *Ele é* perigoso.

“Você está cansada.”

“É difícil dormir no chão." Mesmo quando eu respondo a ele, posso sentir o quão pesadas as bolsas estão sob meus olhos.

“Há um colchão, pelo menos," ele brinca, e os olhos penetrantes olham mais fundo em mim como ele pode ver através da parede de defesa. Apenas o jeito que ele olha para mim me faz questionar tudo.

O tempo me evita enquanto eu olho de volta para ele, sentindo aquelas mesmas paredes desmoronarem dentro de mim. Eu tento suprimir o ódio que tenho por ele neste momento, só para que eu possa acabar com isso e comer.

“Você parece fraca, passarinho.”

“Você continua me chamando assim," eu mordo de volta.

“Eu nunca te chamei fraca," diz ele, e sua resposta é tão dura quanto a minha.

“Eu quis dizer ‘passarinho’. Você continua me chamando de passarinho." Minha voz se quebra. Eu não quero que ele me chame de nada. Não pelo meu nome, não por um apelido doce. Não faz refletir como ele realmente me vê. Foi feito para me abalar, me fazer amaciar. “Pare de me chamar assim.”

“Não," ele diz com uma voz endurecida. “Agora venha aqui, passarinho. Venha ajoelhar-se na minha frente e deixe-me alimentá-la.”

Esta é a segunda parte da sua rotina e aquela em que eu disse a ele para ir se foder uma e outra vez. Mas hoje, eu lentamente movo meu corpo e me coloco minhas mãos e joelhos. Eu engulo meu orgulho e isso dói. Dói fisicamente. Eu não sabia que orgulho era uma bola com espinhos até que eu movi um joelho na frente do outro. Meu corpo está quente de vergonha quando paro a seus pés.

Eu não posso abrir meus olhos até que sua mão áspera roça no meu queixo. Eu gostaria de não sentir a necessidade de me inclinar para ele. A solidão me consome todos os dias. Se eu pudesse fazer uma pausa neste momento e fingir que estou em outro lugar, com outra pessoa, eu me inclino em seu toque forte. Eu me permitia desfrutar de seu calor e conforto.

Mas, como é, estou olhando para os olhos escuros de um homem que me segurou assim antes. E então mostrei tão depressa quão facilmente ele poderia me machucar.

Engolindo em seco, espero pela terceira parte. Apenas alguns segundos até que ele me diga para abrir minha boca.

Até parece estar lendo minha mente, Cross deixa seu polegar roçar a costura dos meus lábios. É uma carícia suave que inflama algo primitivo em mim, aquecendo meu núcleo e fazendo meu coração bater furiosamente dentro do meu peito. Meus joelhos avançam para frente, obedecendo ao comando do meu corpo para se aproximar dele.

Mais perto do homem que controla minha liberdade. Mais perto do toque suave.

“Abra," ele me comanda, e eu sinto meus lábios abrirem por vontade própria.

Meus olhos ficam fechados até que sua mão se afasta, e seu calor é substituído pelo frio do ar na cela.

Meu coração palpita de medo até vê-lo pegar um pedaço de morango e colocá-lo nos meus lábios. Eu ficaria com vergonha de quão avidamente eu como o pequeno pedaço de fruta, se apenas consumi-lo não me fez sentir como se estivesse morrendo de fome. A doçura cai em um poço de dores ocas de fome. E, novamente, meu corpo se aproxima dele.

Ele não diz nada ou insinua nada além de seu desejo de continuar me alimentando. E eu aceito cada pedaço com uma fome que só parece se intensificar. Minhas mãos encontram seus joelhos, agarrando-o enquanto eu engulo o próximo pedaço que ele está me oferecendo.

Demoro muito tempo para perceber que estou tocando-o. Seu gemido de aprovação é o que sinaliza minha consciência, mas quando tento me afastar, ele faz o mesmo com a fruta ao seu alcance.

“Fique." Ele me dá o comando simples, e eu faço. Eu me apego a ele por mais.

A parte que é realmente vergonhosa, porém, é o quanto ouvi-lo dizer para ficar me fez desejar mais dele. Sua mão na minha, observando-o me observar.

Um momento passa onde eu percebo que ele conhece meus pensamentos proibidos.

Meu maior medo é que ele os expresse e os traga à vida. Eu forço meus dedos a cavar mais fundo em sua perna e abro meus lábios mais amplamente, silenciosamente implorando por mais, para que eu possa esconder a tentação que fica mais quente entre nós.

Eu acho que ele está fazendo isso lentamente de propósito. Pegando os pedaços de frutas doces e tomando seu tempo antes dele deslizar entre meus lábios.

“Abra mais," ele me ordena e é só por causa das minhas dores no estômago com a necessidade de comer que eu obedeço a ele, é o que eu digo a mim mesma. Eu fecho meus olhos, segurando todos os outros pensamentos.

“Olhe para mim," ele comanda enquanto eu engulo o pequeno pedaço e sua mão forte encosta meu queixo,

forçando minha cabeça para cima. O suco de seus dedos molha a parte de baixo do meu queixo em seu alcance. Ele está tão perto, seus olhos escuros rodando com uma intensidade que mantém meu olhar cativo. “Você é tão forte," ele me diz, e eu o odeio por isso. “Você não acredita em mim, mas você é.”

Seu polegar áspero roça no meu lábio inferior e eu quase o mordo, apenas para irritá-lo. Para provar a ele que tudo o que ele supõe que estou pensando está tudo em sua cabeça. Eu pego o sorriso largo crescendo em seu rosto enquanto eu olho de volta para ele.

Ele me oferece outro pedaço e eu tomo na minha boca. Eu tenho que esperar ele puxar seus dedos para longe, mas ele não faz.

Meu olhar se move de volta para ele e ele abaixa seus lábios para o meu pescoço, seus dedos ainda na minha boca e o suco da fruta é ainda mais doce. Sua barba curta roça minha gola e então ele sussurra em meu ouvido: “Veja quão forte? Você adoraria me morder, mas você sabe como sobreviver.”

Sua respiração quente faz cócegas no meu pescoço e envia arrepios pelo meu corpo. Com vergonha, meus mamilos endurecem e minhas costas se curvam levemente. “Uma menina tão boa, Aria," Cross diz, e eu me afasto dele, deixando a fruta entre os dedos e escovando minha bunda contra o cimento enquanto eu recuo para trás, colocando distância entre nós.

O medo está vivo dentro de mim, mas mudou. Eu temo do que sou capaz e o quanto eu aproveitaria.

A visão dele me prendendo no chão pisca diante dos meus olhos e cruelmente, só me deixa mais quente. Eu engulo em

seco, sentindo minhas bochechas esquentarem com um rubor.

Cross não se move da cadeira. “Você está satisfeita?" Ele me pergunta. Eu não posso olhá-lo nos olhos. Eu nem confio em mim para falar. Talvez seja isso que realmente é ser quebrada.

“É porque você terminou, ou porque está molhada para mim?" Ele me pergunta com uma voz rouca que só aumenta o meu desejo por ele.

“Foda-se," eu digo sob minha respiração, estreitando meus olhos e deixando minhas unhas ásperas cavar o cimento.

Cross deixa o traço de um sorriso tocar em seus lábios, mas não atinge seus olhos enquanto ele se levanta, elevando-se sobre mim. “Eu te disse que queria você, Aria. E eu pego tudo o que quero. Apenas reconheça isso.”

CARTER

ELA NÃO COMEU, ela mal se mexeu desde que ela deu na noite passada. Eu entrei duas vezes desde então e ambas as vezes ela me negou, embora em três dias tudo o que ela comeu seja um punhado de frutas.

Eu posso sentir a tensão entre nós. Eu sei que ela está em guerra tanto quanto eu. Mas ela passa as noites gritando e mal dormindo. O pouco de progresso durante o dia é apagado e não há nada que eu possa fazer sobre isso.

Ela vai ceder de novo e eu posso sentir isso no horizonte. Eu nunca estive tão ansioso para entrar nesta cela como estou hoje.

Eu tenho que esconder meu sorriso enquanto ela foge do colchão e vai para o chão. Ela nunca fica no colchão quando eu chego. Pelo menos, ela ainda não fica.

Meu coração bate forte quando vejo sua expressão cair.

Não há bandeja hoje à noite. Nenhuma oferta para ela.

É fácil vê-la respirar quando ela registra que estou aqui para outra coisa.

Eu intencionalmente deixo a cadeira arrastar pelo chão enquanto faço o meu caminho até ela.

“Eu não tenho nada para dizer," ela me diz quando me sento a poucos metros de distância dela. Longe o suficiente para que ela possa rastejar para mim e se ajoelhar. A parte de rastejar é o que não estou interessado. Ela decidiu fazer isso sozinha, mas eu não me importo como eu a ajoelharei na minha frente. Contanto que ela esteja de pé.

“É interessante que você começou a conversa hoje, certo?" Ela não responde. Sua clavícula parece mais proeminente hoje do que nunca. Eu não consegui ver nos monitores, mas três dias mal comendo estão começando a aparecer e eu não gosto disso. Faminta não é como eu a quero.

Eu deveria sentir remorso, não raiva pela a situação.

“Por que tornar mais difícil para você?" Eu a questiono com um profundo tom de desaprovação.

E mais uma vez, ela não responde.

“Você vai ceder de novo. Você não pode se ajudar. Você percebe isso, não sabe?" Ela é uma garota esperta. Qualquer pessoa com alguma inteligência sabe que a fome é dolorosa, e o instinto de sobrevivência irá influenciar o orgulho.

“Apenas me deixe ir," diz ela fracamente, roçando os olhos e escondendo as lágrimas. Tão perto de quebrar. Tão, porra perto.

“Estou cansado de ouvir você fazer esse pedido."

“Então nós dois estamos cansados," ela diz baixinho, pegando suas roupas sujas. Eu daria tudo a ela, se ela me obedecesse.

“Você me queria," eu a lembro, e ela bufa um som patético de desgosto.

Seus olhos se estreitam quando ela me olha nos olhos e me diz: “Você não é o que eu quero."

“O que você queria então?" Eu pergunto a ela, inclinando-se para frente na minha cadeira tão depressa que eu a assustei. Estou a apenas alguns centímetros de distância e então posso sentir o calor de seu corpo. Ela se afasta de mim, olhando em direção a nada na parede em branco.

“Responda-me," eu digo e há pouca paciência na minha voz. Meu corpo fica tenso enquanto eu me movo para frente no meu assento, então estou tão perto dela quanto posso estar. Eu não gosto do que ela faz comigo, mas ainda mais, eu não gosto disso, não saber o que fazer com ela. Eu não a quero assim. Eu preciso que ela se quebre agora, sua mente antes do seu corpo.

Ela olha para mim com um olhar de desprezo antes de falar as palavras: “Eu não sei o que eu queria.”

“Você queria que eu transasse com você," digo a ela com uma voz destinada a ser sedutor. Eu praticamente sussurro. “Eu te alimentaria, cuidaria de você, te foderia e a colocaria na cama usada e saciada." Ela fica em silêncio enquanto eu volto para uma posição relaxada na cadeira incômoda. “Isso era o que você queria.”

“Eu só queria meu maldito caderno de volta!" Ela grita para mim com um pouco de raiva que eu sei que deve ter machucado. Engolindo em seco, ela olha para longe de mim enquanto seus olhos ficam brilhantes.

Meu coração bate forte, apenas uma vez, depois para por um momento enquanto ela enxuga os olhos.

“Você quer um caderno?" Pergunto a ela, embora não saiba de que merda ela está falando.

Seu peito sobe e desce constantemente enquanto ela olha para mim. Cada respiração aprofundando o mergulho em sua clavícula. “Diga-me," eu a ordeno.

“Meu caderno de desenho," ela murmura baixinho, raiva e desprezo esquecida. “Isso é o que me levou ao bar onde esses idiotas me pegaram," ela sussurra com derrota. “Eu só queria meu caderno de desenho de volta.”

“Um específico?" Eu pergunto enquanto minha sobrancelha levanta levemente. Isso não vai acontecer. Eu posso conseguir um novo, mas não estou arriscando o que já foi colocado em movimento para encontrar algo que ela deixou para trás.

“Sim," ela sussurra e separa os lábios para me dizer outra coisa, mas eu não posso e não vou caçar nenhuma de suas posses.

“Se foi," digo categoricamente, cortando suas palavras.

Eu vejo quando ela engole e percebo a maneira como a tristeza retorna aos seus olhos. “Qualquer um serve." Seus olhos vasculham meu rosto cautelosamente enquanto ela se senta contra a cama, fazendo-a mergulhar com seu peso. Ela é frágil com uma aparência de submissão próxima à superfície.

“Um caderno de desenho. O que mais você quer?" Meus dedos coçam para traçar ao longo de sua mandíbula e forçá-la a olhar para mim. Para forçá-la a tornar isso mais fácil para ela e para nós dois.

Ela espreita para mim através de fendas, seus cílios escuros mal me deixando ver seus olhos. Mas no pouco que ela me oferece, não vejo nada além de raiva.

“Você tem algo a dizer?”

“Foda-se," Ela cospe.

Eu nunca senti o desejo de beijá-la até agora. Em roupas sujas e tudo. Está quieto entre nós enquanto eu imagino agarrando a nuca dela e tomando seus lábios com os meus. Ela me morderia. Eu sei que ela faria porque acha que deveria, e isso só me deixa mais duro.

“Essa sua boca. Isso é o que vai te colocar em problemas.”

“Como se eu já não estivesse em apuros," ela me responde com os dentes cerrados, levantando o queixo para mim.

“Você estará, se você não me obedecer." Cada palavra sai pesada fazendo meu peito apertar com ansiedade do que está por vir. Minha respiração é superficial e meu sangue queima um pouco mais.

Eu posso ver seus lábios se contorcerem com a necessidade de falar, mas ela morde a língua.

Esta é a versão da Aria que eu quero. A raiva crua de saber e aceitar que ela está à minha mercê.

“Diga-me o que você realmente pensa, Aria," eu digo baixinho, embora as palavras soem em voz alta em meus ouvidos. Meu olhar está preso no dela. Meu sangue correndo em meus ouvidos. Tudo o que posso fazer é esperar por ela.

Uma batida. Duas batidas do meu coração antes dela sussurrar em uma voz rachada: “Você é um monstro.”

“E por que isso?”

“Por causa do que você quer de mim," diz ela, mas não quebra o contato visual.

“O que é que eu quero de você?" Pergunto enquanto aumento meu aperto na borda da cadeira.

“Você quer me foder." Ela não hesita em responder, mas a raiva em sua expressão se transforma em dor quando ela tira seu olhar do meu.

“Claro, eu quero transar com você," eu digo a ela com uma voz tão calma quanto consigo. Meu olhar desliza para suas curvas e eu tenho que forçá-los a voltar para ver os olhos dela nos meus enquanto ela recua na cama. Ela está

procurando por conforto e segurança, mas tudo o que ela está fazendo é me fazer querer prossegui-la.

Eu me inclino para frente, descansando meus cotovelos nos meus joelhos. “No segundo em que vi você, eu queria você." Minha confissão sai como um sussurro e a lembrança de duas semanas depois daquela noite que surgiu há anos passa pela minha mente. Eu tinha que conhecer o rosto do anjo que me salvou. Se ao menos ela soubesse então o que ela estava fazendo, se soubesse que eu não valeria a pena salvar. O ódio e o amor que eu tenho por ela guerreou por anos dentro de mim.

Silêncio nos separa por um momento. E depois outro.

“Só termine com isso," ela respira as palavras, mas não olha para cima. O tom de derrota soa falso.

“É porque você também me quer, mas você não tem coragem de admitir isso?" Eu me atrevo a desafiar ela e novamente essa raiva volta com força total.

“Foda-se.” Ela se inclina para frente enquanto diz cada palavra, praticamente cuspindo-as. E a raiva e o desafio só fazem meu pau mais ansioso para empurrar dentro dela.

“Você vai, pequeno passarinho." A luxúria bombeia através do meu sangue quando ela volta para a cama mais uma vez, seu olhar fixo ao meu lado como se ela estivesse observando cada movimento meu, mas não querendo que eu saiba disso.

Isso só faz a insinuação de um sorriso nos meus lábios crescer.

A cadeira recua quando estou de pé e o som dela arranhando o chão assusta Aria. Ela se senta um pouco mais ereta, um pouco mais rígida e me observa com os olhos

arregalados enquanto eu dou dois passos para mais perto dela.

“Você quer acabar com isso?" Eu pergunto a ela quando eu alcanço meu cinto. Eu quero que ela veja o quanto eu estou duro para ela. E lhe dar uma lição.

Meu cinto desliza através das alças da minha calça, deixando o som de couro roçando o tecido cantar no ar. Meu sangue está cheio de adrenalina e luxúria enquanto a vejo respirar mais pesado e mais rápido.

O metal da fivela bate no chão quando ele cai e então eu desfaço o botão da minha calça. Um rubor percorre o peito de Aria e em suas bochechas.

“Venha aqui," eu dou-lhe o pequeno comando com o pouco de ar deixado em meus pulmões enquanto aperto minha grossa ereção através das minhas calças e ela observa. Eu juro seus lábios e suas coxas apertam enquanto ela assiste.

Seus olhos arregalados disparam do meu pau para os meus olhos.

“Venha aqui," digo a ela novamente quando ela não se move. Eu sei que ela me quer. Talvez não assim, mas tenho que mostrar a ela que poder ela tem. Até ela se submeter, tudo o que ela tem é poder sobre mim. “Fique de joelhos na minha frente," eu acrescento e me seguro de novo. “Aria." O nome dela sai duro em meus lábios, mas pingando com o pecado e desejo como eu acrescento: “Eu quero você, porra.”

Eu não perco o pequeno suspiro de seus lábios enquanto ela hesita outro segundo.

Eu assisto a cada pequena mudança em sua expressão. De como as unhas dela cavam o colchão, como o corpo dela

tenciona e faz a cama ranger enquanto ela avança como se fosse me ouvir. Ela engole tão alto que eu posso ouvir enquanto ela lentamente sai da cama. Ela está de pernas fracas antes de cair lentamente na minha frente, de joelhos.

Meu pulso acelera, mas não sei como. Todo o sangue no meu corpo parece que está no meu pau.

“E se eu me inclinar e colocar minha mão entre suas coxas,” eu pergunto a ela, segurando um gemido do pensamento, "quão molhada e quente sua boceta estaria agora?”

Seus olhos se arregalaram e ela se inclina para trás, mas com o jeito que está sentada, com os joelhos na largura dos ombros, ela não consegue se inclinar para trás sem se desequilibrar.

“Você sabe como será quando eu finalmente me enfiar na sua pequena boceta apertada?" Eu pergunto enquanto meu pau pulsa com a necessidade e eu tenho que acariciá-lo mais uma vez.

Ela respira pesadamente, quase violentamente e evita meu olhar.

“Você vai gritar meu nome como se sua vida dependesse da minha misericórdia." Eu me acaricio de novo e de novo. Porra, eu estou tão ansioso para ela tocar meu pau. Está latejando tão forte que dói. “Eu não vou te mostrar misericórdia, Aria, eu vou te foder como se você fosse minha para arruinar.”

Ela choraminga e luta para ficar parada na minha frente. Suas coxas apertam quando eu chuto a cadeira atrás de mim, então eu posso me agachar na frente dela.

Seus olhos castanhos estão arregalados e cheios de desejo.

“Eu quero dar-lhe tudo," eu sussurro enquanto me inclino para frente, deixando meus lábios traçar ao longo de sua mandíbula. Uma onda de inquietação passa por mim quando percebo a verdade naquelas palavras.

Ela estremece, e vejo suas unhas se cravarem em suas coxas. “Você tem que me dizer o que você quer, e quando eu te pergunto o quanto você quer meu pau, é melhor você me dizer a verdade.”

Eu me afasto, deixando meus dedos traçarem o lado direito de seu rosto, e depois descer, até o pescoço e clavícula. Então abaixar para o peito dela. “Eu quero ver como você reage quando eu brinco e mordo eles,” eu digo para ela enquanto meus dedos viajam para os picos de seus seios. “Você acha que vai gostar?" Eu pergunto a ela. E pela primeira vez, ela admite uma pequena verdade, acenando com a cabeça uma vez e depois arrancando os olhos de mim.

Sua respiração é caótica e sei que ela está envergonhada.

“Eu quero desesperadamente sentir você gozar no meu pau," eu admito para ela, sussurrando em seu ouvido desde que ela ainda tem a cabeça virada. “Me diga o que você quer.”

Tudo que eu posso ouvir é a nossa mistura de respiração tensa no ar quente entre nós.

“Diga-me, passarinho," eu digo, querendo que ela ceda.

O tempo parece se estender para sempre.

“Um caderno de desenho." Piscando uma névoa em seus olhos e ainda negando o que ela realmente quer, ela profere palavras inúteis.

E eu a deixo assim, querendo, ofegante e corada com necessidade.

Ela vai aprender a pedir o que ela quer. Ou ela vai ficar aqui para sempre.

ARIA

Eu nunca me senti assim antes.

Como se não houvesse nada de mim além de uma concha de uma pessoa fraca e patética. Estou à beira de me odiar e do jeito que meu corpo me pede para ceder a Cross.

Mas o pior de tudo, tenho pena de mim e é isso que está dirigindo o ódio.

Meu pai não vem. Nikolai não vem.

Eu estava preocupada que eles estivessem mortos, mas Carter me disse ontem que eles ainda estão vivos e que a guerra está apenas começando. Eu não sei se ele está mentindo para mim ou não. Se ele queria me oferecer esperança para poder esmagá-la. Eu não sei mais nada e nada me dá esperança de sair daqui.

Mesmo quando o pensamento me atinge, eu caio para frente e enterro meu rosto em minhas mãos sujas. Elas cheiram a sujeira, mas enquanto eu luto para respirar e manter qualquer senso de compostura, eu não dou a mínima. Não importa quantas vezes eu me banhe com a água morna que me espera quando eu acordo, me sinto suja. O tipo de sujeira que não lava.

Estou sozinha. Uma prisioneira. E eu não vejo nenhuma saída daqui. Não há nenhum cavaleiro branco planejando invadir aqui. Eu não valho à pena. Se eu valesse, eles me encontrariam, eles viriam para mim. Eles me salvariam e fariam Cross pagar por manter-me aqui para morrer de fome e atormentada com pensamentos de ser o brinquedo dele.

O destino enviou um cavaleiro das trevas atrás de mim. Com armadura suja e arranhada e um gosto por algo que eu não deveria desejar. Meu rosto está muito quente quando eu afasto minhas mãos, acalmando minha respiração e inclinando minha cabeça contra a parede atrás de mim.

A exaustão assumiu e eu sei que é porque eu não como.

Mas eu podia, uma pequena voz sussurra nas fendas da minha mente. Os mesmos cantos escuros onde as memórias de ontem enviam um calor através do meu corpo.

Meus dentes cravam no meu lábio enquanto eu lembrava de como sua pele estava contra a minha. Como tudo parecia. Foi tudo.

Como eletricidade explodindo em todas as terminações nervosas de uma só vez, com um calor e fluidez que me fez querer balançar meu corpo.

Sim, o cavaleiro das trevas é bom no que faz. Ele é muito bom em me fazer querer me ajoelhar e ceder aos seus desejos e aos meus. Eu lambo meu lábio inferior, estremecendo com a rachadura, minha pele tenciona e olho para a porta de aço que se recusa a mover-se.

Como se sabendo que eu estava pensando nele e o que ele poderia fazer comigo, a porta para esta prisão se abre e minha expressão endurecida muda para uma de preocupação, curiosidade e ansiedade.

Eu não tinha percebido o quão escuro estava no quarto até que a luz brilhante de fora da porta aberta me fez estremecer. Meus olhos cansados piscam com a necessidade de dormir.

Eu respiro um pouco, mas não cubro meus olhos nem os deixo fechados por muito tempo. Pressionada contra a parede,

eu espero com a respiração suspensa até meus olhos se ajustarem.

Espero ouvir a porta fechar, mas fica aberta.

E o homem que eu pensei que estava chegando? Não é ele. Não é o Carter.

Batida, *batida*. Meu coração bate rápido no meu peito quando Jase dá um passo para dentro. Ainda assim, a porta permanece aberta e meus olhos têm que olhar para o que está além dela.

Um corredor e nada discernível, mas eu sei que é liberdade. Essa porta mal entreaberta leva à liberdade.

“Agora não faça arrepender eu me disso." A voz profunda parece ecoar na pequena sala e eu engulo em seco. É só quando minha garganta dói e eu sinto como se eu pudesse engasgar que eu percebo o quão seca minha garganta está.

“Jase?" Eu uso uma palavra e isso faz o homem sorrir. Lembro-me dele daquela noite em que fui levada. Isso, foi disso que o Carter o chamou. Ele colocou o pano na minha boca. Ele é um deles.

Ele me dá um sorriso sensual que deve me assustar. Mas em vez disso, seus olhares encantadores me deixaram à vontade. Ele deve ser mais novo que Carter. Seus olhos são mais suaves. Mas eu me lembro de todos eles tão bem, pelas razões erradas.

“Você lembra de mim?" Ele me pergunta e dá um passo à frente, agarrando a cadeira que Carter usa. Ele é tão alto quanto Carter, mas mais magro e com apenas uma camisa branca e jeans desbotados, ele parece menos ameaçador.

Mas as aparências enganam.

Meus lábios se separam para falar, mas não consigo pronunciar uma palavra. Um milhão de perguntas estão passando pela minha cabeça.

"*Por que você está aqui? Cadê o Carter?*"

"*Você vai me deixar ir?*"

Eu só posso concordar.

"Você está olhando tudo pelo lado ruim," diz ele, e sua voz desaparece quando ele olha para trás. Eu sigo seu olhar para a porta aberta, mas rapidamente minhas vistas estão de volta na dele e na cadeira em sua mão que arranha o concreto. Girando para trás, ele se senta sobre ela. Como se ele estivesse deliberadamente agindo de forma casual.

Ele está. Esta é uma informação para alguma coisa. Na minha cabeça, minhas palavras são fortes e exigentes, mas quando forçadas elas parecem fracas e desesperadas.

"O que você quer?" Eu engulo, e desta vez a sensação de vulgaridade na minha garganta está quase acalmada. Mas a dor no meu peito cresce a cada batida no meu coração.

Jase respira fundo e se vira para olhar por cima do ombro, para a minha liberdade, e depois aponta para ela com o polegar. "Ele não parece estar cuidando de você, não é?"

Batida. Outro baque.

"Isso é um truque?" Minha pergunta é escassa na melhor das hipóteses.

A risada de Jase vem do fundo do seu peito e seu sorriso se alarga, mostrando seus dentes perfeitos.

Ele sacode a cabeça. "Sem truques. Eu só sei que ele pode ser teimoso e às vezes ele fica em seu próprio caminho." Ele

está sendo muito gentil. Não há uma gota de mim que confia nele.

Meu olhar cai para os meus pés. Meus pés sujos e joelhos raspados. E então para minhas unhas, a sujeira sob meus dedos que parece não sair.

Meus dentes cravam no meu lábio inferior para me impedir de derramar todos os apelos desesperados implorando para subir, mas dói. “O que ele quer?”

“Você." A voz de Jase é suave e à vontade. Como se a resposta fosse simples.

“E quanto a mim?" Pela primeira vez, minha voz é tão forte quanto imagino que seria.

Descansando um cotovelo no encosto da cadeira, Jase coloca o queixo na mão e me olha. Ele separa os lábios, mas depois fecha a boca.

“Apenas me diga," eu imploro a ele.

“Eu não sei. Isso..." Jase se afasta, depois limpa a garganta e olha para longe de mim por um momento antes de me olhar de volta nos olhos para continuar, “não é algo que ele faz.”

“Isso?" Eu pergunto sarcasticamente, e como uma louca, um sorriso se forma no meu rosto e eu juro que posso rir. “Qual parte disso?" Eu me atrevo a cuspir de volta para ele. E pela primeira vez desde que Jase entrou aqui, o medo puro percorre minha espinha ao ver sua expressão.

O olhar frio e sem coração em seus olhos está lá e se foi tão rapidamente quanto veio.

Ele olha para frente, na parede do bloco de concreto e me ignora por um momento. Eu quase falo, mas não sei o que

dizer. E mesmo se eu fizesse as perguntas que me mantém acordada à noite, Jase não saberia as respostas.

Sem pensar, pego nas minhas unhas. Talvez se eu implorasse a ele, ele me deixaria ir. O huff de uma risada genuína, mas sarcástica, chama a atenção de Jase. Eu posso sentir seus olhos em mim, mas não olho para cima até ele falar.

“Carter disse para comprar um caderno de desenho. Mas eu pensei que talvez você quisesse outra coisa também?”

“Pílulas para dormir," eu respondo sem pensar duas vezes. Estou com fome, mas mais que isso, preciso dormir. “É difícil dormir aqui.”

Quando eu olho para ele, Jase está olhando para mim como se eu estivesse tentando enganá-lo e o bater no meu peito bate mais forte e mais rápido. “Eu preciso dormir," eu imploro a ele. “Eu os levo em mim. Isso ou vinho algumas noites. Por favor, não estou tentando drogar ninguém ou qualquer coisa. Eu só preciso dormir, por favor." Minha voz racha e aquele sentimento patético que me atormentou apenas momentos antes de ele entrar pela porta vem correndo de volta para mim, difícil. Quase me faz enterrar a cabeça entre os joelhos com vergonha.

“Eu só quero dormir," eu imploro.

“Pílulas para dormir... qualquer marca em particular?" A pergunta de Jase alivia a ansiedade ligeiramente.

Compondo-me o melhor que posso, eu escovo meu cabelo atrás da orelha e respondo a ele: “Eu tentei muitos deles. Há uma caixa rosa na farmácia. Eu esqueço o nome," eu digo então fecho meus olhos apertados, tentando lembrar. Tentando imaginar a caixa que fica na minha mesa de cabeceira.

Eles abrem rapidamente ao som da cadeira raspando no chão.

Mas Jase está apenas recostando-se, pegando o celular e digitando.

“Você quer mais alguma coisa?”

“Cartas de tarô," eu deixo escapar sem realmente pensar e a expressão no rosto de Jase me diz que eu sou uma estúpida ou ingênua ou estranha. Eu não sei. Quer dizer, mesmo que eu esteja perdendo a cabeça, percebo que é uma coisa estranha de se pedir. “Eu fico entediada e gosto de pensar com elas. É apenas algo que eu gosto." Com cada frase, minhas palavras saem mais brandas.

Todo dia eu leio minhas cartas. As cartas não me disseram que isso estava chegando.

“Talvez roupas?" Jase me pergunta dando-me um olhar aguçado e minhas bochechas ardem de vergonha.

“Roupas seria bom." Eu não pensei muito nas minhas roupas reais. Eu sei que estou suja e coberta de sujeira. O único lugar em que me sentei ou dormi é neste minúsculo colchão e sei que estou fedendo.

“Eu poderia usar um monte de coisas.”

Jase me interrompe. “Eu vou pegar alguns artigos de higiene pessoal e você sabe... essas coisas.”

Eu concordo com a cabeça, engolindo cada pedaço de humilhação que ameaça me consumir.

“Você é muito legal para um guarda de prisão," digo a ele, embora eu olhe direto para o canto vazio da sala.

Ele bufa uma risada curta e sem graça e pergunta: “Comida?”

“Carter disse que ele tem que ser o único a me alimentar," eu respondo Jase imediatamente e, em seguida, fecho os olhos quando meu estômago vazio aperta com dor. Eu deveria ter comido antes. Eu tenho que ser esperta. Mas quantas vezes eu já disse isso a mim mesma, só para acabar no mesmo lugar sem mudar?

“Isso soa como algo que ele diria.”

Tudo dói neste momento. Meu corpo da exaustão, meu coração do desespero. A fome é apenas o terceiro da minha lista.

“O que mais Carter diria?" Eu pergunto a ele, só para continuar falando. Para conhecê-lo. Para fazê-lo sentir que eu quero que ele fique. Meu coração flerta com a esperança de que ele possa segurar a chave para eu sair.

“Carter diria que sente muito que tenha sido assim.” Eu riria das palavras de Jase se elas não me machucassem do jeito que elas fazem.

“Eu não acho que acredito nisso," eu quase sussurro.

“Ele nunca quis nada disso," diz-me Jase. “Ele era apenas uma criança quando tudo despencou, e era matar ou ser morto." O silêncio se estende quando imagino uma versão mais nova de Carter, que não foi endurecida pelo ódio e pela morte.

“Você sempre tem uma escolha," eu consigo falar, embora eu ache irônico quando estou sentada nessa cela, sem uma única escolha minha.

“É um bom pensamento, não é?" Jase oferece. Não há sarcasmo, não tem um toque de raiva ou tristeza. Apenas

palavras de fato.

“Eu gostaria de deixar este quarto," eu digo a ele, embora seja uma pergunta. Quando Jase assente, a esperança aumenta dentro de mim.

“Isso vai acontecer," diz Jase. “Eu sei que vai.”

“Você me deixaria sair pelo menos? Ou por uma janela para um pouco de ar fresco?" Jase inclina a cabeça e aperta os olhos como se me perguntasse se eu acho que ele é estúpido. “Eu prometo que não vou correr ou algo assim. Eu juro." Minha garganta aperta quando ele me considera.

“Eu vou ver o que posso fazer," é tudo o que ele diz ao meu coração acelerado. Mas é alguma coisa. É um pequeno pedaço de esperança.

“Por que você está sendo legal comigo?" Eu foco em seus olhos escuros, querendo que ele me responda, mas por dentro, eu espero por uma mentira. Eu quero que ele me diga que tudo vai ficar bem. Que ele vai me tirar daqui. Mas é tudo pensamento positivo.

“Eu não sou um cara legal, Aria, então tire isso do seu coração." Ele se levanta abruptamente e depois olha para mim quando abre mais a porta, para que possa sair.

Meu sangue bate em meus ouvidos ao ver a porta aberta, com a figura de Jase bloqueando-a. Sua sombra desaparece na escuridão da sala.

Inteligente. Eu repito novamente. Seja esperta.

Agora não é a hora. *Seja sua amiga.* O pensamento chia e eu escuto. Ele poderia me ajudar. Ele poderia ter piedade de mim onde Carter não tem.

“Estou apenas seguindo as ordens de Carter.”

Eu só aceno uma vez e me forço a procurar em outro lugar. Em qualquer lugar, mas em direção à falsa sensação de liberdade além da porta. Ele voltará. Da próxima vez estarei mais preparada.

E com isso, sou deixada sozinha novamente.

CARTER

Três horas se passaram e cada hora ela está cada vez mais confortável.

Ela não parou de desenhar desde que Jase saiu da cela. E eu não tirei meus olhos dela. Há apenas uma câmera na sala e sem conseguir aumentar o zoom, é difícil ver os recursos dela.

Uma pilha de roupas e seu cobertor estão cuidadosamente empilhados e dobrados na cama. Mas ela fica no chão, rabiscando. Uma página após a outra como se ela estivesse obcecada e incapaz de parar.

Eu preciso saber o que ela está escrevendo. Especialmente se for algum tipo de relato do que aconteceu nos últimos dias. Uma mensagem, talvez? Talvez tenha algo a ver com o motivo pelo qual ela grita dormindo quase todas as noites.

O mal-estar se insinua na minha espinha com as lembranças. Não me surpreende que a primeira coisa que ela pediu foram pílulas para dormir. Eu também não consigo mais dormir. Todas as noites, ela grita de terror e só piora.

Eu pensei que as coisas mudariam depois do outro dia.

Outro papel voa pelo chão, mas antes mesmo de suas vibrações pararem, ela já está desenhando na página que estava abaixo dele.

A mudança é necessária. Mesmo que eu tenha que forçar isso.

A caminhada do meu escritório para a cela demora demais. Meus punhos apertam mais forte e meu coração bate mais rápido quando me aproximo.

Eu mantenho a porta aberta e deixo a cadeira onde está neste momento.

Enquanto ela desliza de volta para sua bunda e longe das pilhas de papel para ficar longe de mim quando me aproximo, eu me abaixo para eles, agachando-me e pegando o mais próximo.

Ainda há alguns metros entre nós, mas a expressão no rosto de Aria é de completo medo. Não o desafio que eu pensei esperar.

“Peguei você desprevenida?" Eu pergunto a ela, levantando uma sobrancelha. Talvez ela pense que eu vim para roubar seus presentes, ou talvez a falta de comida a faça lembrar do que aconteceu na outra noite. Eu sei que ela comeu cada pedaço daquela bandeja que Jase deu a ela com suas novas avaliações hoje cedo.

Eu me pergunto se ela acha que é um segredo que ele escondeu de mim.

“Você parece assustada," acrescento quando ela não responde à minha pergunta inicial. Seus olhos são largos, e as cores se agitam com tanto pensamento e curiosidade.

Ela não me responde. Ela parece que não está nem respirando enquanto seus olhos olham do papel na minha mão para a porta aberta.

“Não pense em correr, Aria. Não quero ter que tirá-los no segundo em que você os pegou.”

Lentamente, o peito dela sobe e desce. Seu corpo rígido se solta, embora ela fique para trás. Com a cabeça abaixada, ela

só olha para mim. Esta é uma diferença interessante, o jeito que ela olha para mim em comparação com o meu irmão. Eu odeio isso. Mas medo e controle são tudo. Um dia, Jase vai ver isso.

Meu queixo endurece com o pensamento, olho para o papel antes de pegá-lo na minha mão para ver o que ela desenhou. Está de cabeça para baixo no começo e me leva um momento para perceber isso.

É desenhado com caneta, mas é lindo. Pequenas linhas finas e esboços que descrevem um coração sangrando com três facas esfaqueadas através dele. O fundo é uma tempestade e os borrões de tinta apenas aumentam a emoção claramente evidente no papel. Embora as facas pareçam atravessar facilmente o coração, a chuva atrás dele é tão violenta que afasta um pouco das facas.

“O que é isso?" Eu pergunto sem olhar para ela. Eu sei que ela está olhando para mim. Eu posso sentir seu olhar cuidadoso. Ela não gosta de olhar para mim quando estou olhando para ela. Embora seja um hábito que eu preciso quebrar, estou mais preocupado em obter respostas do que obediência.

“As três espadas," ela responde em voz baixa e me faz olhar para ela. Por um momento nós compartilhamos um olhar, mas depois ela o deixa cair, focalizando o papel nas minhas mãos.

“Uma de suas cartas de tarô?" Eu pergunto a ela e, em seguida, endireito o papel na minha mão, percebendo como ele se parece com um cartão.

“Sim. Jase disse que me comprou um baralho on-line, mas até eles chegarem eu pensei em desenhá-los eu mesma.”

Eu a considero por um momento. De tudo que ela poderia pedir, de tudo que ela poderia estar fazendo neste momento, é isso que ela escolheu. “Por quê?”

“Eu gosto de pensar sobre as coisas e isso me ajuda.” Ela nervosamente pega na borda de sua camisa suja onde um fio se desfez. “Tem sido solitário e não consegui pensar em nada novo. Foi apenas algo..." Sua voz se interrompe e ela respira estremecida. Semanas de não fazer absolutamente nada além de viver com seus demônios iriam assombrar e quebrar as mentes mais fortes. Mas ela sobreviveu.

“Suas roupas não se encaixam?”

“Elas servem, eu apenas sujaria as usando. Então, eu pensei...” Ela faz uma pausa para respirar um pouco e depois outra. “Eu só queria cuidar disso, e então planejei me trocar e tentar me limpar.”

Assentindo, eu entrego o papel para ela perguntando: “O que isso significa?”

Ela hesita em estender a mão e pegar, mas quando ela faz, seus dedos traçam as bordas das facas. “As três espadas representam rejeição, solidão, desgosto..." Suas palavras não se entristecem com a informação, apenas com matéria de fato.

Eu me pergunto se ela está mentindo. Se a única carta que ela tirou por acaso, realmente significaria essas coisas ou se ela estivesse brincando comigo. Ela poderia estar tentando enfraquecer minha determinação ganhando simpatia. Isso nunca vai acontecer.

“Mas a sua foi invertida," diz ela, e corta meus pensamentos de sua intenção.

“E o que isso significa?" Eu pergunto a ela, esperando que ela cuspa de volta que sou eu quem está causando tudo isso. Para ela me culpar por tudo isso. E de muitas maneiras é minha culpa, mas ela é a culpada também e ela nem sabe disso.

“Perdão," ela sussurra a palavra e depois, lentamente, aproxima-se mais para pegar cada um dos papéis caídos, dezenas deles, reunindo-os e evitando-me a todo custo.

A palavra ressoa por um momento, demorando-se no espaço entre nós e atingindo algo profundo dentro de mim.

Minha pressão arterial sobe enquanto meus olhos procuram em seu rosto por uma indicação do que ela está fazendo. Mas ela não olha para mim e o corpo dela parece se encolher mais a cada segundo que passa.

O momento passa e ela arruma a pilha na frente dela e ainda não olha para mim.

Menina teimosa. O familiar tique no meu maxilar começa a se contrair enquanto eu espero outro momento. E então outro antes que ela olhe para mim através de seus cílios grossos. Em vez de ver desinteresse, desprezo ou o que quer que eu estivesse esperando, tudo eu vejo é o pedido implícito para eu deixá-la ter um pouco de felicidade.

Mas nada nesta vida é livre. E ela deveria saber melhor que isso.

“Quando eu entrar aqui, quero que você se ajoelhe para mim.”

Ela recua quando percebe o que eu disse e quando a cabeça dela abaixa, o mergulho em sua clavícula parece se aprofundar a um nível que me deixa doente.

Ela é resistente a obedecer, mas ela precisa entender. Há uma expectativa de que ambos precisamos nos encontrar. E o que foi feito não pode ser levado de volta. Isso não é uma opção. “Eu admiro sua força. Eu faço." Eu falo com os olhos nas minhas costas enquanto vou até a cadeira de metal na parede oposta. Eu debato sobre deixá-la lá e dar-lhe espaço. Mas essa intenção é rapidamente esquecida.

Pegando a cadeira, eu levo de volta para onde ela ainda está sentada, balançando a cabeça enquanto seus ombros se encolhem.

“Você continua dizendo que eu sou forte e tenho que admitir que eu não entendo o seu humor.” Fico surpreso com a severidade de seu tom e o veneno que encobre cada sílaba quando ela fala. Ela me oferece um sorriso que oscila e, em seguida, acrescenta: “Você deixou ele dar tudo para mim para que você pudesse simplesmente tirar?” Talvez o pequeno sabor de o que costumava ser e o que ela poderia tão facilmente ter era o que ela precisava para lembrar do seu desafio e acender a faísca entre nós novamente.

Eu adoraria que ela lutasse comigo, mas só vou permitir depois que ela se submeter.

“Farei o que achar melhor," respondo simplesmente, e ela se recusa a olhar para mim, seus dedos traçando cada um dos papéis. “Tudo que você tem que fazer é me obedecer e eu te darei tudo que você precisar.”

“Eu prefiro morrer." Seus olhos castanhos fervem de indignação enquanto espera minha resposta. “Você pode tê-los de volta.”

Eu tomo meu tempo, sentado na cadeira na frente dela. Elevando-se sobre seu pequeno corpo, me inclino para frente e falo calmamente. “Meu passarinho, uma coisa é ter coragem

de dizer isso. Eu respeito isso. Mas outra é passar com isso. Você já obedeceu duas vezes. E eu não pedi muito, não é?”

Ela bufa em um tom fraco e forte. Uma maneira que reflete seu estado torturado. Tão perto de ter o que ela quer e precisa, e ainda assim tão perto de perder tudo.

“Foi uma piada cruel, não foi?" Seus olhos se estreitam enquanto ela olha para a porta como se ela a chamasse.

“Eu não brinco, Aria. Sua vida pertence a mim. Tudo o que alguma vez chegar para você para o resto de sua existência virá de mim.” Minhas palavras saem duras e irritadas. Eu estou doente e porra cansado dela negando a nós dois. “Fique. Em. Seu. Joelhos.”

“Foda-se," ela cuspiu, e instantaneamente meus dedos quase envolveram sua garganta enquanto a pele áspera do meu polegar descansava contra seus lábios. Eu posso sentir a pressa de seu sangue em seu pescoço enquanto eu a aperto com força, ela suspira enchendo o ar junto com o som da cadeira raspando do movimento rápido para frente.

Ela endurece com o meu toque, mas ela não protesta, olhando para mim com aquela expressão ardente quando eu aumento meu aperto. Sua respiração sai com um estremecimento, mas ela olha para mim com expectativa, esperando o que vou fazer em seguida.

Meu coração martela e meu pau endurece a cada segundo que ela segura meu olhar aquecido. Eu vejo o momento em que ela percebe que suas mãos estão na minha cintura. Puxando-se para mim, não me afastando.

Seus olhos brilham e eu quase bato meus lábios contra os dela, pedindo mais. Em vez disso, eu a deixo lá, deixando um baixo zumbido de aprovação cair dos meus lábios para que ela saiba que eu sei exatamente o que ela está pensando.

Um fogo inflama entre nós enquanto ela aperta-me com mais força, tão apertado que o som de suas unhas arranhando minhas calças é tudo que posso ouvir.

“Você acha que não deveria fazer isso, simplesmente porque aprendeu que é errado. Mas é isso que você realmente quer?”

“Eu não quero você," diz ela com a respiração ofegante, nem mesmo tentando esconder seu desejo.

“Eu não vou deixar você montar no meu pau até que você me diga o quanto você quer gozar nele." Eu seguro seu olhar ardente quando eu pergunto: “Você me entende?”

Seu corpo balança levemente quando ela segura um gemido estrangulado de luxúria.

“Agrade-me, Aria. Eu já sei que você é forte.”

“Você me deixa fraca." Sua voz se quebra e a tensão do outro dia retorna com força total. Ela estabiliza o lábio trêmulo entre os dentes.

“É disso que você tem medo? Ser fraca?”

Ela acena com a cabeça ligeiramente, muito ligeiramente. E eu posso ver a última parte de suas paredes desmoronar para mim. Batendo no chão em pequenos e insignificantes pedaços de escombros.

“Eu não quero você fraca." Eu me inclino para frente, sussurrando contra seus lábios: “Eu quero que seja minha.”

Seus olhos se fecham e seu corpo se inclina para frente, ela descansa quase todo o seu peso em mim. “Eu nunca vou me submeter a você,” ela diz, e suas palavras são fracas. Como se ela odiasse a existência delas.

Ela está perto. Tão perto. Eu preciso oferecer algo a ela.

Esperança. A oferta de esperança é algo que uma pessoa desesperada nunca pode se dar ao luxo de deixar passar.

“Eu fiz um acordo que eu não deveria ter feito. Mas eu preciso passar por isso o quanto for necessário. E tem que parecer que eu fiz o que seria esperado. Você vai me ajudar e então eu vou te dar o que você quiser.”

“O que você precisa de mim…”

“Obedeça-me," eu digo, cortando-a. “Ajoelhe-se quando eu entrar e faça o que eu quiser." Minhas mãos formigam com a sensação de senti-la tão perto de desabar. Elas se apertam e se abrem ao meu lado.

O tempo passa devagar enquanto ela se afasta de mim. Ela pode tentar fingir que ela tem algum lugar mais para ir. Mas sou a única maneira dela sair disso. E, eventualmente, ela vai me implorar por alguma coisa. Ela. Vai. Implorar.

“Qualquer coisa?" Ela pergunta, e ela já sabe a resposta. “Como a minha liberdade?”

“Quase." Eu não minto para ela.

“Não há mais nada…” Ela começa, mas eu a interrompi.

“Há sempre outra coisa." Minhas palavras são afiadas no começo, mas eu me corrijo. “Há sempre alguma outra coisa," eu repito e, em seguida, adiciono como me levanto para sair: “É algo que você precisa tão desesperadamente, mas você nem mesmo vê isso.”

ARIA

PARTE do que me impede de ceder a Carter e os sentimentos que tomaram conta de todos os meus momentos de vigília é óbvio.

O medo do passado retornando. A verdade nos terrores que devoram minhas noites.

E os pesadelos que eu lembro de um monstro passado apagam tudo que sinto por Carter. Não há nada que mude isso.

Às vezes é a sensação das mãos de Stephan em mim me faz acordar gritando. Faz tanto tempo desde que eu senti isso. Ou pelo menos desde que eu tenho consciência disso.

Costumava ser todas as noites. Eu não conseguia dormir sem ver seu rosto. Sem sentir ele me arrancar da minha mãe enquanto eu implorava para ela ficar comigo. Ela já tinha ido embora. Mesmo quando criança, eu sabia que ela estava morta.

Ele a matou.

As pílulas para dormir que o médico me deu, a pedido do meu pai, funcionou durante algum tempo. Então parei e, embora todo mundo dissesse que eu estava gritando, não me lembrava. Eu não conseguia lembrar de um único sonho. Nada, além da escuridão enquanto eu dormia.

Voltou para mim nos últimos meses. Mesmo as pílulas não podem acabar com os pesadelos. Elas não os impedem de chegar quando meus olhos se abrem.

É como se eu tivesse voltado 14 anos e minhas noites e dias são assombrados pelas memórias.

"POR FAVOR, STEPHAN," implorei a ele. Eu olhei nos olhos de um homem arrastando-me longe dela. Minhas unhas arranharam e se inclinaram sobre o chão de madeira quando eu o chutei, caindo com força no chão.

E ele rosnou: "Sua putinha."

MEU CORAÇÃO DISPARA e as lágrimas correm pelo meu rosto. Meus dedos cravam no colchão e o suor se transforma em gelo ao longo da minha pele. Não sei se estou dormindo ou acordada, mas sei o que está por vir. Não consigo me mexer. Eu não posso respirar.

Eu posso me ver balançando, mas ainda estou. Eu sou ciente disso. É um momento diferente, em um lugar diferente.

Estou segura, sussurro e tento afastar as imagens. Estou segura.

Mas quando abro os olhos e me esforço para não chorar mais, lembro onde estou.

Faz anos desde que os pesadelos me torturaram assim. Faz sentido que eles voltem agora. Mas sem um lugar para me esconder, não em meu sono e não enquanto estou acordada, não sei quanto tempo mais posso continuar.

Eu não posso viver assim.

Eu não posso e não vou.

Eu quero chamar Carter de todas as coisas. Ele poderia me abraçar e levar embora.

A cama abaixo de mim geme quando eu rodo, e pela primeira vez desde que eu estive aqui, minhas costas estão para a porta. Estou consciente disso. Tão consciente disso quanto eu lembro da sensação da mão de Carter no meu queixo. A força, o poder, o calor e o fogo que lambem o meu corpo quando ele me segura assim.

Como eu sou dele.

Lembro-me de suas palavras: *"Fiz um acordo que não deveria ter feito. Mas eu preciso continuar com isso."* Como ele disse que eu tenho que ajudá-lo. Passei semanas neste lugar sem esperança até agora. Minha imaginação é selvagem com pensamentos do que poderia vir. Mas cada um deles leva de volta a uma cena. Uma que faz minhas coxas apertarem mais firmes.

Lentamente, eu levanto meus dedos para onde estavam e fecho meus olhos enquanto as pontas dos meus dedos fazem cócegas na minha pele. A memória me acalma e, no entanto, faz meu coração bater mais rápido.

São as mãos dele em mim que eu penso enquanto tento voltar a dormir. E eu quase faço.

Mas a percepção de quanto poder ele tem sobre mim, com algo tão simples como um toque, significava controlar-me, aliviando minha dor, roubando qualquer chance que eu tivesse de voltar a dormir.

CARTER

Stephan. Alexander Stephan.

É o nome dele que ela gritou. Ele é quem a aterroriza em seu sono. Eu sei que é.

Eu escutei repetidamente, cada vez que a raiva se intensificava.

Noite passada ela gritou seu nome.

Todas essas noites eu pensei que era eu causando os terrores. Eu achava que ela me odiava e que ela realmente temia o que eu poderia fazer com ela.

Eu nunca estive tão errado na minha vida.

A porta da cela se abre com um pequeno rangido, mas grita alto em meus ouvidos enquanto os olhos vermelhos de Aria olham de volta para mim.

“Não consegue dormir?" Eu pergunto a ela, deixando a porta aberta e andando com passos regulares e deliberados para o lado de sua cama.

Ela parece tão frágil debaixo de mim. Comer mal e não dormir por mais do que algumas horas por mais de uma semana tem seu preço. Ela não me responde. Seus olhos me seguem embora.

“Eu não vou me ajoelhar," diz ela fracamente.

“Eu não vim para isso.”

Sua testa franze e ela quase me pergunta. Ela sabe que está desobedecendo, ainda lutando uma batalha perdida, mas

minha guarda está baixa. Isso quase me faz sorrir.

“Pedi pílulas para dormir," diz ela, e seus pedidos estão desesperados. Mas eu tinha que saber mais. Não haveria comprimidos para afastá-la quando ela não o compartilhasse comigo. Como eu teria descoberto? É a sua teimosia que a fará sofrer.

“Eu quero saber como você conhece Alexander Stephan.” Mesmo que minhas palavras saiam suavemente, com a intenção de ser gentil, ela empalidece na minha frente e eu posso ver o frio se espalhar por seu corpo enquanto ela se afasta de mim.

Não tão longe que ela pode correr aqui e estou tentado a agarrá-la e forçá-la a me responder, mas eu já sei tudo o que preciso.

Eu fui estúpido ao pensar que sabia tudo o que havia para saber sobre Aria. Eu não considerava nada além de quem ela era há cinco anos. Eu não considerei o passado que a tornou naquela garota.

Eu sabia que a mãe dela foi assassinada por um sócio do Romano anos antes de nossa família existir nessa realidade. Na época, ele era o braço direito de Talvery. A traição é espessa neste negócio. O assassinato de sua mãe é o que iniciou a rivalidade anos atrás, mas está quieto há mais de uma década. Ninguém se moveu desde a retaliação malsucedida por parte de Talvery. Cada lado estava simplesmente manobrando peças e esperando o outro atacar desde então.

Minhas unhas afiadas cavam na minha mão enquanto eu resisto para tocar Aria. Suas costas estão pressionadas contra a parede e ela recolhe as cobertas mais perto do peito como se tivesse esperança de que elas poderiam salvá-la.

Mas não há nada que possa te salvar do seu passado.

Quando ela finalmente fala, é a raiva que ameaça sair em sua voz. “Não me dê a ele, por favor.”

Raiva passa por mim. Essa garota tem um jeito de ignorar isso dentro de mim como ninguém.

“Você pertence a mim." As simples palavras cerradas entre meus dentes cerrados a fazem endurecer, mas seus olhos mostram uma resposta diferente. Esperança, talvez.

“Qualquer homem que acha que pode colocar uma mão em você vai morrer na minha. Isso é claro?”

Seus olhos procuram os meus por sinceridade, mesmo quando ela balança a cabeça. “Eu te disse, você pertence a mim.”

A mudança em seu comportamento é pequena. As respirações mais pesadas, o relaxamento suave em seus ombros, e o desafio que implora para sair nos seus lindos olhos verdes.

“Quem é ele para você?" Eu pergunto a ela novamente e vejo as cordas em seu pescoço esbelto apertarem quando ela engole.

“Ele matou minha mãe." Ela não mostra muita emoção, ela tenta escondê-la, parecer desprovida dela. Mas tristeza e medo emanam de sua voz.

Eu considero o que perguntar a ela em seguida, mas não quero que ela saiba o que eu sei. Se ela já não acredita, ela não acreditaria em mim.

“Diga-me mais," eu decido comandá-la, em vez de pedir detalhes.

Ela tira o cabelo do rosto e, quando o faz, o cobertor cai do peito. Só então percebo que ela finalmente mudou de roupa. A fina camisa de algodão rosa claro complementa sua pele. Seus dedos envolvem as algemas das mangas enquanto ela puxa os joelhos contra o peito.

“Não é algo que eu gosto de falar," diz ela simplesmente, e então descansa sua bochecha sobre os joelhos e olha para mim. O ar é diferente entre nós. A tensão do jogo que estamos jogando não está aqui e então eu me aproximo mais dela, imaginando como ela vai reagir.

E ela faz. Meu pequeno passarinho.

Ela mantém o espaço entre nós, mudando para o outro lado da cama e endireitando os ombros para manter os olhos em mim.

Os cantos dos meus lábios se levantam em um meio sorriso.

“Mesmo agora?" Eu pergunto a ela e a defensiva desaparece, mas ela não responde.

Um momento passa e depois outro. Finalmente, ela olha para a porta aberta. É a primeira vez que ela faz isso esta manhã, geralmente seu olhar cintila constantemente.

“Você gritou o nome dele na noite passada,” eu digo a ela e quando ela olha para mim, eu sei que ela não está respirando. “Eu gostaria de saber o porquê," eu digo para terminar meu pensamento.

Ela engole visivelmente e novamente puxa os joelhos para o peito. Quando ela faz, eu me aproximo. Apenas um pouco. Embora ela esteja na minha mão, deitada no colchão e mais perto dela, ela não se afasta.

“Eu estava lá quando ele fez isso.”

“Você a viu morrer?”

Ela acena com a cabeça. “Eu estava me escondendo. Eu só estava brincando." Ela balança a cabeça e eu avanço para frente novamente, acenando para ela por mais. Mas nada vem.

“O que você não está me dizendo?" Minha pergunta surge como uma demanda e é aí que o desafio retorna e a garota que estou acostumado a ver retorna.

Seus lábios secos se separam, mas depois de vários momentos, ela não diz uma palavra. Levanto-me, empurro a cama fina e faço-a balançar com o mergulho no colchão.

“Eu não gosto de ouvir você gritar," eu admito a ela e me encontro com o silêncio.

Eu me viro para olhar por cima do meu ombro e vejo seus olhos suaves me encarando, cheios de lágrimas não derramadas.

“Sinto muito," ela pede desculpas para mim e acho difícil de engolir quando ela vira o olhar de mim para o cobertor.

Isso está se movendo muito devagar. Muito devagar. Ela está perto de quebrar e, para nosso bem, tenho que empurrá-la. Eu não vou deixá-la se mover para trás. Estamos tão perto, e o tempo nunca para em seu tic-tac.

Com isso em mente, eu me abaixei e peguei o cobertor dela. Ela olha para mim como uma criança assustada e eu tenho que empurrar minhas palavras, embora elas saiam com o controle e o poder que eu sempre tive. “Você precisa tomar banho. Eu não confio em você. Então você vai ter que confiar em mim.”

ARIA

EU NUNCA IMAGINEI como seria um prisioneiro quando levado de correntes a uma liberdade fingida. Como um pátio ou outro lugar. Eu me pergunto se eles sentem o mesmo instinto inicial de ficar perto de seu carcereiro, como eu faço com Carter.

Ou talvez seja porque estou cansada. Eu estou tão cansada. De lutar, de morrer de fome, de não dormir. Eu não estou quebrada, mas estou tão cansada.

A rica mobília de mogno, os tetos altos e os detalhes entalhados se movem em torno de mim em um borrão. Sem sapatos, meus pés descalços apoiam-se suavemente no chão polido e é tudo que consigo ouvir.

Eu não tenho certeza se devo espreitar e olhar ao meu redor, mas toda vez que o faço, Carter gentilmente escova meu ombro e eu instintivamente pego meu ritmo, focada no que está por vir. Ainda assim, tento observar tudo, prestar atenção em todas as portas e janelas, todas as chances possíveis de fuga.

Meu coração bate ferozmente quando ele me conduz para a direita e vejo uma fina corrente de luz no corredor escuro de uma sala em uma distância. Os sons de conversa e até de riso ecoam ao meu redor, embora Carter me puxe na direção oposta.

A adrenalina corre nas minhas veias e minha garganta aperta.

Existem outras pessoas aqui.

“Não seja estúpida, Aria," Carter sussurra no meu ouvido, fazendo meu coração balançar e me forçando a pular para trás. Eu não tinha percebido que meus pensamentos eram tão óbvios.

“Venha," ele ordena, oferecendo-me a mão. A minha própria é pequena enquanto ele envolve seus dedos fortes em volta dos meus e me leva mais fundo pelo corredor escuro. Tudo o que posso pensar enquanto ele me leva mais perto de onde ele me quer, é que havia pessoas aqui, todo esse tempo, e eu não tenho ideia se eles ouviram meus gritos ou o que eles teriam feito se eu tivesse gritado apenas alguns momentos atrás.

Carter desbloqueia uma porta, o tilintar das chaves de metal acompanhadas por sua voz rouca quando ele diz: “Meus irmãos ficam acordados até tarde. Eles sempre ficam.”

Seus irmãos. Jase e quem mais? Não há curiosidade suficiente no mundo que poderia me levar a perguntar a ele. Mas no fundo da minha alma, eu estou chorando por respostas, embora eu já possa ouvir o assovio da verdade no fundo do meu crânio.

Não há piedade aqui. Não de qualquer um.

A porta se abre com um rangido abafado e eu só aceno enquanto ele gesticula para eu entrar. O pequeno pedaço de esperança que vibra no meu peito é estrangulado. Eu mal posso engolir, mal faço qualquer coisa, mas coloco um pé na frente do outro através de um grande quarto, até que ouço o movimento de um interruptor de luz.

A luz fraca atravessa o piso de mármore preto e branco. Carter não espera para eu entrar antes de ligar a banheira do outro lado da sala. Estou impressionada com o tamanho do banheiro. Mesmo vindo da riqueza, sou pega de surpresa.

“É lindo," falo baixinho. Como eu posso falar, não sei.

A sensação do piso frio debaixo dos meus pés nunca foi tão bem-vinda.

A visão da toalha de pelúcia dobrada ordenadamente no balcão me faz coçar para tocar como nada mais fez.

O som de uma banheira enchendo nunca foi tão reconfortante. E, no entanto, estou tão ciente de que sou apenas uma prisioneira em uma gaiola dourada, e esse momento fora da cela pode ser minha única chance de escapar.

Meu corpo está cansado de não comer muito e ter pesadelos que me acordam toda vez que eu durmo. Mas ainda sinto a necessidade de lutar.

Carter não responde a uma frase que digo, ou ao próximo passo que dou ao banheiro, deixando meus dedos traçarem o padrão pálido no papel de parede prateado. Meu olhar flui pelo quarto facilmente, mas para quando eu vejo a banheira.

Não consigo tirar os olhos do vapor que se agita em torno da borda da banheira.

Inclinando-se sobre a porcelana imaculada, as costas de Carter estão para mim com seus ombros musculosos apertando sua camisa, e imagino como eu poderia empurrá-lo e correr. Eu poderia empurrá-lo com toda a força que tenho e sair do cômodo. Eu duvido que eu vá longe, e eu não sei para onde eu iria.

Agora eu sei que seus irmãos ficam aqui. Eles estão aqui em algum lugar.

Não, tenho certeza de que não iria longe.

“Eu quero alimentá-la antes de eu dar um banho em você." A declaração de Carter corta as visões de mim correndo até que ele acrescente: “Tire a roupa e entre na banheira enquanto eu pego seu jantar.”

A esperança morta é ressuscitada, ele está me deixando. O pensamento me deixa mais ansiosa do que qualquer coisa.

Quando ele sai, Carter para na porta e acrescenta: “Eu não vou demorar.”

Deixada apenas com o calor e o conforto da água corrente, meu coração bate uma vez, depois duas vezes.

Meus olhos se fecham e eu sussurro: “Não seja idiota.” A dor do lado de dentro, a necessidade desesperada de correr, tudo é superado pelo conhecimento do que viria se eu desobedecesse.

Eu realmente me negaria uma chance imprudente de liberdade por um banho quente? Por comida e seu toque? Eu fui tão privada de tais pequenos confortos que valeriam tanto?

Minhas unhas cravam nas minhas palmas enquanto eu guerreio comigo mesma e quando meus olhos se abrem, tudo que vejo é eu mesma no espelho. Meu cabelo está emaranhado, embora eu passei os dedos diariamente. Está oleoso e sujo, o que é de se esperar.

Meu rosto está magro. Muito mais fino do que eu me lembro. Levantando a fina camisa de algodão acima da minha cabeça, eu inspeciono meu corpo, correndo meus dedos pelos meus lados e descendo até a minha cintura. Eu não vi as contusões de quando eu fui levada. Os cortes em volta dos meus pulsos deixaram finas cicatrizes brancas, e o hematoma em minhas costelas é um tom feio de marrom escuro que se desvaneceu para quase nada.

Eu não tinha sentido a derrota até que fui conduzida da minha cela, desistindo da possibilidade de correr apenas para ver o quão danificada eu me tornei.

O som da água batendo contra a superfície mais forte me chama a atenção para a banheira.

Está quase cheia. A água quente fumegante e a fragrância relaxante dos óleos de banho de lavanda que Carter despejou nela, me imploraram para entrar. Para deixar ir e parar de lutar. Ser boa e fazer como me mandou. Se pelo menos eu puder me livrar do sentimento de fracasso e lembrar quem eu sou de novo.

E eu ainda sou um membro dessas palavras que ele falou dias atrás. Ele fez um acordo e eu estou aqui para ajudá-lo. Há mais nisso do que eu sei. “Seja esperta," eu sussurro para mim mesma. Estou jogando sem conhecer as regras. Sem saber a próxima fase. O pouquinho de esperança e maravilha me leva para a tentação.

Virando a torneira de ferro, percebo que é a primeira coisa que toquei em semanas além dos poucos itens na cela. Algo tão simples como girar uma torneira parece estranho e nostálgico. Eu nunca quero ir de volta para a cela. Meu peito parece oco quando eu penso, *nunca*, mas sei que a escolha não é minha.

É, uma pequena voz murmura na parte de trás da minha cabeça. A voz que tira proveito da minha dor e promete tanta esperança em sussurros de engano.

Jasmim e lavanda enchem meus pulmões enquanto eu inalo os aromas calmantes e rapidamente removo minha camisa e tiro minha calça de algodão pelas minhas pernas. Apesar das roupas serem novas, ainda estão sujas. Tudo naquela cela está sujo.

O tecido se agarra aos dedos dos pés e eu tenho que largá-lo e ir para o meio das roupas. Assim que eu faço isso, ouço os passos pesados de Carter voltando.

O medo me impede de me mover por apenas um momento, mas então eu rapidamente coloco um pé na água fumegante, sibilando no ataque de calor e fazendo a água espirrar em torno da banheira. A água bate no chão enquanto eu passo com o outro pé no banho quente, o calor se tornando mais e mais acolhedor quando meu corpo se ajusta a ele. De costas para a porta, eu ouço Carter entrar, mas eu o ignoro, me abaixando na banheira cheia com um calor que eu precisava desesperadamente. E me escondo dele.

“Como está?” A voz de Carter soa através da sala com uma poderosa ressonância.

Como o céu, penso quando me volto devagar, tomando cuidado para não espirrar água, mas também tendo o cuidado de ficar embaixo e um pouco escondida além das bolhas brancas na superfície.

Tento dizer a ele que é maravilhoso e agradeço quando finalmente encontro seu olhar, mas sou silenciada pela intensidade. Seus olhos rodam com o perigo de um homem próximo de conseguir o que ele quer. Um calor animalesco passa entre nós e eu só posso acenar com a cabeça por medo de que a minha voz soaria como se eu ousasse dizer uma palavra para ele.

Felizmente, ele tira o olhar de mim e pega um prato de cerâmica do balcão.

“Você precisa comer." O comando de Carter soa mais como um lembrete para si mesmo. E novamente, eu simplesmente aceno.

Eu já tive comida deliciosa antes. Eu engordei com iguarias sem pensar duas vezes. É um dos únicos benefícios da minha criação. Mas a comida que Carter me trouxe faz minha boca escorrer e meu punho apertar na banheira para me impedir de arrancar o prato de suas mãos.

Ele deve ver minha ânsia. Ele sempre sorri aquele sorriso diabólico quando ele sabe que eu estou ansiosa. Desgraçado.

“Abra," ele me comanda e como uma boa menina, meus lábios se separam e eu quase lamento quando ele me dá um pequeno pedaço de filé mergulhado em um pouco de manteiga de ervas espalhadas pelo topo. A carne derrete na minha boca, os gostos cantam nos meus lábios. Meus olhos ainda estão fechados enquanto eu aprecio a comida, pensando que é a coisa mais deliciosa que eu já comi quando Carter coloca outro pedaço contra os meus lábios.

Instantaneamente eu abro meus lábios para ele e seu dedo roça minha língua enquanto ele me dá um segundo pedaço e depois outro. Meus dentes raspam contra seus dedos e meus olhos se arregalam de preocupação que ele pense que fiz isso de propósito, mas ele só me alimenta mais.

O medo e a preocupação desaparecem, assim como o tempo faz com cada fatia de carne macia.

Tomates e pimentões empolados, juntamente com batatas assadas, encontram-se na mistura enquanto Carter me alimenta até que meu estômago esteja cheio e que eu não posso dar outra mordida. Faz tanto tempo desde que eu não senti dores de fome. Parece uma eternidade desde que eu afundei em uma banheira profunda, coberta de água quente. Eu descanso minha cabeça contra o lado da banheira e finjo que tudo está em paz. É apenas um pequeno momento até que o tilintar da bandeja de cerâmica no chão de cerâmica me perturba e me trazendo de volta ao presente.

Meu corpo endurece um pouco, derramando a água em direção à borda da banheira, longe de Carter, enquanto ele mergulha uma toalha na banheira.

Seus dedos roçam minha pele e pecaminosamente, eu agradeço o toque. Faz tanto tempo e eu tenho estado tão solitária. Eu quero mais. Eu preciso de mais. Eu me vejo desejando que ele me leve como eu sei que ele quer.

Ele realmente me quebrou tão facilmente? Ou isso é algo que eu deveria querer da maneira que eu faço? As perguntas trazem uma névoa para minha mente e uma vibração no meu sangue. A toalha passa pelo meu corpo, começando pelos meus pés e subindo. Meus tornozelos, minhas coxas e tão perto.

Eu sei que ele pode sentir minha respiração pesada, ele pode ver como eu aperto a borda da banheira. Mas ele não me toca lá. Em vez disso, ele me diz para molhar meu cabelo e toma seu tempo massageando meu couro cabeludo e ensaboando meu cabelo. O cheiro do xampu de camomila me subjuga, eu gemo tão levemente até o ouvir e eu paro.

Tudo parece tão bom.

“Para frente, passarinho," ele me diz com aquela voz aveludada. A voz que eu não quero desobedecer, e eu não quero. Eu faço o que ele diz. Com cada comando que ele dá eu faço exatamente o que ele diz.

Ele massageia a toalha sobre meus ombros e eu choramingo quando ele amassa a dor. Eu não tinha percebido o quanto meu corpo doía até que ele me mostrasse isso. Um gemido baixo de aprovação me força a abrir meus olhos e olhar para os dele. Mas ele não está olhando para o meu olho. Seus olhos estão focados nos meus mamilos endurecidos, espreitando da água.

A toalhinha faz um respingo quando ele atinge a água e afunda lentamente até as profundezas da banheira. Carter deixa seus dedos descerem pelo meu peito, arranhando um dos meus mamilos e depois o outro. Acontece devagar, com os dedos determinados, mas também me dando um aviso. Seu polegar áspero os circula primeiro antes de puxá-los e fazendo minha cabeça cair para trás e minhas coxas apertarem. Cada puxão envia um pico acentuado de necessidade entre minhas pernas, e eu as espalhei para ele. Meu clitóris pulsa com a necessidade. Eu sinto isso tão fortemente que eu não acho que seria preciso muito para eu gozar para ele. E não consigo encontrar em mim alguma vergonha por esse fato.

O desejo estúpido que não desapareceu, dispara através de mim e eu saúdo-o.

Os olhos escuros de Carter encontram os meus, mas ao invés de chegarem mais abaixo, seu braço mergulha na água. Ao meu lado e ele pega a toalha novamente.

Eu me lembro de sua paciência. Quão lentamente ele faz tudo. Eu não sei se ele tem prazer em me provocar ou se simplesmente ele não quer que este momento termine, mas de qualquer forma, eu inclino minha cabeça para trás enquanto ele continua me dando banho, e eu não me oponho até que a mão dele está exatamente onde eu secretamente desejei que estivesse.

Ele escova a toalha contra o meu clitóris latejante e eu ofego, afastando-me do prazer intenso e fazendo ondas na banheira que se espalham pela borda. Medo e desejo se misturam em uma poção confusa que eu bebi há muito tempo. E neste momento, eu tomaria a garrafa de novo, sugaria e lamberia a borda do pescoço onde as últimas gotas de líquido se juntam. Isso é o quanto eu desejo que ele faça isso novamente.

“Não goze, Aria. Se você fizer isso, eu vou parar," ele me avisa e meus pulmões se acalmam. Meu corpo está em chamas com necessidade. Eu me abaixei devagar na água morna, até que meus seios estão escondidos novamente, e eu seguro os olhos de Carter enquanto eu lentamente alcanço de volta e agarro a borda. Meu corpo está parado, tão quieto quanto o olhar de Carter pisca entre minha boceta e meus olhos. Eu mordo meu lábio inferior enquanto ele alcança entre minhas pernas novamente.

Seus movimentos foram firmes e lentos. Cuidadosos e atenciosos. Mas quando a toalha cai na água, roçando minha coxa e bunda, e seus dedos substituem o pano, seus movimentos não são nada além de selvagens.

Ele enfia os dedos dentro de mim. Minhas costas se curvam quando o súbito pico de prazer percorre cada centímetro do meu corpo.

“Carter," eu choramingo seu nome enquanto ele empurra a palma da mão contra o meu clitóris. Eu nunca fui tocada assim. O ar é arrancado de mim e não consigo respirar ou me mover, mas não aperto mais e tento ficar quieta enquanto ele me fode cada vez com mais força.

“Carter," grito seu nome mais alto no ar quente e aperto a borda da banheira o mais forte que posso. Eu não posso deixar ir, mas meu corpo está implorando para eu correr, me mover, me aproximar do prazer intenso e sair rapidamente.

Eu sei que quando eu gozar, ele vai me dividir em pedaços e ele vai adorar como eu me quebro sob o seu toque. Isso me assusta e me emociona.

Eu deveria ter vergonha quando me contorço na água. Eu deveria estar envergonhada quando ele assobia quando minha boceta aperta em torno de seus dedos e meu orgasmo

rasga através de mim, vindo mais rápido e mais forte do que nunca.

Meu coração não deveria querer mais. Meu corpo não deveria doer mais. Eu não deveria sentar tão rapidamente com a intenção de segurar seu pulso e implorar por mais. As ondas ainda estão batendo em mim quando ele se vira, pegando a toalha e ignorando como eu acabei de me separar dele.

Meus medos nublam o desejo, eles diminuem a sensação de luxúria que ricocheteia pelo meu sangue, minha respiração se estabilizando.

Mas quando ele se vira para mim, eu sei que está tudo bem. Eu sei que fiz bem em deixá-lo me tocar. Do jeito que ele olha para mim, é como se ele nunca quisesse mais nada em sua vida.

CARTER

Ela é boa demais. Perfeita pra caralho.

E é assim que eu vou mantê-la para que cada vez eu possa arruiná-la. É um equilíbrio delicado, sabendo o que oferecer a ela e quando tirar dela.

Esta noite, eu dei mais do que o suficiente, e eu vou a sentir quebrar em mim. Eu vou senti-la quebrar debaixo de mim enquanto eu pego cada pedaço dela que eu quero. E ela vai me amar por isso.

A água cai em torno dela em um tamborilar no chão de ladrilhos. Ela deixa escorrer pelas costas e pelos lados. Mesmo a toalha grossa que eu estou enrolando em torno de sua cintura não pode escondê-la de mim. Eu senti cada centímetro. Cada curva está gravada na minha memória.

Sua pele treme sob as pontas dos meus dedos enquanto eu os esfrego contra seus ombros.

Eu tomo meu tempo, deixando cada pequeno toque pegá-la desprevenida. Os suspiros e as respirações agudas apenas aumentam a emoção. Meu pau está mais duro do que nunca, enquanto eu a levo para o quarto e ela se agarra a essa toalha como se ela fosse capaz de mantê-la.

Seu pequeno corpo lança uma sombra no tapete grosso, a luz da lua brilhando através das cortinas. Eu praticamente posso ouvir seu coração batendo enquanto ela olha para a cama. Meus dedos deslizam sobre sua pele sedosa e deixo meus lábios caírem em seu ombro, para que eu possa sussurrar: “Você não precisa mais disso." Meus dedos deslizam entre a toalha e sua pele macia. Eu meio que espero

que meu pássaro se oponha. Para continuar a fingir que ela não quer isto.

Mas para minha surpresa e prazer, ela deixa a toalha cair e gentilmente firma suas costas contra o meu peito quando dou esse pequeno passo para frente, descartando a distância entre nós.

Meus dedos mergulham em sua boceta, seu cabelo fazendo cócegas em meus dedos enquanto acaricio seu clitóris ainda inchado. Eu sou recompensado com sua bunda empurrando contra o meu pau, suas costas se curvando, e um pequeno gemido que mal é abafado.

“É a minha vez, Aria," eu digo, e minha voz quase treme pelo nome dela quando sinto suas coxas apertarem em volta dos meus dedos. “Você está pronta de novo tão cedo?” Eu a viro de um lado para o outro, os pequenos seios dela têm uma bela cor ruborizada e o lábio inferior cai de surpresa como se ela tivesse sido pega.

“Você está ansiosa para gozar novamente e sentir aquela tortura doce e pecaminosa paralisar seu corpo?" Eu dou meio passo à frente, forçando sua bunda a bater contra a cama.

“Eu aposto que eu poderia fazer você gozar só de chupar eles," eu digo a ela e puxo seus mamilos rosa pálido de pétalas entre o meu dedo do meio e dedos indicadores. Eu puxo os dois de uma só vez. Sua cabeça balança ligeiramente, mas aqueles lindos olhos cor de avelã ficam nos meus enquanto ela geme.

“Senta." Eu dou a ela um comando simples. E ela obedece. Eu não posso descrever o orgulho, a satisfação de vê-la tão ansiosamente esperando por outro comando. “Boa menina," acrescento, as palavras escapando facilmente, e minha mão descansa suavemente em sua coxa. Eu a movo

para cima até que eu aperto sua bunda e jogo-a para cima da cama.

“Mostre-me sua boceta." Suas bochechas brilham em um vermelho brilhante, mesmo na escuridão, mas, inclinando a cabeça para trás e olhando para o teto, ela separa as pernas e depois dobra os joelhos, enterrando os calcanhares no edredom debaixo dela para que eu possa ver meu prêmio.

“Olhe para mim," digo a ela, surpreso com a minha própria irritação. Seus olhos instantaneamente encontram os meus, alargados ligeiramente. “Me olhe. Eu quero que você saiba como eu olho para você. O que eu penso de você. Você me entendeu?" Ela não hesita em acenar. E olhando entre o rosto dela e os lábios da boceta, eu tenho certeza que ela está me observando atentamente.

Meus dedos traçam seus lábios, macios e molhados de excitação. Arrepios percorrem suas coxas e ela estremece quando eu gentilmente empurro sua protuberância inchada. Suas costas se arqueiam para fora da cama enquanto meus dedos deslizam por sua entrada e depois voltam para cima.

“Linda," eu digo a única palavra, e aquele rubor generoso em seu peito se arrasta para suas bochechas. Eu sou descuidado enquanto arranco minha camisa no meu caminho para a mesa de cabeceira.

Eu tenho dois conjuntos de algemas, mas vou usar apenas um par hoje à noite. Puxando a gaveta aberta, eu pego as algemas e aperto seu pulso para movê-lo onde eu quero. Sua inspiração de surpresa é recebida com o som das algemas apertando, uma em seu pulso e uma na cabeceira da cama. Estendida, ela se esforça para não objetar.

Eu posso dizer pela maneira como ela se reajusta, ela sabe o que está por vir. Eu desabotoo minha calça e ela continua, cai no chão e meu pau duro se projeta. Eu nunca

soube o quanto meu pau poderia doer para estar dentro de uma mulher. Até agora.

Agarrando-o e acariciando uma vez, o pré-gozo já perfura a cabeça.

Minha linda Aria choraminga de necessidade.

“Mostre suas pernas para mim.” Antes de terminar de falar as palavras, ela já está obedecendo.

“Eu esperei tanto tempo por isso," eu admito para ela enquanto eu rastejo até a cama e sobre o pequeno corpo dela. Meus quadris se encaixam entre suas coxas e meu pau se aninha em sua boceta enquanto eu abaixei meus lábios na curva de seu pescoço.

Eu agonizei sobre como eu transaria com ela pela primeira vez. Se eu a faria me montar, ela não poderia negar o quanto ela me queria. Eu não tinha certeza se seria lento e firme fazendo-a gritar para eu fodê-la com mais força enquanto ela se aproximava da beira do orgasmo.

Mas agora que chegou a hora, percebo como sou egoísta. Quão verdadeira e profundamente egoísta eu sou.

Tudo que eu quero fazer é pegar o que é meu. Para bater dentro dela até o fim e fodê-la como se ela fosse minha prostituta. Minha e só minha.

E é exatamente isso que eu faço. Em um golpe rápido. Eu a penetro. Sua boceta apertada já está quente e molhada e ansiosa pelo meu pau. Ela toma tudo de mim e grita um doce som de total êxtase. Com a mão livre, as unhas dela descem pela minha cabeça enquanto seu calcanhar cava na minha bunda.

A necessidade de ficar parado dentro dela enquanto ela goza violentamente no meu pau é anulada pelo desejo de

bater os meus quadris entre as pernas dela. O cheiro doce de sua excitação e os sons da nossa carne batendo juntos repetidamente são tudo o que preciso para justificar o que fiz.

Ela luta debaixo de mim, seus ombros cavando no colchão com cada impulso duro. Toda vez que eu bato nela, ela responde como se ela fosse feita só para mim. O aperto de sua vagina, os gritos estridentes e os gemidos torturados são melhores do que eu jamais poderia ter imaginado.

Suas unhas cravam no meu ombro enquanto eu continuo em um ritmo implacável. Minhas bolas se aproximam e minha coluna se arrepia com o desejo de gozar dentro dela.

Mas preciso de mais. Rangendo meus dentes, eu a fodo mais forte e mais rápido até que um suor frio irrompe na minha pele.

Ela grita de novo, mas o grito é diferente desta vez. É de dor. Está refletido no rosto dela também. Meu coração afunda em meu peito até que eu vejo seu pulso, sendo puxado contra o punho de metal.

Porra do inferno. Estou agitado e imprudente quando eu saio dela, sua excitação cobrindo meu pau enquanto procuro na mesa de cabeceira a chave para destrancar a porra da algema.

Leva mais tempo do que eu gostaria e quando finalmente está livre, eu não perco um segundo para segurar seus quadris, então viro-a para que ela esteja de joelhos com a bunda no ar. Ela grita de surpresa, mas é silenciada quando eu penetro tudo de mim em seu calor acolhedor.

Os doces sons que enchem o ar são o paraíso. Com cada impulso, ela grita de prazer.

Eu agarro sua bunda com as duas mãos, quase gozando com ela enquanto ela se empala no meu pau. Suas unhas se enterram nos lençóis e suas coxas tremem com a ondulação de sua liberação.

Eu queria que ela implorasse por isso. Na banheira, na minha cama. Eu não ia deixá-la gozar até que ela estivesse implorando para eu transar com ela.

Mas os melhores planos nunca dão certo.

E quando eu empurrei nela com um ritmo implacável, sentindo sua luta para ficar de joelhos até que ela finalmente cai debaixo de mim enquanto eu entro nela duro e ela grita incoerentemente com prazer, eu percebo que eu prefiro que ela me implore para parar. Eu prefiro tomar cada grama de prazer dela até que ela não aguente mais.

Até que ela esteja mole e gasta e não possa fazer nada além de segurar o edredom debaixo dela como se pudesse salvá-la de mim.

ARIA

Eu nunca me senti tão deliciosamente usada e fodida por alguém tão selvagem.

Meu corpo dói por semanas, mas de uma maneira diferente. De uma forma que me faz sentir como meu corpo vai ceder e colapsar se eu tentar me mover. Quando eu rolo na cama, ainda posso sentí-lo dentro de mim. Tomando tudo e me empurrando pela borda, uma e outra vez. O lembrete envia um desejo por meu sangue.

Ele me fodeu como se ele fosse meu dono.

Porque ele é.

Ele ainda é.

O pensamento faz meus olhos se abrirem. Meu olhar percorre lentamente o quarto iluminado com paredes cinzentas e um teto pintado ainda mais escuro. O quarto tem uma sensação de poder. É ousado e perigoso. Móveis nítidos e modernos e sem uma coisa fora do lugar.

Exceto por mim.

Meu corpo ainda está sabendo que estou no quarto de Carter.

Não na cela, uma respiração me deixa devagar, tão silenciosamente quanto eu posso permitir. Eu nunca mais quero voltar para lá.

Eu não ouço nada. Nenhum som. Outro momento passa, e humildemente eu mesma procuro atrás de mim, procurando pela presença de Carter, qualquer sinal de que ele esteja dormindo ao meu lado.

Não encontro nada além do frio dos lençóis vazios.

Demoro mais do que gostaria de admitir que tenho força e vontade para virar, ainda pensando que estou dormindo. Mas depois de momentos de sentir que não há mais ninguém no quarto, eu aproveito a chance olho ao redor e encontro o quarto vazio e a porta aberta.

Eu observo seu quarto tão devagar quanto do outro lado e espero por um sinal de que Carter está aqui. Mas não há traço dele.

Uma pilha de roupas vibrantes, em desacordo com o edredom branco brilhante, chama minha atenção.

Ousando sentar e estremecer com a dor entre as minhas pernas, eu cautelosamente as levanto e encontro um roupão de seda e camisola que eu nunca usaria.

É escandalosa e para o corpo de uma modelo. Não faz sentido que meu pensamento inicial seja que ele ficará desapontado comigo. Que eu nunca poderia ficar bem com essa delicada combinação de renda e seda. Além de justificá-lo com o pensamento de que, se eu o desapontar, ele me mandará de volta. E eu nunca mais quero entrar naquela cela novamente. Nunca.

Eu nem percebo que estou segurando o tecido no meu peito até que a voz de Carter penetra através dos pensamentos ameaçadores.

“O que há de errado?" Ele pergunta enquanto entra no quarto.

Minha cabeça balança por conta própria, fazendo meu cabelo dar cócegas em meus ombros nus e me lembrando que estou nua.

Eu deveria ter procurado através de suas coisas. Eu deveria ter tentado escapar. Uma lista com marcadores de todas as maneiras que eu me decepcionei pesa muito sobre o meu peito enquanto eu o vejo puxar uma gaveta aberta e depois a outra até que ele coloca um par de algemas de metal na cômoda.

Sua postura casual é uma fachada, o poder ainda irradia em torno dele. Carter segue em minha direção.

***

Eu só estou saindo da cela onde eu poderia negá-lo, para a cama dele onde serei sua puta.

“Se você não gosta, tem outras." O tom de Carter é indiferente na melhor das hipóteses e eu não sei a que ele está se referindo até que ele acene com a cabeça na bola de roupas na minha mão.

Eu deixei os tecidos finos caírem no edredom, sem saber como responder. Estou inteira formigando enquanto sento aqui, tentando decidir o que preciso fazer para me manter segura e na melhor posição possível para recuperar minha liberdade.

“Eu gosto de você nervosa." A voz de Carter atrai meus olhos de volta para ele. Ele parece mais casual hoje do que eu já o vi. Não são as roupas que ele usa, mas a postura dele e o jeito que ele anda em minha direção. Parando na beira da cama, sinto um cheiro forte de seu cheiro e odeio o quanto amo isso. Mesmo assim, eu odeio como minhas coxas apertam e o brilho de um sorriso ameaça puxar em seus lábios quando eu choramingo.

“Eu gostei de você na noite passada," a voz de Carter ressoa de uma forma que inflama minhas terminações nervosas em chamas. Estendendo a mão para segurar meu

queixo em sua mão, ele olha para os meus lábios, correndo o polegar ao longo da parte inferior.

E algo muda dentro de mim. Este é um homem com tanto poder e controle, alguém que poderia me destruir e de muitas maneiras. Ainda tudo o que eu quero neste momento é que ele me beije. Ele não fez, e no fundo, uma parte de mim precisa disso.

Mas seu polegar para os movimentos suaves e sua expressão cai enquanto ele fala, embora seja formulado como uma pergunta. “Você não comeu?”

“Eu acabei de acordar." As palavras saem como uma desculpa com uma reclamação que as reveste. O fraco som nos meus lábios me enoja. Eu era mais forte na cela. Eu respiro mais forte, sabendo que eu iria morder de volta uma piada se apenas minha bunda estivesse no colchão fino na cela escura neste momento.

Mas eu não quero voltar. Tenho vergonha de saber disso com tanta coragem e me agarrar a essa verdade como se fosse morrer se fosse tirada de mim. Em um esforço para diminuir meu ódio daquele fato patético, lembro-me de que há muito mais chances de escapar daqui.

E não há nada além de agonia naquela cela. A dor da solidão e da fome e noites sem dormir cheias de dores.

Eu me recuso a voltar.

O toque de Carter cai quando ele se afasta de mim, de volta para a cômoda. “Há café da manhã na cozinha. Se você ver alguém, ignore-o e ele ignorará você. Entendido?" Ele coloca as algemas dentro de uma gaveta e procura por outra coisa.

Eu aceno uma vez quando ele olha por cima do ombro, embora por dentro eu esteja cambaleando. Tudo o que posso pensar é que pode haver alguém aqui para me salvar. Alguém para mostrar misericórdia. Talvez Jase? Ou então eu posso correr.

“Respostas verbais, pequeno passarinho," ele diz casualmente como se estivesse me dizendo como está o tempo. A gaveta fecha com força e eu me encontro acenando com a cabeça novamente quando eu respondo. “Sim," com meus olhos fixos no metal que espreita através de sua mão cerrada.

“E você vai usar isso," ele me diz enquanto segura uma fina corrente. Cada centímetro ou mais, há uma pequena pérola, alternada com diamantes. É longo, tão longo que caia quase no meu umbigo e, quando o pego, vejo os diamantes irem até o final. Lá, no centro, há um grande diamante em forma de lágrima.

Mas tudo que brilha é apenas pecado disfarçado em beleza.

“Um colar?" Meu coração bate como um tambor de guerra dentro do meu peito. Ele deve ouvir a derrota na minha língua.

“Você não pode prender um pássaro, Aria, mas você pode amarrar ou enjaular um. A escolha é sua.”

“A cela ou o colar?" Eu peço para ele esclarecer, e apenas a ideia de que eu posso me salvar de voltar lá. Tenho minha mão pegando o colar.

Carter acena com a cabeça uma vez e meus olhos são trazidos de volta para ele.

“Vire-se," ele ordena, o fogo cintilando em seus olhos. Firmando minha respiração, eu viro de costas para ele e sinto a doce sensação de um arrepio percorrer tanto a minha frente quanto atrás enquanto ele move meu cabelo para o lado. Meus mamilos endurecem quando os diamantes frios e pérolas caem no meu peito e sobre a dobra dos meus ombros e pescoço. Carter deixa suas mãos pegarem meus seios quando ele coloca o colar, sua respiração quente fazendo cócegas no meu ouvido enquanto ele sussurra: “Linda.”

Mas tão rapidamente quanto ele me mostra gentileza, ele me deixa, sua ausência intensificando a frieza do ar. E eu fico nua de joelhos em sua cama. Vestindo uma coleira e tomando decisões baseadas no medo.

Pensamentos de meu pai e Nikolai retornam. A vergonha acompanha a imagem de sua desaprovação e nojo. Por mais que eu gostasse de mentir, eu amei o que Carter fez comigo na noite passada e deixarei ele fazer isso de novo.

“Por que você está fazendo isso comigo?" As palavras são arrancadas do outro lado de mim. O lado que eu quero esconder e dizer para ficar quieto.

Caminhando de volta para a cômoda, acho que Carter está me ignorando até que ele responde: “Porque eu posso,” responde em um tom para não ser questionado ou desafiado. “Um homem me perguntou o que eu queria, e eu poderia comprar qualquer coisa que eu quisesse, mas eu vi sua foto e sabia que nunca poderia ter você.” Ele se vira para mim, encostado na cômoda e esperando minha resposta.

Lembro-me das palavras que ele disse dias atrás e que eu guardei comigo. As palavras que me deram esperança. Como eu o ajudaria e ele me daria tudo. Eu me pergunto se é uma mentira, ou se o que ele está me dizendo agora tem algo a ver com o acordo que ele não deveria ter feito.

“E agora que você..." Eu paro e engulo minhas palavras.

“Eu não tenho você, Aria. Ainda não. Mas quando eu fizer isso, você estará me implorando para ficar." O que mais me assusta com todo o coração é o quanto eu acredito nele.

Andando em minha direção, posso ver algo implorando para escapar de seus lábios. Algo que talvez seja um segredo, talvez não. Mas ele apenas passa os dedos pelos meus lábios novamente e me diz que vai me encontrar quando estiver novamente pronto para mim antes de me deixar e manter a porta do quarto aberta.

Quando algo é difícil ao toque e tão aguçado que tiraria sangue, você tem que ser sempre cuidadosa. É a gentileza disso que vai te quebrar. Você nunca pode baixar a guarda.

Se você for esperta, evite-o e, se precisar, fique longe das partes que machucam. Mas essas não são as partes que destroem. São as partes que você começa a desejar, as partes que você não quer resistir que a deixam de joelhos. Eles fazem você esquecer ou talvez eles pensam que a lâmina não vai cortá-lo, como se você estivesse de alguma forma imune ou não mais sendo vítima dele.

Mesmo sabendo disso, eu caio impotente com o jeito que ele toca meu queixo. E eu sento lá por muito tempo com as pontas dos meus dedos demorando onde eu ainda posso senti-lo.

***

EU NÃO POSSO RESPIRAR quando acordo. O suor frio que cobre minha pele me faz tremer, assim como meu coração acelerado. A sala está escura, e não consigo ver por um momento, mas as mãos segurando meus ombros e me segurando não são as que estão no meu pesadelo.

Não é Stephan, eu tento pensar logicamente quando ouço a voz de Carter gritando para eu acordar.

Meu peito arqueja quando a luz penetra na minha visão e eu o vejo. A raiva em seu tom está ausente de sua expressão que mostra estar com dor.

Meus ombros se inclinam para frente enquanto tento me acalmar. Foi apenas um pesadelo. Eu não posso controlá-los. Eu não posso pará-los.

“Por favor, não me mande de volta," eu mal jogo isso pra fora e fazendo com que os dedos de Carter cavem mais fundo em meus ombros antes que ele me liberte. Indo para uma cadeira do outro lado do quarto, ele se senta com o corpo inclinado para a frente, seus olhos escuros olhando para mim através do quarto escuro.

Minha pele lateja com um medo entorpecedor. Eu não posso voltar para a cela. Lágrimas vazam dos meus olhos ao pensar que um medo meu, um homem que destruiu meu mundo e ameaçou fazer mais, me impediria de estar a salvo de outro, a cela.

“Por favor," eu peço fracamente e antes que a palavra seja completamente falada, Carter comanda: “Venha aqui.”

Embora meu corpo pareça fraco, eu forço meus membros a se moverem rapidamente enquanto lutam com seus lençóis. Eu praticamente caio no chão e rapidamente rastejo para ele, o tapete roçando meus joelhos.

Em nada além de um par de calças de pijama de seda, seu abdômen ondula no fraco luar. Seu corpo parece esculpido de mármore. Mesmo com o medo ainda presente, posso sentir a coceira dos meus dedos para percorrer as linhas esculpidas de seus músculos. Se nada mais, ele é uma

linda distração. Ele pode me usar, me foder em um sono profundo. E eu imploraria por isso neste momento.

Eu imploraria para ele me usar e tirar todo o resto.

Eu diminuo meu ritmo quando me aproximo dele, o colar quase arrastando no chão. Sua presença torna minha nudez muito na linha da frente da minha mente. Seus joelhos estão separados e eu me estabeleço entre eles. Na escuridão e com aquele olhar em seus olhos, ele irradia poder enquanto ajoelho a seus pés.

Lentamente, eu alcanço minhas mãos até as coxas dele no silêncio. Ele não disse uma palavra, mas tenho certeza que tenho que agradá-lo. Eu não posso voltar para a cela. Não acabou.

Meus dedos deslizam entre o tecido de seda e sua pele quente no V profundo em seus quadris.

Minhas ações são interrompidas e meu coração se agita quando os dedos fortes de Carter seguram meu pulso e arrancam minha mão. Eu mal posso respirar quando a intensidade em seu olhar se inflama.

O silêncio se estende enquanto ele olha para mim e me sinto impotente, sem saber o que ele quer.

“Fique de quatro," ele ordena, apenas soltando seu aperto para que eu possa rapidamente obedecê-lo. Meu coração bate tão forte que é tudo que eu posso ouvir.

“Cabeça no chão," ele me diz, e eu faço o que ele diz, mantendo minha bunda no ar. “Palmas para cima e em seus joelhos," Carter me diz e novamente eu faço o que ele diz, mas ele as reposiciona. Todo o peso do meu corpo está em meus ombros e pescoço enquanto eu coloco minha cabeça no chão e meus braços permanecem para mim, não sendo úteis para

me equilibrar ou ajudar de alguma forma. Estou completamente exposta a ele e à sua mercê.

Um momento passa e depois outro enquanto Carter anda ao meu redor. Eu tento engolir, mas não posso. O medo dele me encontrar menos do que agradável faz meus joelhos tremerem e ele só responde movendo minhas pernas mais distantes. No momento em que fecho meus olhos, sua voz profunda e áspera me manda abrí-los e olhar para ele. Elevando-se sobre mim, não tenho ideia do que meu cavaleiro das trevas pensa de mim ou o que ele pretende fazer comigo.

“Diga-me com o que você estava sonhando," ele finalmente diz, e eu lhe respondo, o tapete esfregando contra o meu rosto e minha respiração é quente contra ele.

“Não me lembro," digo a ele e, embora seja verdade, sei em que consistem os terrores.

“Não foi importante para você? Não é importante o suficiente para lembrar?" Ele pergunta enquanto se agacha atrás de mim. Eu não posso vê-lo, mas posso senti-lo. Eu sempre posso sentir a presença inflexível de Carter.

“Não," eu balanço minha cabeça contra o chão e respondo a ele como eu acho que ele quer que eu faça. “Não é importante e me desculpe," digo a ele, e o silêncio se estende.

Meu corpo sacode para a frente quando sua mão escova contra minha bunda. A pele áspera de seu polegar segue até a minha boceta, suavemente arrastando ao longo do meu clitóris e depois de volta para cima. Ele aperta minha bochecha de uma forma feroz e meus olhos se fecham enquanto me preparo para mais.

Bofetada! Sua mão bate na minha bunda e força um grito dos meus lábios. Eu afundo meus dentes no meu lábio e tomo outra. A dor aguda é acompanhada por sua mão deslizando

na minha frente, para que ele possa colocar meu mamilo esquerdo entre os dedos. A combinação de dor e prazer está diretamente ligada ao meu clitóris. Meu corpo balança para o lado, incapaz de ficar parado enquanto ele puxa meu pico agora endurecido.

Ele instantaneamente me libera para empurrar a parte de cima das minhas costas entre as minhas omoplatas, e ele bate no mesmo lugar na minha bunda novamente. Mordendo meu lábio, mudo o choro para um gemido abafado e a dor que invade meu corpo inflama cada terminação nervosa dele, aquecendo meu núcleo e roubando minha respiração.

Ofegante contra o tapete, espero por mais. Eu posso sentir minha boceta apertar em torno de nada, rezando por prazer para tirar a dor. Sua mão espalmada nas minhas costas percorre minha espinha, deixando um rastro de arrepios. Eu posso sentir sua respiração contra minha bunda antes que ele morda, fazendo minha boca formar um O com surpresa e outra coisa. A dor não é nada como o que eu espero e meu corpo treme de alegria ao pensar em mais.

Rapidamente, ele se afasta e outro beijo afiado encontra minha pele aquecida, está enviando lágrimas aos meus olhos. A dor e a intensidade se juntaram em uma bola na boca do meu estômago e eu não sei o que posso fazer, não mais.

“Por favor," eu sussurro, mas eu não sei o que estou pedindo.

“Por que eu estou te punindo, Aria?" Sua voz profunda é um bálsamo calmante para meus gritos estridentes.

“Porque eu acordei você," eu lhe respondo enquanto sinto seus quadris roçarem as costas das minhas coxas. Ele se acomoda atrás de mim e abaixa os lábios no meu ombro. Ele planta um pequeno beijo no meu ombro enquanto a cabeça do seu pau gentilmente pressiona na minha entrada. É só

uma provocação e me vejo balançando para trás, rezando para que ele me foda e leve a dor embora.

Sua respiração quente faz cócegas no meu pescoço enquanto ele sussurra: “Porque você mentiu para mim.”

Eu não posso responder porque ele imediatamente me penetra e me fode exatamente como eu queria que ele fizesse.

CARTER

“Há cinco alas na propriedade. E cada uma tem seu próprio cadeado." Eu olho para baixo para Aria, ouvindo seus pés descalços no piso de mármore quando entramos no foyer. A entrada dupla que é apenas longe e eu sei que ela está resistindo à vontade de olhar para isso.

“Há fechaduras por toda parte, por dentro e por fora." Ela me dá uma espiada e se fixa quando encontra meu olhar. “Eu frequentemente convido aqueles que não considero amigos aqui e às vezes não quero que eles saiam.”

Ela está em silêncio enquanto considera o que eu disse. O nervosismo escorre pelo corpo dela. É do jeito que ela engole, do jeito que ela segura as mãos na frente dela. O jeito que ela quase tropeça em seus próprios pés. E eu amo o nervosismo dela.

“A porta da frente, por exemplo." Eu me movo em sua direção e ela se vira rigidamente, como se não estivesse morrendo de vontade de olhar para ela. “Aquela caixa lá, à direita dela. Você precisa de um código para abri-la, seja de dentro ou de fora.”

“Eu pensei que você disse que era um ou outro." Sua voz suave é questionável. Seus olhos cor de avelã me encaram como se eu tivesse errado. Como se eu tivesse machucado ela. “Você disse que um pássaro pode ser amarrado ou enjaulado, não ambos.”

Um sorriso faz cócegas em meus lábios quando respondo: “Você não aprendeu que tudo o que você precisa fazer é perguntar?”

Seus lábios se transformam em uma linha, mas ela fica quieta. Ela sabe que está enjaulada. Onde quer que ela vá, ela vai comigo, enjaulada e protegida da mesma forma.

“Eu sou uma prisioneira," diz ela enquanto sua voz racha, e ela olha ansiosamente para as portas da frente. O pressentimento da arquitetura de uma forma que parece proibir a saída de um convidado.

“Você estava antes, na casa de seu pai." Minha voz é profunda e ecoa no foyer. Seus olhos alcançam os meus em choque enquanto eu continuo. “Com medo de sair. Com medo de fazer qualquer coisa sem permissão.”

“Eu não estava com medo,” ela sussurra, e eu sei que ela está bem ciente da mentira que ela falou.

“Você deixa o medo dominar você. Não minta para mim." O desconforto passa por mim. A percepção do que ela realmente teme poderia mudar tudo.

“Como você sabe o que eu fiz e não fiz?" Ela pergunta fracamente, negando a verdade e desviando sua atenção para outra coisa.

Desde que ela mentiu para mim, eu apresento uma mentira para ela em troca. “Quando você foi oferecida a mim, eu fiz minha pesquisa. Eu tenho amigos no exército de homens do seu pai. Olhos e ouvidos que oferecem informações por um determinado preço. Eu sei que você passou quase todo o seu tempo sozinha no seu quarto. Talvez seja por isso que demorou tanto para você me obedecer. Você está acostumada com as celas.”

Sua boca se abre, sem dúvida com uma réplica, mas sabiamente ela fecha antes de uma palavra sair.

O tempo passa enquanto seguimos em frente. Nós dois ficamos quietos. Nós dois em nosso próprio mundo de negação.

“Suas coisas podem ser movidas para o meu escritório ou para o quarto. O caderno de desenho e o que mais você quiser,” eu ofereço a ela, mas ainda assim, ela está quieta. Seus dedos estão inquietos com o outro ao longo da turnê das duas alas que ela pode entrar. Ela não parece olhar para nada ou perceber qualquer coisa, a menos que passemos por uma janela, que, como indiquei, também tem fechaduras.

“Por que existem cinco alas?" Ela me pergunta enquanto eu a conduzo para a grande cozinha. Ela ainda não comeu e ela precisa. Não há razão para ela não comer e a ameaçar de mandá-la de volta para a cela, se ela não o fizer, está tão perto de ser ameaçada pela vida. Eu prefiro salvá-la por outra coisa, algo mais produtivo. Mas meu passarinho precisa comer.

“Eu tinha quatro irmãos e decidi que cada um deveria ter sua própria ala," digo a ela e passo para a cozinha. O jardim fica logo depois da parede dos fundos, forrado de vidro preto do chão ao teto. Os pisos são de uma nogueira escura e polidos tão suavemente que consigo ver nosso reflexo neles.

Seus olhos se movem pela cozinha moderna e elegante, dos armários high-end para as bancadas de granito branco. Tudo é feito de branco. É limpo e moderno e equilibra perfeitamente o preto.

Eu pensei nela dizendo muitas coisas, mas não as próximas palavras que saem de seus lábios.

“Eu sinto muito.”

Minha testa aperta com um vinco profundo. “Por quê?" Eu questiono.

“Você disse que tinha quatro irmãos. Suponho que um ou mais já faleceram?" Ela se vira para mim e seu quadril esbarra em um dos bancos da ilha. Eu posso dizer que ela não tem certeza se deve se sentar ou não, e eu a deixo pensando. Assim como eu deixo as dores de arrependimento e tristeza se estabelecerem no meu interior. Em vez disso, concentro-me em como Aria é exigente. Ela é uma combinação mortal de bonita e perspicaz. Eu preciso me lembrar disso.

“Carter," Jase grita atrás de mim e quando eu dou os passos devagar. Seus olhos vagueiam de onde estou, quase bloqueando Aria de vista, e depois para ela.

“Eu não sabia que você estava ocupado," ele diz para mim, embora seus olhos viajem pelo corpo de Aria. Mesmo com o roupão amarrado com a faixa e cobrindo o decote, parece que foi feita para tentar.

“O que é?" Eu pergunto a ele e novamente ele olha para ela. Da minha visão periférica, eu a vejo olhando para o chão e os dedos dela continuam fazendo nós apertados um ao redor do outro.

Agarrando a parte de trás de seu pescoço, apenas um pouco, ela para sua inquietação.

Ambos querem saber o que ela é para mim. Eu posso ver isso escrito em suas feições, tanto quanto eu posso sentir a tensão no ar.

Não importa o que ela é, tanto tempo como todos sabem, ela é minha.

Ainda mais, eu sei que Jase está questionando a maneira como eu a abraço neste momento e por que ela está fora da cela. Talvez ele esteja se perguntando por quanto tempo vou mantê-la aqui. Ou quanto tempo eu vou manter seu período.

Eu faço movimentos suaves com o polegar ao longo da parte de trás do seu pescoço enquanto Jase me diz algo sobre um carro. Eu não sei do que diabos ele está falando. Eu não dou a mínima também. Eu suponho que seja um pouco sobre o suprimento, mas ele não quer falar abertamente na frente de Aria.

Meu pequeno passarinho relaxa sob o meu toque, olhando para mim de vez em quando. Eu sei que ela está se perguntando o que ele pensa dela.

“Aria," eu digo o nome dela no meio de tudo o que Jase estava dizendo e ele fica em silêncio. “Eu gostaria que você saísse para eu poder conversar com Jase." Tudo que eu posso ouvir é sua respiração neste momento. O medo, a esperança, a surpresa do seu entorno. Minha pobre Aria sabe muito pouco. Mas ela vai aprender.

Ela rapidamente acena com a cabeça, mas não se move até que minha mão escorrega pelas costas, deixando um rastro ao longo da seda. Jase fica na ilha, com as mãos nos bolsos enquanto eu a conduzo até a porta. É de vidro preto também e se mistura na parede, abrindo apenas quando uma impressão verificada é pressionada contra o painel de segurança biométrica. Aria observa atentamente, mas ela não seria capaz de abri-lo se tentasse, e com paredes de cinco metros ao redor do jardim e uma cerca vigiada ao redor da propriedade, ela não seria capaz de correr.

Eu posso ver isso em seu rosto quando a realização se registra nela.

“Quando eu terminar essa conversa, quero você no quarto." Eu me inclino mais perto dela e sussurro em seu ouvido: “Eu vou foder você até que eu esteja satisfeito.”

O som dos passos de Jase me permite saber que ele está vindo enquanto eu assisto Aria entrar no jardim, deixando o

sol bater em seu rosto como se fosse a primeira vez que ela o experimentasse.

“Eu tenho Jared à procura do clube. Nós vamos ter uma lista dos compradores de S2L mais forte no fim de semana.”

“Perfeito," eu respondo a ele, embora eu assisto Aria andando mais fundo no jardim para se sentar em um pedaço de grama. “Algo mais?”

“Talvery sabe que nós a temos.”

Um sorriso puxa meus lábios para cima. “Levou tempo suficiente. Um dos homens de Romano vazou?”

Eu me viro para Jase, que está assistindo Aria enquanto ele balança a cabeça. “Não poderia ficar em segredo para sempre." Ele se vira para olhar antes de acrescentar: “Ele virá por ela.”

“Ele vai querer," eu o corrijo. “Mas qual dos seus homens estaria disposto a vir aqui e morrer por ela?”

“Ela fala muito de Nikolai," oferece Jase, e eu posso ver a sugestão de um sorriso no rosto. A primeira semana de Aria na cela me deu muita informação enquanto ela falava em voz alta para nada além de paredes de tijolos, implorando por ajuda e companheirismo. O nome de Nikolai escorregou de seus lábios quase todos os dias.

“Deixe-o vir. Ele pode ser o primeiro deles a morrer.”

ARIA

O CHEIRO de café é o que me acorda e, sem pensar, eu rolo na cama grande, estendendo-me antes mesmo de estar totalmente acordada. A dor calmante dos meus músculos é reconfortante, assim como a fragrância dos lençóis limpos e a sugestão de um perfume masculino que faz meu núcleo doer e queimar.

E então eu lembro.

É sempre assim.

Estou fora da cela há três dias e, no entanto, quando acordo na cama de Carter, levo um momento para me lembrar. Talvez eu não queira admitir que é real. Talvez uma parte do meu subconsciente esteja longe daqui. Mas toda manhã eu tenho que lembrar.

Lentamente, eu acalmo meu coração e espero por um barulho, qualquer sinal de que ele está aqui. Ele é um vício pecaminoso, rastejando em meu sangue e alimentando a luxúria e fogo para o proibido. Eu anseio por ele, sua aceitação, seu domínio, e ainda assim estou tão consciente de que tudo está errado. Aquela pequena voz que sussurra ali deve ser uma saída daqui está ficando mais quieta a cada dia. Isso é o que mais me assusta.

Três manhãs eu acordei na cama de Carter e, assim como os dois últimos dias, ele não está aqui.

Não fisicamente, mas ele está assistindo. Eu aprendi do jeito difícil ontem, apenas no segundo dia de estar fora da cela. Eu pensei que não poderia perder outro dia, ouvindo e obedecendo. Eu tive que tentar encontrar uma saída daqui. A memória força meu olhar para a cômoda.

Eu estava bisbilhotando. Como eu não poderia? Ele não estava aqui e eu ainda não tenho como sair de seu alcance. Ninguém entra e ninguém sai. O lugar é uma fortaleza e eu sou sua prisioneira.

E assim, gaveta após gaveta, abrindo-as, esperando encontrar alguma coisa. Eu não tenho certeza do que. Uma arma ou um telefone.

Não tenho certeza se ele me ouviria se eu fizesse exigências e o segurasse com uma arma, ou que eu teria sucesso em apressá-lo ou forçando ele a me deixar ir. De alguma forma, acho difícil acreditar, mas ainda assim, tive que tentar.

Meus olhos se fecham e meu corpo tenciona, lembrando sua voz profunda e como isso me abalou até o núcleo. A gaveta se fechou enquanto eu gritei e ousei olhar por cima do meu ombro para Carter encostado no batente da porta.

“Ajoelha." A única palavra que eu recusei várias vezes de Carter me deixou de joelhos. Minhas palavras tropeçaram umas nas outras enquanto eu tentava me desculpar ou esconder o que estava fazendo.

Mas eu sempre fui uma péssima mentirosa e ele sabia melhor.

“Abra sua boca." Ouvi-lo me dar o comando fez minha boceta quente se apertar com o desejo. Ele fodeu minha boca. Um castigo, suponho, mas não foi um castigo para mim.

Com meus dedos cavando em minhas coxas, meus olhos queimando, e minha respiração cortada, ele empurrou-se na minha boca. E eu não estava nada além de molhada para ele.

O medo ainda estava presente. Está sempre presente. O conhecimento de que quando ele terminasse de me usar, ele

poderia me mandar de volta para a cela, mantendo esse medo muito vivo.

Ele não terminou comigo quando ele se afastou e me permitiu respirar novamente. Enquanto eu arqueava por ar, ele me forçou a ficar de quatro. Com vergonha, meu rosto ficou quente quando bateu no tapete e ele bateu dentro de mim. Minhas costas tentaram se arquear enquanto eu gemia de um jeito maltratado e estrangulado de prazer.

Eu vim quase que instantaneamente, e Carter parou dentro de mim. Agarrando o cabelo na base do meu crânio, ele me forçou a arquear as costas e sussurrou em meu ouvido: “Você ama o que eu faço com você." E eu não pude negar isso.

Eu adorava isso. Mas foi um castigo e eu me lembrei disso e do que eu fiz antes que ele me deixasse ofegante e saciada no chão.

“Da próxima vez será a cela." Suas palavras soam claras na minha cabeça enquanto olho para todas as gavetas que ainda tenho que abrir.

Eu posso amar o jeito que ele me fode, mas isso não muda muito. Eu não luto mais com os desejos. Eu os quero e eles me ajudam a sobreviver. Mas isso não me deixa menos envergonhada, porque sei muito bem que sou sua prisioneira e Carter pode fazer o que quiser.

Embora eu almeje minha liberdade, isso não significa que eu não tenha desejos em meu cativeiro.

A única coisa que sempre noto é o que Carter não faz.

Ele nunca me beija. Nenhuma vez. E ele não fala comigo da mesma maneira quando há pessoas por perto. Eu conheci dois de seus irmãos e cada vez eu esperava ser jogada de lado

ou ser humilhada. Mas a cada vez, Carter falava comigo como se eu fosse uma amiga, talvez. Ou uma conhecida de negócios. Assim como seus irmãos, embora suas palavras sejam poucas.

Quando estamos sozinhos, é diferente. Há uma voz que eu não esperava que fosse apenas substituída por uma pesada cadência de desejo quando ele me desse um comando.

A combinação de tudo isso é um turbilhão de caos em minha mente.

Mas um fato permanece o mesmo: Sobreviver a outro dia e outro dia sobrevivendo sendo a prostituta de Carter.

Meus pés descalços afundam no tapete debaixo da cama enquanto eu me afasto e caminho em direção à xícara de café na cômoda. Ainda está quente ao toque.

Um milhão de pensamentos me bombardeiam a cada momento. Por que ele está fazendo isso e que é constante. Carter é um homem de intenções. Calculado e manipulativo.

Levantando a xícara de café quente para os meus lábios, eu sopro em cima e sinto o calor acariciar meu rosto.

Ele poderia ter colocado algo na xícara. Ele poderia ter deixado na cômoda intencionalmente para me lembrar de ontem. Meus pés estão plantados exatamente onde eu estava quando ele me puniu.

Eu examino todas as razões possíveis que ele poderia ter para colocar uma xícara de café à vista e deixar para mim. É aromatizado com bastante creme e açúcar que o sabor do café amargo é menos evidente. Ontem fiz uma xícara para mim, minha primeira xícara de café desde que cheguei aqui. E ele deve ter assistido.

Talvez essa tenha sido a razão pela qual ele deixou isso aqui, ele queria que eu soubesse que ele estava assistindo. Talvez ele só queria que eu acordasse.

Engolindo a droga açucarada, decido que não importava. Eu poderia me perguntar tudo o que quero, mas nunca saberei.

A única coisa que importa é que, se eu não bebesse, ele saberia e imagino que ele seria destituído. O que é algo que não quero arriscar depois de ontem.

Estou determinada a ser cautelosa e inteligente com todas as decisões.

Para não voltar para a cela, mas também para ajudar Carter. Eu não esqueci o seu acordo. Ele disse que eu iria ajudá-lo e então ele me daria tudo. Estou esperando, permanecendo em suas boas graças. Mas algo vai mudar. Eu posso sentir isso nos meus ossos. Tudo o que tenho que fazer é obedecer e aguardar a hora de atacar. Seja para o seu plano se concretizar ou para outra oportunidade para fazer sua presença conhecida para que eu possa escapar e voltar para a segurança da casa de meu pai.

Antes que eu perceba, a caneca de cerâmica está vazia em minhas mãos e eu deixo na cômoda para trocar as roupas que ele deixou para mim na ponta da cama.

Outra derrota. São as rotinas que me dão conforto. Sabendo o que esperar e como reagir. Isso é algo que não me assusta, não mais.

O tecido é mais grosso hoje. Nada puro ou delicado. Eu tenho que segurar os ombros dele e segurá-lo no comprimento do braço para descobrir que é um vestido de algodão preto envolvente. É lindo e quando eu deslizo, o

tecido macio faz cócegas logo acima do meu joelho onde ele para, eu começo a me sentir bonita também.

O colar, o vestido. Eles são classicamente elegantes e minhas curvas. Estou tentada a escovar meu cabelo e usar alguns dos produtos de higiene que Jase comprou para mim.

Mais do que tudo, quero desenhar a imagem da mulher que costumava ser nas novas telas que recebi na noite passada. Uma página em branco implora para ser coberta de tinta, e eu sinto e pareço tão diferente agora. Talvez não tanto na superfície, mas tudo o que penso e sinto não é mais uma aparência do que uma vez foi.

Mas primeiro, eu me visto como ele me quer, eu vou procurá-lo, e então eu vou esperar meu tempo escondida na arte onde eu posso lembrar o que costumava ser e segurar o último pedaço da garota que eu era.

Eu sei que estou apenas tocando na mão de Carter enquanto passo meus dedos pelos meus cabelos e faço uma trança, colocando-a por cima do meu ombro e, em seguida, pego a bolsa de cosméticos. Eu não me reconheço.

Mas a mulher no espelho é adorável. O tipo de amor que enche outras mulheres de inveja, mas quando coloco o rímel no balcão, sei que ninguém me invejaria e tudo o que sou é uma linda boneca para Carter.

Por agora. É o que tenho que ser. Ou pelo menos é o que eu digo a mim mesma. Eu tento dignificar isso, convencendo-me que eu tenho que, a fim de sobreviver. Mas eu não posso negar o pensamento dele me mandando espalhar minhas pernas para ele envia uma onda de calor em meu núcleo.

Sair do quarto me deixa nervosa. Não faz muito sentido se sentir segura aqui, mas há um indício de segurança em saber que apenas Carter entrará em seu quarto. Eu sei o que

esperar. Fora dos limites dessas paredes são coisas, há coisas que ainda tenho que explorar.

Eu sei onde é o antro, e passei um bom tempo lá ontem. Fotografias sobre artes e belas artes forravam cada centímetro de parede na sala. Era fácil me perder e absorver cada um deles, imaginando que, de alguma forma, havia escorregado e caído na arte, longe daqui.

Alguém aqui gosta de caminhões velhos. Quase dez fotografias tinham caminhões neles, enferrujados e desgastados, os capores cobertos de neve ou flores azuis espreitando por baixo dos pneus. Eu nunca me senti tão emocionada com fotos dos velhos caminhões, são lindas. Talvez eu desenhe isso. Ou ambos. Eu tenho muito tempo para ambos.

Eu sei onde a cozinha é, e o quarto de Carter também.

E eu me aventurei lá sozinha uma vez, mas as outras vezes, Carter me levou lá.

Ontem ele me fez ajoelhar na cozinha. A maneira como ele disse me lembrou da punição em seu quarto, e eu rapidamente caí no chão para obedecer.

Os pisos frios eram suaves e implacáveis contra as minhas pernas, mas eu ainda estava quieta aos seus pés enquanto ele me dava algumas refeições. Eu acho que ele realmente gosta de fazer isso. Me tendo nos meus joelhos ao lado dele e à sua mercê. E eu tenho que admitir, eu não odiava, pelo menos não até alguém entrar na cozinha.

Eu podia ouvir quem estava andando, mas eles não disseram uma palavra. Eu me lembro de como eu parei, como eu não sabia o que fazer.

Carter continuou colocando os pedaços de salmão entre meus lábios. E em segundos, quem quer que tenha entrado, saiu.

Pelo que eu sei, há quatro homens morando aqui. O único outro que falou comigo fora Carter é Jase. Mas imagino que é só quando Carter permite. E eu tenho uma nota mental na parte de trás da minha cabeça para fazer amizade com ele. Quanto mais munição eu tiver, melhor.

Mas vou ter cuidado. Eu serei esperta. E por agora, isso significa obedecer.

Estou quase no limite certo da grande cozinha quando eu vejo Carter encostado no balcão, um iPad na mão e sua atenção focada nele.

Eu não posso ajudar o jeito que eu congelo. Como se eu pudesse de alguma forma me misturar no rico salão e sumir antes que ele pudesse me ver.

Mesmo que seu toque ilumine todas as minhas terminações nervosas, ainda tenho medo de Carter. Isso nunca vai mudar. Deixo sair um suspiro instável é a minha queda. Carter espreita de sua tarefa e me vê. Seu olhar é tão forte enquanto ele reconhece minha aparência.

Lentamente. Sempre tão devagar.

Cada centímetro de pele onde seu olhar permanece instantaneamente é incendiado.

“Venha." É a única palavra que me é dada. Um comando para não ser negado, e que o martelar rápido no meu peito se intensifica. Um passo após o outro.

Minha vida se tornou uma série de passos cuidadosos.

Antes que eu tenha entrado completamente na cozinha, ele me manda ajoelhar e hesito. Sua voz está diferente. A reverência e o desejo estão ausentes. Algo está errado e imediatamente me sinto defensiva. Minhas mãos sentem-se frias me perguntando o que mudou. Eu quase juro para ele que não fiz nada de errado.

Eu só me ajoelhei a seus pés, mas o poder em sua voz faz meus joelhos fracos e eu caio para o chão onde estou, com os pés dele no corredor, embora tenha medo que ele me quisesse ao lado dele. Medo. O medo comanda essas etapas tão cuidadosamente tomadas.

Um momento passa e depois outro antes que ele olhe para mim, pela porta da cozinha. “Aqui, passarinho. Venha ajoelhar-se aqui.” Há uma ponta de irritação na voz dele e quase choro. É ridículo. Totalmente ridículo que sua reprimenda me chateia até esse ponto, mas quando eu me arrasto nos últimos metros para me sentar ao lado dele em uma posição ajoelhada, meu corpo quase se dobra, e percebo por que esta manhã Carter parece diferente. Mais e menos interessado.

“Você a treinou bem." A voz do homem provoca raiva no meu sangue. Mistura-se com o medo, me confunde e tenho dificuldade em gerir a minha expressão, meus movimentos. Tudo em mim está gritando para olhar para Romano, para olhar em seus frios olhos escuros e dizer-lhe para ir se foder.

“Ainda há muito para ela aprender," fala Carter distraidamente, passando a tela do iPad e concentrando sua atenção nele. Ele não me toca. Não como ele faz em torno de seus irmãos.

Minha cabeça está baixa, tão baixa que quase machuca meu pescoço, mas eu não quero Romano vendo meu rosto. Eu

tenho que morder o interior da minha bochecha com tanta força que sangra para não falar.

Seja esperta, eu me lembro, embora não acalme muito o que estou sentindo.

“Como é..."

Carter corta Romano e declara: “Estou feliz com isso. Vamos seguir em frente.”

Com suas palavras simples, Carter deixa o meu lado para andar os poucos passos através da cozinha, passando o iPad de volta para Romano e eu dou uma olhada. Em sua camisa de seda e calça cinza escura, a aparência cara e dominante de Carter está em desacordo com a aparência de Romano. A camisa dele está largada na frente, não costurada para ser encaixada, suspeito por causa do peso dele.

“Quando é que começa?" Carter pergunta de costas para Romano quando se aproxima de mim. Ele pega meu olhar e segura até que ele me alcance, forçando-me a puxar meu queixo para que eu não quebre o olhar dele.

Ele só olha para longe quando a mão dele chega ao meu cabelo e ele cobre a parte de trás da minha cabeça. A satisfação e a emoção de tê-lo me segurando tão gentil e possessivamente são inegavelmente fodidas. Mas ainda assim, quase sorrio.

Quanto mais confortável eu fico, mais aumenta meu desejo por seus pequenos toques e o calor do corpo dele.

Não é para ser assim, mas posso me sentir escorregando para essa nova realidade.

“Próxima semana," Romano responde e posso praticamente ouvir seu sorriso. “Vamos começar a tirá-los de uma só vez. Tanto quanto nós podemos.”

Bombas de adrenalina em minhas veias, lembrando da conversa de semanas atrás. Ele vai matar os homens do meu pai e tudo em que posso pensar é Nikolai, meu primeiro beijo e único amigo verdadeiro neste mundo. Minha família e todos com quem eu cresci.

Eu sei, e ainda não posso fazer nada. O ar ao meu redor está sufocando enquanto eu sento em silêncio, lembrando-me da facilidade com que alguns deles já mataram antes, como eu desejei que aqueles homens morressem tantas vezes. Mas nem todos eles. Não minha família. Não Nikolai.

Por dentro eu grito para mim mesma para implorar por respostas, implorar por misericórdia. Mas na superfície, fico calma e espero que Romano saia. Tem que haver uma maneira de eu poupar algumas das pessoas que amo. As únicas pessoas que amo. A única família que tenho.

Por favor, mostre misericórdia. Eu quase sussurro as palavras enquanto Carter me deixa mais uma vez, levando Romano até a porta e me deixando sozinha e patética no chão da cozinha.

Eu não faço um som. Eu fico em silêncio.

Mas eu vou implorar. Eu vou lutar. Eu farei qualquer coisa. Eu não vou deixá-los matarem minha família.

Tem que haver um caminho.

Se ele se importa comigo, ele vai mostrar misericórdia. Meu olhar cai para as sombras dos dois no corredor. A parte mais triste do último pensamento é que eu já sei que ele não mostrará misericórdia. Eu sou apenas sua prostituta.

CARTER

O FOGO CREPITA. Eu sempre encontrei conforto no som suave. O zumbido do meu passarinho é a única coisa que chegou perto e se ela sabe ou não, ela está cantarolando de vez em quando desde que a deixei ontem.

Agarrando a parte de trás do sofá adornado, observo o brilho do fogo em seu rosto. As sombras só a fazem parecer mais bonita. Mesmo que ela esteja se aproximando da lareira, ela não acendeu as luzes. O sol se pôs horas atrás, tomando a luz do dia que encheu esta sala com ela. Mas ela ficou ao lado do fogo, consumida pela sua arte.

“Aria." Eu tento manter minha voz calma e gentil, então eu não a surpreendo. Mas eu alcanço o oposto e o carvão negro em sua mão deixa um mar no centro da peça que ela desenha. Surpresa e medo são evidentes de seus lábios entreabertos, mas ela muda rapidamente sua expressão, deixando seu caderno e o carvão na lareira para se ajoelhar para mim.

Ela não me dirige de outra maneira, simplesmente esperando por um comando. Sua submissão é linda, mas há uma torção no meu intestino. Ela está fingindo. É só por causa de ontem. Ela só está sendo boa porque eu a peguei procurando pelo meu quarto. Ela não me engana.

“Você se saiu bem esta manhã," eu a elogio quando dou a volta no grande sofá. Seus olhos me observam, eles assistem cada movimento que eu faço.

Tanto quanto eu a vejo, sei que ela me vê. Esta é uma das coisas que me atrai a cada segundo de cada dia.

Eu não quero perder os pequenos indícios de honestidade que ela não pode esconder de mim.

“Eu não gosto desse homem," ela diz baixinho, ousando levantar os olhos para mim. “Romano.” Um sorriso puxa meus lábios. “Eu não poderia dizer," eu digo, brincando com ela.

Ela fez perfeitamente. Submetendo-se a mim e mostrando-lhe como tenho ela sob o meu polegar. Que eu ganhei controle sobre ela, mesmo quando ela não contava com seu desprezo por ele.

Ela está me ajudando a prepará-lo para sua própria morte, e ela nem sabe disso.

“Posso te contar um segredo?" Eu pergunto a ela enquanto afundo no sofá, relaxando contra ela enquanto ela balança a cabeça uma vez e então sussurra: “Sim.”

“Venha aqui." Eu dou um tapinha no assento ao meu lado e vejo ela debater se ela deveria engatinhar ou ficar de pé para chegar aqui. Olhando para a mão direita, coberta de carvão, ela escolhe ficar em pé e pegar a toalha na mesinha de centro. Ela é deliberada em seus movimentos enquanto limpa rapidamente suas mãos e caminha silenciosamente para se sentar ao meu lado. Apenas o crepitar do fogo ocupa o silêncio.

Enquanto ela se senta, eu deslizo meu braço ao redor de sua cintura, puxando-a para mais perto, abaixando meus lábios no ouvido dela, em seguida, beliscando o lóbulo antes de ir para o pescoço.

Quando a estou tocando, ela sabe exatamente como se comportar. Ela perde aquele questionamento interior constante e se entrega completamente a mim. Deixando sua

respiração acelerar e sua cabeça cair para o lado. Ela não pode se esconder de mim quando minhas mãos estão nela.

É um sentimento inebriante em que me tornei viciado.

Eu imagino que ela não percebe quantas vezes ela me toca. Como agora, como ela alcança meu ombro enquanto eu enrolo meus dentes para cima e para baixo em seu pescoço.

Beliscando sua orelha mais uma vez e sentindo a emoção de seus gemidos irregulares no fundo do meu peito, eu sussurro para ela: “Eu quero o homem morto.”

Seus cílios se abrem e, quando o fazem, Jase entra na porta. Ele hesita e quase se vira, mas eu gesticulo para ele entrar. Uma e outra vez, ela aproveita quando outra pessoa é adicionada à equação. Ela perde a forma de reagir e se torna um passarinho perdido com uma asa quebrada. Soltando meu abraço, ela se esforça para saber onde olhar quando Jase entra.

Lentamente, ela puxa as pernas para o sofá e inclina a cabeça. Eu sei que Jase está me observando, mas não consigo tirar meus olhos dela.

“Você é minha," eu digo para ela em uma voz que a comanda a olhar para mim. “Você vai manter sua cabeça erguida." Seus olhos se arregalam um pouco e depois seguem meus dedos enquanto os acompanho do colarinho até o centro do peito. “De que outra forma eu veria isso?" Meu polegar se entrelaça com o colar e ela concorda com a cabeça.

Eu posso sentir seu coração acelerado além do meu toque, mas deixo o colar cair no lugar e volto para o meu irmão. O julgamento e a repugnância que permaneceram em seus olhos nos últimos dias se foram, substituídos agora apenas pela curiosidade. Está tudo indo melhor do que eu esperava, mesmo que demore mais do que eu planejei.

“Está marcado para a próxima semana." Quando as palavras se registram com Jase e ele me diz que as remessas estão chegando cedo para Romano, percebo como o comportamento de Aria muda novamente.

Ela já sabe demais. Por mais que eu goste de sua presença, ela não deveria estar a par do conhecimento de como o império de seu pai cairá.

“Você está linda esta noite," Jase fala diretamente para ela. A surpresa ilumina seu rosto enquanto o fogo continua lançando sombras sobre ela.

“Obrigada," diz ela, mas sua voz é suave, muito suave e ela limpa a garganta para se repetir. “Obrigada.”

“Eu admiro sua arte," acrescenta ele, e olho para a dispersão de papéis no chão. Três novos hoje, e cada um mais impressionante que o anterior. Ela não está mais apressada. Ela leva tempo, e a beleza que ela cria é cativante. Nunca esperei sentir orgulho do que pensei ser apenas uma distração.

A emoção toca no meu sangue. Ela anseia aceitação, proteção, e uma ternura que nem sempre posso dar a ela. Mas meus irmãos podem. Mesmo agora, enquanto se preocupa e luta, sua bondade a torna mais fraca para mim. Cada pequeno gesto de aceitação deixa-a mais disposta a me obedecer.

“Ela é talentosa." Eu também a elogio, embora eu fale com Jase.

“Obrigada," ela diz novamente, e a inquietação para momentaneamente, substituída por um comportamento mais calmo.

“Vamos repassar o resto hoje à noite," digo a Jase e ele toma a deixa para sair com bastante facilidade. Nada disso na frente dela. Ela precisa estar perfeita para o jantar.

E então tudo vai mudar.

“Hoje à noite, então," diz Jase e acena um boa noite para Aria. Um sorriso gentil cintila em seus lábios, mas ela se esforça para falar com ele em troca.

“Você está indo tão bem," eu falo para ela gentilmente quando Jase nos deixa. Seu cabelo é macio sob meus dedos enquanto empurro as mechas de seu rosto. “Além de ontem de manhã, quero dizer.”

O lembrete a faz enrijecer, mas só até eu arrastar meus dedos de volta ao colo, a mistura de pérolas e diamantes amarrados em uma fina corrente de platina. Tão delicada e quebrável, assim como ela.

“Sinto muito," ela pede desculpas novamente.

“Não, você não sente.” As palavras saem com uma severidade que é irrefutável. “Eu esperava muito, mas você não se arrepende."

“Me desculpe, eu desapontei você," diz ela, e a declaração soa genuína, mesmo quando ela fecha os olhos e engole visivelmente. Eu entendo cada indício de suas características, vendo nada além de sinceridade.

“Aria," eu digo a ela enquanto deslizo minha mão para a nuca dela. “Você não me desapontou." Minha voz é mais profunda do que eu pretendia, misturada com a luxúria que ainda tenho por ela.

Eu pensei que me cansaria dela, mas ter Aria e brincar com ela se tornou meu jogo favorito.

Ela só suspira com a minha declaração, um som suave que é uma mistura de desejo e necessidade e outra coisa.

Eu sussurro na concha do ouvido dela: “Eu posso te mimar, isso não tem de ser algo que você odeia.”

“Eu vou te dar qualquer coisa," ela sussurra e aqueles lindos olhos espreitam os meus, procurando por misericórdia. “Por favor, não mate minha família.”

“Eu tive que escolher um lado, mas ambos morrerão, Aria." Não há como mudar isso. Se eu pudesse tirar a dor dela, eu faria.

“Você disse que o queria morto. Romano. Por que não ficar do lado do meu pai?”

“Você acha que seu pai me quer como aliado, Aria? Você acha que ele me permitiria viver?" Minha voz sai mais forte a cada palavra, lembrando como minha vida quase foi apagada pelas mãos dele. Seus lindos olhos se transformam em poços sombrios de tristeza. Ela sabe a verdade sobre sua vida, mas ainda assim continua.

“Ele iria," ela sussurra com esperança.

“Ele não iria," eu digo a ela, esperando ficar com raiva por sua ingenuidade, mas é apenas pena dela que eu sinto. “Você precisa ficar fora disso, Aria," eu ordeno, e ela acena com a cabeça uma vez, mas eu posso ver os apelos escritos em seu rosto.

“Eu não posso simplesmente não fazer nada," ela sussurra.

“Você deve, ou você vai me deixar sem escolha." Não é uma ameaça, mas é cheio de verdade e eu rezo para que ela se comporte. “Você é mais esperta que isso. Você sabe como sobreviver.”

“Eu sempre serei uma prisioneira," ela murmura, e sua voz é suave, mas desesperada. Seus olhos se abrem e ela quase diz alguma coisa. Ela quase implora ou pergunta. Mas ela não faz.

“Eu quero tirar a luta de você," eu digo as palavras sem pensar, sem revelar o quão honestas elas são. “Eu vou ter todos vocês, Aria.”

Leva um momento para ela responder, e quando ela faz, está com os olhos fechados e suas palavras estão cheias de dor. “Eu sei que você vai.”

Ela se agarra a essa dor tão bem. Agarrando-a caoticamente, apenas para segurar alguma coisa. De certa forma, isso enraivece o cerne do meu ser. Mas logo tudo o que ela vai segurar será eu. Tão cedo. Eu tenho que ser paciente com ela. Se não, o tempo vai entorpecer sua dor e então tudo o que ela terá sou eu.

“Deite-se," eu dou o comando e ela obedece instantaneamente, caindo no sofá e descansando a cabeça no travesseiro decorativo. Escovando minha mão contra sua parte interna da coxa, ela separa as pernas para mim. O algodão escorrega mais alto, mas eu tenho que levantar sua bunda e empurrar o vestido até a cintura para ver tudo dela.

“Você está sempre molhada para mim," eu pronuncio as palavras sob minha respiração como meu pau endurece. Meus dedos arrastam para cima e para baixo em sua boceta raspada. Seus lábios brilhavam com a excitação e os contratempos da respiração.

Desabotoo minha calça e puxo para baixo, largando-a descuidadamente no chão. A cada segundo que passa, a respiração de Aria fica mais pesada. O sofá geme debaixo de mim enquanto eu mudo meu peso para mover meus ombros entre suas coxas.

Agarrando sua bunda para segurá-la no lugar, eu começo com uma lambida única e lânguida em sua vagina tentadora. Quando eu olho para cima e encontro seus lábios separados, seus olhos arregalados e suas bochechas tão lindas cor de rosa, eu decido que não vou parar de lamber, chupar e foder sua boceta com a língua até que ela não possa mais lutar comigo.

E então eu vou tê-la se contorcendo debaixo de mim, gozando no meu pau como ela foi feita para fazer.

ARIA

NÃO É ASSIM que a vida deveria ser. Não para alguém como eu. Cercada pelo luxo e acorrentada a uma gaiola dourada, eu não deveria acordar me sentindo à vontade.

Mas é assim que me sinto. Eu sei que enquanto eu obedecer Carter, eu ficarei bem. Eu estarei segura e mimada.

Enquanto minha família é assassinada, e eu não faço nada.

Eu não posso permitir isso. Eu não vou.

Eu tenho que me lembrar de cada gentileza que ele me oferece.

Como na noite passada. Eu estava segurando uma combinação mortal de ódio e esperança. Desesperada por uma saída daqui para que eu pudesse avisar minha família, ou uma maneira de convencer Carter a estar ao lado do meu pai para se tornar um aliado.

E eu adormeci sabendo que precisava fazer alguma coisa. Que toda vez eu iria agir e encontrar um caminho. Mas cada gentileza me deixa mais fraca.

Eu nunca vou esquecer o jeito que ele me segurou. Agarrando-me a ele enquanto eu deito no meu lado. Meu coração disparou e o medo era real em minhas veias. Tão real quanto qualquer outra coisa. O sono ainda mantinha meus olhos bem fechados até que ouvi a sua voz, reconheci a avaliação profunda de suas palavras determinadas. “Volte para mim." Sua respiração estava quente no meu pescoço, sua mão forte enquanto se espalhava pela minha barriga. Ele

me segurou tão perto e com tanta força que não consegui me mover quando acordei.

Eu ainda podia sentir o tambor do meu coração acelerado quando ele me virou de costas e enterrou a cabeça na curva do meu pescoço, me beijando vorazmente, como se tivesse sido privado disso. E eu ansiava por seus lábios nos meus, mas ele não os deu para mim. Eu ainda estava piscando quando ele sussurrou: “Se você vai gritar um nome enquanto dorme, esse será o meu nome.”

Eu acordei me perguntando se era um sonho se ele não tivesse realmente me tirado de um pesadelo e me fodido em um profundo sono de desejo. Mas ele ainda estava me segurando do jeito que ele tinha quando eu acordei e não havia como negar que era real.

“Você parou de cantarolar." A voz profunda de Carter penetra em meus pensamentos e eu olho para ele do chão sob seus pés. Rolando o carvão preto entre meus dedos, eu minto para ele, algo que eu sei que não deveria fazer.

“Eu só estou pensando sobre o que eu gostaria de desenhar depois.”

Ele sabe que minha resposta é uma mentira. Seus olhos se estreitam, mas ele permite. Eu não acho que ele quer que eu volte para a cela mais do que eu. Embora parte de mim se pergunte se um dia ele vai me foder naquele colchão e eu vou ficar confinada lá.

A única coisa que alivia esse pensamento é o conhecimento de que Carter gosta dos outros vendo como eu me tornei dele. Como eu obedeço enquanto ele me dá essa liberdade. Se você pode chamar assim.

Meu olhar vagueia para o escritório de Carter e foca mais uma vez em uma caixa que não pertence ao lugar. Ela

espreita debaixo da estante em frente a mim e simplesmente não deveria estar lá.

A madeira é velha e inacabada, em desacordo com as prateleiras escuras polidas que abrigam livros lindamente cobertos.

As dobradiças têm um toque de ferrugem. Eu bato o carvão na minha mão contra o papel e olho para ele. Perguntando por que Carter permitiria que ficasse.

“De onde veio a caixa?" Eu pergunto a ele por um capricho. Eu não perguntei nada a ele. Não por uma única coisa. Nem iniciei a conversa. Mas se tenho alguma esperança de mudar de ideia sobre meu pai, tenho que ser capaz de falar. E começar agora, com essa caixa. Esticando meu pescoço para olhá-lo por cima da mesa, de onde estou sentada no chão na frente dele, eu espero por sua reação.

“Caixa?" Ele questiona, embora eu já saiba que ele sabe o que estou me referindo.

Apontando diretamente para mim, respondo: “Não parece que pertence aqui.”

Eu posso ouvir sua cadeira rangendo quando ele se inclina para trás, e eu sei que ele está debatendo em me dizer algo, embora eu não saiba o quê. É apenas uma caixa velha e surrada.

“Você quer ver o que pode fazer?" Ele me pergunta, e o tom de suas palavras me pega desprevenida. Ele deve sentir a hesitação porque, quando se levanta e vai até a caixa, acrescenta: “É um cofre.”

O carvão na minha mão faz um pequeno baque quando bate no papel e eu vejo Carter abrir a tampa do que eu pensava ser apenas uma velha caixa.

“É à prova de balas, e só pode ser trancado por dentro.”

“Alguém poderia apenas pegar..." Eu afirmo meu pensamento distraidamente e ele me dá um pequeno e triste sorriso.

“Se eles soubessem que você estava lá, eles poderiam tentar, embora seja pesada. Tão pesada que não consegui levantá-la com Daniel no dia em que consegui.”

Deixei meus olhos roçarem os ombros de Carter, em seguida, de volta para o que eu pensava ser apenas uma caixa. Eu respiro fundo, pronta para perguntar se era da sua infância. É obviamente muito pequena para ele. Embora eu saiba que eu poderia facilmente me encaixar. Mas eu não questiono ele.

“A fechadura está aqui," ele me diz e mexe com algo dentro dela que clica. Eu tenho que levantar para ver e desde que eu estou em pé, eu ando mais perto dele e da engenhoca.

“É realmente seguro?" Eu pergunto a ele e ele fica quieto até eu olhar para ele. Seus olhos questionam os meus. “Tão seguro quanto um cofre pode ser.”

Agora que estou mais perto disso, tenho certeza de que poderia caber dentro. Estaria apertado. Como se estivesse lendo minha mente, Carter me diz: “Você se encaixaria. Você estaria segura.”

Meus olhos se dirigem para as fechaduras de latão no interior. Existem apenas duas, mas elas viajam ao longo de toda a borda superior. Uma longa haste de aço cai e desliza no lugar quando bloqueado. Eu imagino que você poderia abri-lo com uma tocha de solda, mas com todo esse metal, a pessoa dentro dela seria queimada, com cicatrizes, talvez morta antes que a caixa realmente se abrisse.

“Você pode respirar lá?" Eu sussurro minha pergunta.

Carter acena com a cabeça e passa o dedo ao longo de pequenas fendas na caixa, projetadas para que não possam ser vistas de fora, mas a luz é filtrada através delas.

Eu engulo grosseiramente como Carter coloca uma mão na minha parte inferior das costas e pergunta: “Você quer entrar?”

Eu deveria dizer não, o medo dentro de mim está lá na frente, gritando que o pequeno espaço é perigoso. Pode parecer seguro, mas a cela era muito maior, e foi fundamental para mim.

Mas o medo é tão minúsculo. Tão quieto. É difícil ter medo de algo tão... insignificante quando minha vida está nas mãos de um homem como Carter. E acho que ele gostaria que eu entrasse.

Eu aceno uma vez e, quando faço, já estou levantando a perna direita. Com a mão de Carter me equilibrando, escorrego para dentro com facilidade.

“As fechaduras estão aqui, mas você terá que sentir por elas quando a tampa estiver fechada, estará escuro.”

“Você vai fechá-la?" Eu pergunto a ele e meu coração bate. Eu não quero que ele me deixe aqui. Ele se eleva sobre mim e responde, “Você seria a única a fechar e trancá-la, Aria.”

“Certo. Claro," eu digo, em seguida, balancei a cabeça e alcancei a tampa. Como se fosse a coisa óbvia a fazer. Parece-me tão estranho que ele me conceda isso, um lugar seguro para estar longe dele. Mas eu não podia ficar aqui por muito tempo.

Esta caixa foi feita para se esconder. O pensamento ocorreu-me enquanto eu abaixava a tampa. É para esconder, para ficar quieto e não ser visto.

O meu coração bate quando a tampa se fecha e um pequeno raio de luz brilha através dela. Ele está filtrando através de uma pequena fenda. Uma que não pode ser vista de fora, mas eu posso vê-la claramente.

Meus dedos traçam as travas enquanto elas deslizam para o lugar, uma forte batida da haste de aço caindo, fazendo com que meu corpo reaja voltando para trás.

Batida, batida. Meu coração martela.

Isso me lembra da porta sendo chutada quando eu estava me escondendo no armário.

Minha garganta fecha e meus olhos lacrimejam enquanto eu claramente vejo minha mãe através da fenda. Assim como eu fiz quando me escondi no armário. A memória é vívida. É real demais.

“Pare!" Eu grito e luto contra a tampa. O pânico me consome. *Eu não posso ficar aqui, eu não posso ficar quieta e deixá-lo matá-la.*

Gritos rasgam através de minha garganta. “Pare com isso!" Eu grito e só então é que ouço Carter.

Os punhos dele batem acima de mim.

As lágrimas que correm pelo meu rosto parecem queimar minha pele enquanto eu perco a cabeça.

“Carter, por favor!" Eu imploro a ele.

“Levante as fechaduras!" Ele grita para mim, mas eu não posso. Eu não posso vê-la. Tudo que eu posso ver é ele

segurando minha mãe para baixo, esfaqueando-a mais e mais. O sangue estava em toda parte. Ele era muito rápido. Eu não podia salvá-la.

“Por favor," eu imploro a ele e sinto toda a caixa levantar do chão apenas para cair no chão embaixo de mim. Me empurrando e me lembrando de onde estou.

“Abra, Aria!" Ele grita comigo e tento encontrar as fechaduras. Isso me leva um longo momento. Cada segundo, imagens da minha mãe passam diante dos meus olhos. O jeito que ela tentou lutar com ele. O jeito que ela tentou não gritar. Eu sei que ela não queria que eu ouvisse ou visse.

Mas você só pode esconder um pouco.

Finalmente, as travas se encaixam na minha mão trêmula e o mecanismo se abre com um ruído alto. Carter praticamente rasga a tampa aberta. Seus braços fortes me puxam para cima e estou salva à luz do escritório. As imagens se desvanecem e me vejo encolhida em seus braços, tola e incapaz de explicar o que aconteceu. Meu corpo não para de tremer.

Eu odeio a caixa. Eu odeio isso. Eu odeio mais do que a cela.

“Shhh," ele me cala e me leva à sua cadeira. Eu acho que ele vai me colocar nisso, mas ele não vai. Ele me mantém apertada em seus braços. Meu corpo estremece e eu queria poder me acalmar e levar tudo de volta.

Eu não consigo parar de chorar.

Eu não tive um ataque de pânico em muito tempo. Só tem sido terror noturno por anos.

“Sinto muito," murmuro as palavras e escovo minhas lágrimas de um jeito furioso. Elas são quentes e eu já posso

sentir meus olhos ficando inchados. Eu mal posso respirar.

“Eu odeio a caixa," eu empurro as palavras para fora como se eu pudesse culpar algo.

“Está tudo bem." A resposta de Carter é calmante. Ele não pergunta o que aconteceu. Ele não me empurra para nada.

Ele só me segura e me conforta, passando a mão para cima e para baixo nas minhas costas. Seu calor, força e cheiro me cercam. E eu quero mais disso.

Eu morreria por mais disso.

Uma batida na porta do escritório me assusta. “Silêncio, passarinho," sussurra Carter contra o meu cabelo antes de chamar para a porta: “Entre.”

É o Jase. Quase sempre é o Jase.

Ele está na porta, segurando a maçaneta e não deixando passar. Tenho a sensação de que ele não gosta de ficar quando estou por perto. Como se eu não estivesse aqui, ele teria se sentado. Um arrepio percorre meu corpo e me enterro mais fundo nos braços de Carter, desejando poder voltar a apenas um minuto atrás.

“Eu só queria que você soubesse, que o jantar está programado para ser como foi planejado.”

Vendo Jase, me lembra de tudo mais uma vez. Como se fosse acordada de um sono profundo. De volta para perceber que tudo isso está errado e não há um pedaço dele que deve se sentir bem.

De volta ao fato de que estou aninhada nos braços do homem que está preparado para destruir tudo o que sou.

O pensamento de morrer por mais do toque de Carter ainda está vibrando em minha mente. E ele murcha como as pétalas de uma flor quebrada no calor escaldante enquanto o lado são de mim se lembra do que eu realmente sou e quem ele realmente é.

“Ele está vindo?" Carter pergunta e há um profundo ronco de raiva escondido sob suas palavras. É suficiente que meu corpo fique quieto em seus braços.

Jase assente, seu olhar se movendo de mim para Carter. “Ele está vindo.”

“E ainda estamos por hoje à noite?" Carter pergunta a Jase em um tom bastante diferente. Um tom que me deixa curiosa. Curiosa o suficiente para dar uma espiada no Jase.

O olhar de Jase pisca para mim novamente antes que ele responda: “Sim, estamos nessa noite." Batendo no batente da porta, ele acena para Carter e nos deixa sozinhos.

As lágrimas, o flashback e o pânico parecem tolos agora. Foi apenas um vislumbre do passado. Carter afrouxa seu aperto em mim enquanto meu corpo endurece e eu seguro meus braços em meu peito.

Por que ele me abraça e consola, quando eu não sou nada para ele além de um brinquedinho? É para que ele possa me enfraquecer. Eu sei que é por isso. Eu vou cair sem poder por ele tão facilmente. E ele vai me usar e me expulsar.

Eu já posso ver isso acontecendo.

“Eu vou sair esta noite." A voz de Carter parece mais profunda, mais áspera. O som me força a olhar para ele enquanto ele fala. É estranho estar quase ao nível dos olhos quando me sento no colo dele.

Seu olhar é tão afiado que mal consigo olhá-lo nos olhos.

“Você pode conseguir o jantar. E espere por mim na cozinha, no covil ou no quarto." Eu olho para a maçaneta em uma das gavetas de sua mesa, aceno com a cabeça em obediência e me sentindo desajeitada e com muito medo de falar.

Meu corpo estremece quando ele coloca uma mão na minha parte superior das costas, entre minhas omoplatas e trabalhando até as minhas costas.

“Talvez você precise de uma bebida?”

Quando eu me viro para ele desta vez, quero gritar com ele. Eu quero me esconder. Eu quero chorar.

A questão está na ponta da minha língua, *por que você está fazendo isso comigo*?

Mas eu já sei a resposta. É por isso que Carter faz tudo.

Porque ele pode. Porque ele quer.

CARTER

O RED ROOM não foi ideia minha. Foi de Jase, de todas as pessoas. Ele é quieto, mantém tudo para si mesmo, mas criou um clube que é o perfeito encobrimento e um negócio de sucesso. Ele sempre fica na parte de trás, onde outros negócios são conduzidos, mas mesmo assim, a criação de Jase é algo de que ele se orgulha. E toda vez que venho aqui, me lembro desse fato.

A música vibra em minhas veias antes que as grandes portas de vidro vermelho se abram. Em um terno cinza, eu não me misturo exatamente à vida noturna. Não como Jase em seus jeans desbotados e desgastados e com botões abertos na gola da camisa.

Eu prefiro um terno. Jase prefere se misturar. Cada método tem suas vantagens.

“Bem-vindos de volta, senhores," Jared nos cumprimenta quando entramos no clube, a música em volume alto e os cheiros de álcool e sexo me acertam instantaneamente. Com o papel de parede estampado vermelho escuro que reveste as paredes e lustres negros pendurados no teto preto de dezesseis metros de altura, o Red Room parece uma boate de pecado no início.

À medida que o álcool flui durante a noite e os corpos rangem um contra o outro, o pecado é uma descrição precisa. O dinheiro flui tão facilmente quanto o licor.

Passando pelos corpos e pelos olhos de várias mulheres segurando bebidas em uma mão e suas garras em outra, eu ignoro tudo, ouvindo atentamente o que Jared tem a dizer.

Parei tudo para descer aqui com meu irmão. Tudo porque Jared, o gerente do clube, e chefe de negócios está aqui fora, disse que tinha uma garota que falaria.

“Tem certeza que é ela?" Jase pergunta a ele.

“Sim," Jared acena com a cabeça enquanto passamos a segunda porta e fazemos o nosso caminho em torno da borda da pista de dança para chegar ao quarto dos fundos. “Ela vem toda semana pedindo por isso.”

“O que você disse a ela?”

“Nada. Só que a entrega está atrasada." O DJ começa um novo set e a pista de dança ruge tão alto que o chão treme quando as portas de aço da sala dos fundos se abrem e depois se fecham suavemente, finalmente silenciando as distrações do clube.

“Obrigado por esperar por nós," Jase diz aos dois homens no fundo da sala. Mick é um deles. Eu não sei o nome do outro, mas o Jase sabe. Este é o lugar de Jase para comandar. Todo mundo conhece ele, e ele conhece todo mundo, então deixo ele liderar e fico quieto.

Quieto é perigoso, e é exatamente assim que eu quero que eles me vejam.

“É claro, Sr. Cross," diz Mick e acena com a cabeça para Jase, em seguida, dá um sorriso para mim quando ele acrescenta, “e Sr. Cross.”

A pequena menina sentada na mesa solitária na sala segura o copo de plástico de uma bebida rosa provavelmente tem tanto açúcar quanto álcool. Seus lábios abrem-se com uma certa incredulidade e depois lambe-os, sorrindo embora seja magra e murcha. Assim como o estado de seu corpo sob o topo do vestido muito apertado.

“Você está esperando a entrega?" Jase pergunta, olhando para a esquerda e a direita como se ele não quisesse dizer em voz alta e ser pego por alguém. Eu riria dele e sua exibição, mas ele é muito bom no que faz, e eu gosto de um bom show.

A garota o imita, olhando por cima dos ombros para os dois homens contratados em camisetas do Red Room e jeans pretos antes de concordar com a cabeça. “Vocês têm os melhores doces.”

“Doces?" Eu pergunto, e ela sorri para mim como se conhecesse um segredo que mal podia esperar para me contar.

“É como as ruas estão chamando agora,” ela diz e morde o lábio inferior, deixando seu corpo balançar. Jase e eu puxamos nossas cadeiras em frente a ela, as pernas raspando pelo chão. Doces em plural. Porque esse filho da puta do Romano tem sua versão fora. Eu mantenho o pequeno indício de amizade firmemente no lugar. Mas eu não estou nada além de chateado com o lembrete

“Sweet Lullaby, você quer dizer?" Jase pergunta, levantando uma sobrancelha. E novamente, ela balança a cabeça.

“Você está comprando muitas dessas coisas," Jase diz a ela, embora seja uma pergunta. Suas unhas arranham seus braços enquanto ela olha ao redor de nós. Ela está nervosa e as pernas da cadeira estão arrastando no chão.

“Eu só preciso disso, ok?" Suas palavras são apressadas. O ar muda ao redor dela instantaneamente.

Observando suas bochechas vazias, olhos mortos e lábios pálidos, o humor e a vibração que ela teve para se divertir desapareceram.

“É realmente o que você precisa?" Jase pergunta e se inclina para olhar nos olhos dela. “Porque nós temos algumas outras coisas que você pode querer.”

Ela precisa de uma dose. Isso é muito certo e se eu tivesse que adivinhar, diria que a droga de sua escolha é a heroína. Talvez cocaína.

“Eu só preciso pegar e voltar," ela responde, mas sua voz é ofegante e incerta. Eu espero um momento, olhando para Jase enquanto nós dois a ouvimos engolir ao som abafado da música tocando no clube.

“Eu acho que nós temos alguma vindo, desculpe pela espera, senhorita...?”

“Jenny. Jenny Parks," ela responde e, em seguida, enfia a mão na bolsa para o celular. Os dois homens atrás de nós fazem um movimento para suas armas, e a pequena loira nem sequer se mexe.

“Foda-se, já passou das nove," diz ela e seu rosto se encolhe com uma mistura de ansiedade e medo.

Como ela desliza o dedo em sua boca para mastigar sua unha, Jase pergunta a ela: “Ei, há algo que eu possa te pegar enquanto você espera?”

“Qualquer coisa para te acalmar um pouco? Outra bebida ou algo mais forte?" Eu adiciono.

Sua respiração sai mais forte. “Sim, talvez," ela responde enquanto seus olhos disparam de mim para Jase. “Eu só queria entrar e pegar as coisas. Estará aqui em breve?" Ela pergunta novamente, olhando para o telefone para verificar a hora. “Como, quanto tempo?”

“Pode demorar um pouco," diz Jase e dá de ombros, olhando para Mick e ela acha que ele também dá de ombros.

“Temos outras coisas enquanto você espera," ele oferece, mas ela já está sacudindo a cabeça, ainda mordendo a unha do polegar.

Ela fala sobre o dedo em sua boca. “Eu preciso dos doces primeiro.”

O problema com um viciado é que eles têm uma mentalidade única. Eles querem a droga. E é óbvio que ela recebe a dela quando ela entrega nossa droga ao comprador real.

Jase encolhe os ombros novamente. “Uma hora, talvez?" Ele olha para mim e eu aceno com a cabeça.

“Foda-se," ela murmura e embala o rosto em suas mãos.

“Você quer que a gente a deixe em outro lugar?" Jase pergunta, e ela espreita através de seus cílios. Estamos recebendo o endereço de onde esse produto está indo. Ou dela nos dizendo ou de nós a seguindo. Seja qual for a foda que temos que fazer.

“Eu tenho que voltar. Sinto muito," ela fala enquanto desliza o telefone da mesa para dentro da bolsa.

“Podemos conseguir algo para tirar a borda enquanto ela chega e podemos conversar um pouco?" Jared sugere para ela de onde ele está de guarda perto das portas de aço. Ela parece entender então. A realidade do que está acontecendo a atinge como uma tonelada de tijolos e ela é uma merda em escondê-lo.

“É só que... é meu irmão. Ele precisa disso e não gosta que eu me atrase. Você entende?”

“Seu irmão?" Pergunta Jase e eu olho para Mick, de pé perto da loira sentada, que balança a cabeça uma vez. A pequena Jenny não tem um irmão.

“Sim, e ele não gosta que as pessoas venham, sabe?" Mais uma vez, suas palavras são apressadas e ela olha para os homens atrás dela e depois para nós.

“Eu posso voltar depois," ela murmura. Sua respiração é esporádica quando ela puxa a bolsa para o peito.

Ela leva um segundo para se levantar, mas a mão de Mick em seu ombro a faz parar.

Um segundo cai entre todos nós, pesado com as consequências do que está por vir.

Ela está comprando para outra pessoa e mentindo para encobrir isso. Alguém que a mantém dopada e alguém que a assusta o suficiente para lhe dar força para resistir ao próximo ataque de nós.

Sua cabeça gira devagar para que ela possa ver o grande tamanho de Mick, sua mão segurando mais apertado em seu ombro. O medo que vem dela é palpável e enjoativo.

“Você diz ao seu irmão que sentimos muito por não podermos dar isso a ele hoje à noite, Jenny," Jase fala e instantaneamente Mick solta a garota.

Eu praticamente posso ouvir seu coração batendo enquanto ela olha para Jase com os olhos arregalados. Ela está congelada ainda até que ele se inclina para trás em seu assento e diz a ela com uma piscadela. “Nós teremos isso para você na próxima vez.”

“Você nos deixa saber se você quer conversar a qualquer momento, você me ouviu?" Jared diz quando ele abre a porta do clube e a música flui para o pequeno quarto dos fundos.

Jenny acena com a cabeça furiosamente, tropeçando na cadeira vazia ao lado dela antes de sair da sala sem outro olhar para trás.

“Siga-a," digo para Mick e com um único aceno com a cabeça ele se foi. As unhas grossas de Jase batem contra a mesa quando a porta se fecha e o som da vida noturna além dela é silenciado novamente.

“Você a deixou sair fácil," eu digo baixinho sob a minha respiração.

“Meninas não precisam ser arrastadas para essa merda." Essa é a sua única resposta e ele não se incomoda em abaixar a voz como eu fiz.

A mesma mesa que ele está tocando, eu cobri com sangue no passado. Não teria chegado a isso com a loira, mas uma pequena mentira para fazê-la falar não a teria magoado. Mostrando nossos cartões que sabemos que ela está comprando para outra pessoa, bem, que poderia ter conseguido uma palavra ou duas dela. Talvez um nome.

“Talvez ele esteja enviando garotas porque ele sabe que você é fraco para elas," sugiro. Todos nós temos nossos limites. E as mulheres são o fio condutor entre nós.

“Foda-se, eu não sou fraco," ele me diz, embora eu possa vê-lo considerando isso. Está nos olhos dele.

Os cantos dos meus lábios se transformam em um sorriso quando Jared acende um cigarro. Mas com um sopro e as palavras que saem de sua boca, o sorriso desaparece. “Com a merda da menina de Talvery, eles deveriam saber que não somos maricas quando se trata de mulheres.”

O silêncio se estende na sala por um momento com nenhum de nós comentando.

“A menina de Talvery," eu digo embaixo da respiração e recebo uma desculpa de Jared, mas eu não me incomodo de

ouví-lo. “Ela é minha," eu digo a ele, cortando sua piada ou sei lá o que diabos estava saindo de sua boca.

Eu fico em pé abruptamente, deixando uma raiva que não sinto há muito tempo ditando minhas palavras. Olhando nos olhos de Jared, as palavras são arrancadas da minha boca. “Da próxima vez que alguém se referir a ela como, *a garota Talvery*," eu praticamente cuspo o nome, “você diz a eles que ela é toda minha.”

Meus dentes rangem um contra o outro com tanta força, eu juro que eles vão quebrar.

Jared não fala, não se move. Eu não acho que ele esteja respirando, embora o cigarro em sua boca permaneça muitíssimo ainda com o brilho de âmbar fazendo sua expressão parecer ainda mais pálida.

Meus músculos se enrolam, esperando que ele a chame assim de novo. Ela não é *a garota Talvery*. Ela não pertence a eles.

“Qual é o nome dela?” Pergunto a ele, inclinando a cabeça e o cigarro oscila na boca. “Tire a porra do cigarro e me diga qual é o nome dela.” Meus olhos perfuram os dele quando ele solta o cigarro de sua boca, mal o pegando entre os seus dedos e engolindo nervosamente. As veias do seu pescoço estão apertadas, e eu o ouço engolir.

“Eu... eu...” Ele gagueja, e eu me inclino mais perto para gritar em seu rosto, as palavras da minha pergunta arranhando e rasgando o seu caminho até a minha garganta. “Qual é o nome dela?”

“Eu não sei," diz ele em uma admissão tremula.

“É Aria," eu digo, em seguida, pego seus ombros com as duas mãos enquanto ele luta para me olhar nos olhos. A raiva

diminui quando sinto seu suor sob minhas mãos.

“É Aria, e ela não pertence mais aos Talverys." Minhas palavras são calmas, estranhamente verdadeiras.

“É claro que ela não é," Jared balança a cabeça levemente, seus lábios se transformando em um sorriso hesitante. “Ela é sua. Aria é sua e ela se chama Aria.”

Ele não vai calar a boca, o pobre idiota.

“Você me deixa saber se qualquer um a chamar de outra forma,” eu digo a ele, acenando com a cabeça uma vez em direção a um ponto na parede de tijolos. Os tijolos estão mais vermelhos, mais sujos e não se misturam com os novos.

“Eu odiaria perdê-lo e ter que explodir o pobre crânio de um filho da puta porque ele me irritou.”

“Sim," a resposta de Jared é um sussurro de medo. “Aria, e ela é sua.”

A mão de Jase batendo na parte de trás do meu ombro é a única coisa que tira meu olhar do Jared.

“Mantenha o bom trabalho, Jared." Jase acrescenta: “Bom trabalho hoje à noite," e abre a porta para voltar ao clube.

Ele a abre para mim e eu me movo ao redor de Jared, ainda parado em seu lugar e apenas acenando com a cabeça como se estivesse com medo de falar. Quando dou um passo para sair, olho para ele, o cheiro repugnante de mijo substituindo o cheiro dos cigarros. O filho da puta se mijou.

Eu gostaria de poder sorrir ou sentir qualquer sentimento de prazer em saber quão profundamente enraizado o medo está. Mas tudo o que posso pensar é que esses idiotas estão chamando minha Aria, *de garota Talvery*.

Ela é muito mais que isso.

“Você tem que recuar com isso," Jase me diz enquanto caminhamos lado a lado pelo clube. Há ninguém ao nosso redor que poderia ouvir, mas ainda assim, eu quero dizer a ele para se foder.

“Eu não tenho que fazer merda nenhuma," eu respondo em um grunhido, a raiva ainda está se aproximando, mas mesmo quando as palavras são ditas, eu sei que ele está certo. Eles poderiam usá-la contra mim. Ela poderia facilmente se tornar conhecida como minha fraqueza.

“Qual é o sentido de fazer isso?" Ele me pergunta, cortando minha linha de pensamento.

Mas eu não tenho uma resposta pronta. Há sempre uma razão. Tudo o que faço tem um propósito. Leva o passeio inteiro pelo clube para eu responder, e não é até que nós estamos fora das portas dianteiras onde o ar fresco nos cumprimenta, e o luar paira sobre o lote de estacionamento.

O vento bate no meu rosto, e Jase enfia as mãos nos bolsos enquanto o manobrista estaciona o nosso carro até o meio-fio. “O ponto é que eles esqueceram que ela é minha quando a chamam de Talvery. Não vou esquecer que ela pertence a mim.”

ARIA

Carter me fez beber um copo de uísque com laranja, mas de alguma forma tinha gosto de chocolate. Eu não sei exatamente o que é, mas ainda está zumbindo através de mim. Ele me deixou com uma segunda bebida em seu escritório e é o segundo que fez isso comigo.

Mesmo quando estou na cozinha, ocupando-me com algo para tirar minha mente de tudo que está acontecendo ao meu redor, posso sentir o álcool entorpecendo a dor. Como se eu fosse poupada do que vai acontecer, e é tudo o que está acontecendo. Eu estou apenas de pé aqui.

Mas eu odeio isso. Eu não quero ficar desamparada e implorar por misericórdia de um homem que não vai mostrar isso. Não quero parecer desamparada, mas não tenho escolha.

A geladeira está cheia de quase tudo que eu poderia querer. Ovos frescos, carnes, batatas e legumes. A maioria das carnes para o jantar está congelada, mas há muito para me satisfazer.

Eu não estou com fome no mínimo, mas Carter me disse para comer e então aqui estou eu.

Levei um tempo para começar, muito tempo depois de Carter ter saído.

Em vez de fazer qualquer coisa, olhei para a porta. E então cada uma das janelas que eu passei. E as janelas para o jardim. Eu gostaria de poder sair e dizer ao meu pai que eles estão vindo, mas tenho certeza que ele sabe. Esse é o único conforto que tenho nesse estado sem poder. Meu pai deve saber que eles estão indo para ele.

A faca corta um tomate. É tão afiada que a pele se divide instantaneamente sem qualquer pressão. Eu sugo o gosto do uísque dos meus dentes. Eu não posso fazer nada, mas preciso fazer alguma coisa.

O ruído da faca na tábua de cortar é a única coisa que ouço repetidas vezes.

“O que você está fazendo?" Uma voz profunda atrás de mim me faz pular. A faca escorrega da minha mão e eu estou com muito medo de me afastar dela quando ela cai no chão. Eu fico ali sem fôlego, ansiosa, atirando em minhas veias.

“Merda," diz a voz enquanto meu coração dispara e bate no meu peito.

É o Daniel. Eu já o vi antes e sei que esse é o nome dele. Mas, ele não disse uma palavra para mim. Ele nem sequer olha para mim. No entanto, agora estou sozinha com ele, e Carter não está em lugar algum para ser visto. Em jeans escuros e uma camiseta preta, ele corre a mão através de seu cabelo com um olhar vergonhoso em seu rosto. “Eu deveria ter vindo da outra direção, hein?" Há uma doçura nele, mas não confio nele. Eu não confio em nenhum dos irmãos Cross.

“Eu só estou de olho em você," diz Daniel facilmente, e seus lábios se erguem em um meio sorriso. “Uma salada?" Ele pergunta.

“Sim," eu digo, mas minha resposta é um sussurro. É estranho ser prisioneira ainda assim permanecer livre para se movimentar. Mesmo que seja estranho ter uma conversa com alguém como se não houvesse nada de errado com a minha posição.

Eu me forço a engolir e me inclino devagar, mantendo-o na minha visão, para pegar a faca. Meu corpo treme quando eu viro de costas para ele apenas o suficiente para caminhar

até a pia e ligo a água. “Abacate, tomate e molho italiano. Eu estava desejando algo e gosto disso,” eu digo a ele quando a água cai sobre a borda afiada da faca. A luz reflete na água e meu coração bate de novo.

“Sal?" Ele me pergunta, e eu aceno, olhando para ele, mas tentando apenas ter uma conversa. Eu me pergunto o que ele pensa de mim. O que ele pensa de Carter por me manter aqui.

Tudo que eu posso olhar é a faca na minha mão, o álcool está vibrando, meus nervos estão altos e eu não sei mais como sobreviver.

A ideia de um plano de fuga está se formando, mas a ansiedade é muito maior.

Seus passos o levam embora enquanto ele caminha para o outro lado do balcão, mais perto de onde os pedaços de abacate e tomate recém-cortado esperam por mim. Minha mente está muito consciente de onde ele está. E quem ele é.

Ele sabe como sair daqui. Ele poderia ser minha passagem para a liberdade.

“Você achou os pratos?" Ele me pergunta quando eu me viro para encará-lo, a faca se sentindo mais pesada na minha mão.

Sem a água, o cômodo fica em silêncio. Estranhamente. Ou talvez seja apenas por causa dos pensamentos que passam pela minha mente. O balcão está duro contra as minhas costas enquanto eu me inclino para me manter firme enquanto o vejo abrir um armário e puxar uma tigela.

Ele sorri para mim como se fosse meu amigo ou meu companheiro, e não um guarda para me manter aqui. E ele me deixa segurar a faca. Ele nem sequer olha para isso. Eu tenho uma arma e sou uma prisioneira aqui, mas ele não se

importa nem um pouco. *Por que para ele, você é uma garota fraca...* a voz na parte de trás da minha cabeça me insulta e ri.

“Obrigada," eu digo, e minha voz parece pequena e fraca. Agarrando a bancada atrás de mim, parece tão fria, tão implacável em comparação com o quão quente meu corpo está agora.

A tigela de cerâmica bate quando toca na bancada e Daniel sorri para mim. Um sorriso bonito e charmoso com as mãos para cima no ar quando ele diz: “Eu não vou te machucar. Eu prometo.”

Eu sou a única com a faca.

Eu continuo pensando nisso enquanto dou cada pequeno passo em direção ao balcão.

Meus pés descalços estão no chão frio.

Ofereço-lhe um pequeno sorriso, mas não digo nada e nem ele.

Até que a faca corte tão facilmente o tomate novamente. Eu imagino a maneira como isso iria diminuir, mas é difícil me concentrar. Eu não posso matá-lo. Ele teria que digitar o código e então eu correria.

“Ele está te tratando bem?" Ele me pergunta, e meu aperto na faca se intensifica. Ele poderia facilmente inserir um código e me conceder liberdade. E então eu poderia dizer ao meu pai que eles estão vindo.

Levantando os olhos para os dele pela primeira vez, pergunto a ele: “O que você acha?" Estou surpresa com a força, mas eu tenho mais disso.

Seu olhar cintila na porta atrás de mim e depois de volta para mim.

O silêncio desce sobre a cozinha.

“Ele está em uma posição difícil," Daniel me oferece quando eu começo a cortar as fatias em pedaços, tentando não pensar no que aconteceria se eu falhasse. O que Carter faria comigo se eu tentasse escapar e falhasse. Meu peito se contrai e meu estômago cai com o pensamento. A cela. Ou pior, a caixa. Ele sabe o que essa caixa faria comigo se ele colocasse uma fechadura do lado de fora.

Meu sangue corre frio.

“Ele não é um homem mau," Daniel diz, e observo enquanto a faca em minha mão treme enquanto paira sobre as fatias restantes.

Homem mau? Ele não é um homem mau? Se ao menos Daniel soubesse o que eu estava pensando.

“Bons homens não fazem o que ele fez," digo ao Daniel sem olhar para ele. “Eu implorei a ele ontem à noite para poupar meu pai. Minha família," eu digo e minha voz racha.

“Sinto muito, mas você sabe que ele não pode fazer isso." É a única resposta dele e eu desmorono por dentro. Meu coração se torce de uma maneira dolorosa. É uma dor horrível que não consigo explicar quando ouço Daniel se virar para ir embora.

Ele está me deixando. Porque ele pode. Porque não importa se ele me deixa para chafurdar sozinha. Sempre estarei sozinha se eu nem mesmo tentar.

Meus dedos envolvem a faca até minhas juntas ficarem brancas e eu grito por ele. “Daniel!” Seu corpo alto e magro

endurece, os músculos de seus ombros ondulam quando ele se vira.

Ele talvez seja um metro e meio mais alto do que eu. Mas a ilha da cozinha separa nós dois.

Seja esperta, eu me lembro. Mas neste momento, nada que eu esteja prestes a fazer é inteligente. Abaixando a faca para o meu lado, a lâmina quase acaricia minha pele quando eu limpo minha garganta.

“Eu sinto muito," eu ofereço a ele, embora eu mal possa me ouvir sobre a batida furiosa do meu coração no meu peito. “Você poderia me mostrar onde estão os temperos?" Eu tenho que engolir antes que eu possa acrescentar: “Por favor.”

A boca de Daniel está em uma linha reta e sombria, seus olhos perfuram profundamente em mim como se ele soubesse exatamente o que estou prestes a fazer. Mas ele caminha em minha direção. Ele caminha para o meu lado da ilha. Por dentro eu estou gritando que é uma armadilha que ele conhece. Meu sangue corre em meus ouvidos e o suor da minha mão quase faz a faca escorregar.

Cinco metros se tornam quatro, se tornam três, se tornam dois.

E ele vira as costas para mim, chegando ao nível dos olhos para abrir um armário antes de se virar e encontrar a faca apontada para sua garganta.

O suor que rasteja ao longo da minha pele é doentio. Ele cobre cada centímetro de mim enquanto tento falar, mas minha garganta seca não permite.

Garota idiota! Eu ouço a voz gritar comigo. O arrependimento e o medo são instantâneos, mas a faca está

no ar e não posso voltar atrás. Minha mão parece tremer, mas a faca está firme.

Eu não posso voltar. “Tire-me daqui," eu respiro enquanto ele olha para mim com desdém.

“Você não quer fazer isso, Aria." As palavras de Daniel são tão genuínas, tão sinceras, que quase me arrependo de dar um passo à frente e quase pressionar a lâmina em sua garganta.

“Eu quero sair." De alguma forma eu empurro as palavras para fora. Quão fortes elas soam, embora eu esteja em pânico.

Os olhos de Daniel se tornam simpáticos, ou talvez eles apenas olhem para mim como se eu fosse patética. Eu não posso dizer. Ele me engana assim.

“Eu não posso te ajudar com isso." Meu coração despenca e corre ao mesmo tempo. Esta é minha única chance, minha única esperança.

“Abra a porta da frente." Ao dar o comando, dou um passo à frente e meu tremor empurra a faca para mais perto dele, cortando a pele de seu pescoço, apenas ligeiramente. Um pequeno corte, mas o corta. *Eu o cortei.*

O horror de ver o sangue vermelho e brilhante me distrai por um momento, um momento longo o suficiente para Daniel enfiar a mão na minha frente e tentar segurar a faca.

Ele pode ser rápido, mas meu medo é mais rápido. A faca atravessa sua camisa e bíceps, facilmente cortando-o, cortando seu braço enquanto eu tropeço para trás.

Meu coração bate tão forte que eu juro que vou morrer de terror sozinha.

O aperto quente de sua mão queima no meu antebraço, mesmo depois que ele é solto. Minhas costas atingem o balcão e eu pulo um pouco, mas mantenho a faca e o aperto devagar ao redor dela. Adrenalina é a mais forte do que eu já senti antes.

Isso é ruim, meu coração grita de terror, *isso é muito ruim*. E eu perdi a vantagem da surpresa, a ameaça da faca minúscula em comparação com o que era um momento atrás.

“Me deixe ir!" Eu grito com ele enquanto ele se irrita comigo. Sua careta cresce para outra coisa. Algo que parece doer em mim mais uma vez. E eu quero zombar dele e da sua pena, mas sinto muito por mim também. E não há nada pior do que isso.

“Eu disse, me deixe ir!" Eu estou com muito medo de me aproximar dele e cada passo parece que meus joelhos saem da pura adrenalina que passa por mim.

“Mesmo se eu abrir a porta, há dois guardas nos portões e eu não estou partindo em breve. Eles sabem disso." Sua voz é severa e ele tira os olhos de mim para olhar o corte. “Porra, você me pegou bem," ele diz, ainda sem nem ao menos olhar para mim. Como se eu não fosse uma ameaça.

“Você poderia me esconder em seu carro." Minha voz pula as minhas palavras enquanto luto para pensar no próximo passo.

“E ter medo de sua faca que está com você no meu porta-malas?" Ele pergunta e minha cabeça balança. Meu corpo ameaça tontear com isso. Eu fiz isso. Eu já sei que falhei.

Garota idiota, a voz diz, mas até ela tem pena de mim e a raiva anterior dela está ausente.

Meu coração afunda e não para, como se estivesse em uma queda livre sem fim, embora eu já possa sentir isso na boca do meu estômago. “Me tire daqui, por favor. Você pode me tirar daqui." Eu digo, embora minha voz se parta e dou um passo à frente com a faca. “Por favor," eu imploro a ele.

Ele finalmente olha para mim e diz: “Coloque a faca no chão.” É tudo o que ele diz, naquele tom desinteressado que todos os irmãos Cross parecem ter. Um tom que é totalmente desdenhoso.

“Foda-se," eu quase choro quando eu digo a ele. Eu tenho que andar mais perto dele, eu tenho que passar com isso. Ele quase pegou a faca de mim da última vez e, se fizer isso, vou voltar para a cela. Porra. Minha garganta se fecha.

Como se ouvisse meus pensamentos, Daniel me disse: “Eu poderia pegar minha arma, Aria, não me faça fazer isso.”

Suas palavras matam o último pedaço de esperança. O que eu faria? Jogar a faca nele se ele corresse para pegar sua arma? “Abaixe a faca.”

“Por favor, não," eu imploro. Lágrimas picam meus olhos com o quão estúpida eu sou. No que está por vir.

A cela. Eu estarei na cela hoje à noite. E por bastante tempo até Carter me deixar sair.

A faca pesada parece mais pesada e eu quero apontar para mim mesma. Uma parte muito grande de mim acha que eu poderia ir mais longe se eu ameaçasse me machucar. Mas eu não quero estar com dor. “Por favor, me ajude," eu mal falo as palavras fracas.

A resposta de Daniel é imediata, seus passos são deliberados e com liderança. Meu corpo treme quando ele chega perto o suficiente para segurar a faca, mas desta vez

quando ele envolve sua mão em volta do meu antebraço, eu solto meu aperto e a faca cai da minha mão para a outra mão e só então ele me deixa ir.

Eu me encolho como uma criança desobediente ou pior, um cachorro que sabe que ele está para ser espancado.

Lágrimas silenciosas caem, e eu limpo quando escuto a faca cair na pia antes que Daniel vire a torneira para limpar o corte. O corte que eu dei a ele.

“Eu sinto muito." Minhas palavras estão sufocadas e tento repetí-las novamente, mas falho. Minha respiração vem fraca. “Eu não posso voltar. Por favor, não posso.”

“Ei, tudo bem." A voz de Daniel é suave quando ele se aproxima de mim, mas o medo é a única coisa que eu tenho que dar a ele até que ele diga: “Nós não temos que dizer ao Carter.”

Suas palavras me fazem encarar seus olhos escuros. Eles são tão parecidos com os do Carter. Mas o calor e o desejo não estão lá. Apenas sinceridade.

“Eu não vou dizer a ele, ok?" Sua voz reconfortante acalma o medo em mim. “Isso vai ficar entre nós." O alívio que substitui a ansiedade quase me faz vomitar.

“Por que você faria isso?" Eu questiono ele. “Eu te machuquei.”

“Porque eu teria feito o mesmo." Sua resposta simples é reconfortante, mas não me dá nenhuma esperança.

“Sinto muito," murmuro meu pedido de desculpas e tenho que limpar minha garganta. Eu estou gaguejando minhas palavras. “Eu não queria... machucar você.”

“Por que você fez isso?" Eu balancei minha cabeça, enxugando sob meus olhos. Ele acrescenta: “Eu teria feito isso, mas achei que você fosse mais esperta do que isso.”

“Eu sinto muito." É tudo que posso dizer. “Eu preciso sair daqui," eu acredito, e minhas palavras sangram com desespero.

“É melhor que você esteja aqui," ele me diz. “Você não está segura no seu pai e eu sei que Carter pode não parecer a melhor pessoa para você agora, mas eu sei que há uma razão para tudo isso.”

“Meu pai." A palavra cai dos meus lábios. *Eu estou falhando com ele.*

“Você precisa comer," diz Daniel, afastando-se de mim e não se importando com a minha presença mais. É a mesma coisa que Carter me fala. Eu só preciso comer. E obedecer.

“Você vai matá-lo," eu digo e é uma declaração, não uma pergunta. Eu não posso nem pensar em comer. O pensamento é repulsivo.

Daniel abre a geladeira e me ignora, embora ele posiciona seu corpo para que ele possa me ver pelo o canto do seu olho.

Ele fecha a porta da geladeira com o cotovelo enquanto se curva para uma cerveja e toma um gole rápido, fazendo a camisa molhada de sangue brilhar na luz e aquele pedacinho de vermelho em sua garganta me encarando.

Eu quase digo a ele que sinto muito, mais uma vez. Mesmo sabendo dos planos dele para o meu pai. É um sentimento doentio. Não sei o que é certo e errado, mas independentemente disso, você não tem uma escolha.

A garrafa bate no balcão e ele finalmente me responde. “Isso ia acontecer, quer entrássemos ou não.”

“O que iria?" Eu pergunto a ele com uma voz baixa, cautelosa, mal levantando os olhos para encontrar seu rosto. A única coisa que eu continuo pensando é que eu preciso ser legal com ele, então ele não irá contar para Carter.

“Guerra.”

A resposta de uma só palavra força meu olhar para o piso de ladrilho polido. Está quieto enquanto ele bebe, e eu limpo a bagunça dos legumes em cubos que não vou comer.

“Você não vai contar a Carter?" Eu me sinto egoísta por ousar trazer isso de volta, mas eu preciso saber que ele não vai. Se Carter estivesse aqui quando isso aconteceu... Eu não posso nem começar a pensar no que ele faria.

“Olhe para mim," a voz de Daniel acena e eu faço como ele me diz. “Eu não vou dizer uma palavra para Carter. Nem uma palavra." Sua voz é suave, mas acho difícil estar perto de ficar bem.

“Obrigada," eu digo a ele e pressiono a mão no meu rosto para acalmá-lo.

Ele termina a cerveja, o tempo todo eu olho para o local no chão até que eu me viro instintivamente ao som de seu nome sendo chamado por uma mulher.

“Merda," diz ele em voz baixa. Ele é rápido para me agarrar pelo braço. Seu aperto é forte, exigente e me pega desprevenida com aquele medo retornando e me atingindo.

“Vá para o quarto," ele exige sob sua respiração e tenta me empurrar para fora da cozinha pela a outra saída. Meus pés deslizam pelo chão enquanto ele me empurra para o quarto.

“Daniel?" A voz chama de novo, desta vez mais perto e ele rosna com os dentes cerrados. “Vai.”

Meus ombros se inclinam para a frente e eu me sinto como nada. Como absolutamente nada. Inútil, patética e uma coisa fraca a ser empurrada ao capricho de qualquer um.

“Não faça isso de novo, Aria. Você é mais esperta do que isso," ele me diz antes de virar as costas para mim e andar rapidamente para o outro lado da cozinha.

Suas palavras me entorpecem por um momento, embora meus pés se movam por vontade própria.

Eu deveria ser mais esperta do que isso. Talvez eu costumava ser, mas uma mistura de desespero e a sensação de cair em um abismo escuro é tudo que eu posso ver mais... essa mistura é mortal para qualquer semelhança de inteligência que eu tenho.

Minhas mãos tremem e eu luto para respirar, mas tento lembrar as palavras de Carter do que parece que foi há muito tempo. Tento lembrar o que ele disse que me fez sentir como se eu tivesse esperança. Eu tento e falho.

Não importa o que eles eram. Tudo é insignificante quando não há nada que você possa fazer para mudar seu destino.

E agora que eu fui tão idiota, ele vai me colocar de volta na cela.

Eu não deveria ter feito isso. Uma respiração pesada quase me sufoca. Eu preciso ouvir.

De olhos fechados, sussurro: “Daniel não vai contar a ele." Mas as palavras têm pouca piedade da minha dor, porque sei que não vou conseguir esconder isso de Carter. Ele me vê. Ele vê tudo de mim. E ele assiste tudo.

“O que diabos você fez?" Uma voz de mulher atravessa a cozinha com choque e preocupação, me assustando e

cortando meus pensamentos. O mais silenciosamente que eu posso, eu fujo para o lado da porta, então eu posso ouvir, mas não serei vista.

Eu não sabia que outra garota estava aqui. Mas a maneira como ela está conversando com Daniel torna óbvio que ela está com ele. Não é uma prisioneira dele. Ciúme e medo se misturam dentro de mim e não sei por que tenho tanto medo de ser vista por ela. Talvez o fio de vergonha quando eu aperto a porta seja suficiente.

“Eu estava bebendo e cortando merda e achei que seria legal jogar a faca." Eu ouço Daniel dar uma desculpa que não é crível. Mas a garota acredita nele.

“Você poderia ter se matado," ela o repreende, embora sua voz carregue um tom de descrença. A culpa penetra no meu sangue. E uma parte de mim sabe que é ridículo sentir pena de tentar me salvar. Mas assim é tudo isso.

Daniel ri. “De todas as maneiras de morrer, eu não acho que vai ser assim, Addison.” Eu posso ouvi-lo tomar uma bebida antes de dizer a ela: “Eu te dei uma cerveja.” Eu quase me afasto, mas as próximas palavras de Addison me mantêm plantada onde estou.

“Nós precisamos conversar." A severidade do tom dela é aguda.

“Não agora." Daniel fala com ela de forma diferente do que o jeito que ele fala comigo. Diferente do jeito que Carter fala comigo. Há uma ponta de conforto em sua voz e eu não esperava isso.

“É sempre agora não," ela responde. “Algo está acontecendo." Seu tom suaviza, implorando a ele. “Por que eu não posso sair?" Ela pergunta com desespero agarrada a cada palavra.

“É melhor estar segura," ele responde tão baixo que mal ouço. A vibração da curiosidade flui através de mim. Ela não pode sair também?

Um momento e outro, não consigo ver o que está acontecendo e me aproximo, esperando dar uma espiada antes que a conversa continue. Na esperança de ver essa mulher.

“Você não precisa saber," diz Daniel com firmeza e com isso eu rastejo na esquina para ver Daniel inclinando-se contra o fogão. Eu o vejo e uma linda garota da minha idade sacudindo a cabeça com tanta força que seu cabelo ondulado escuro cai sobre os ombros. Ela cobre o rosto enquanto ela engasga: “Você continua mentindo para mim." A dor é gravada em sua voz irregular.

Daniel faz uma tentativa fraca para envolvê-la em seus braços antes que ela o empurre para longe, sua bunda bate no fogão e ela sai da cozinha, voltando pelo caminho que veio. Pequenos sons dela chorando se arrastam atrás dela. Daniel abre uma grande gaveta que se funde com o armário e ele joga a garrafa de cerveja vazia no lixo, com uma dor miserável em sua expressão que rasga meu próprio coração.

Quando ele se vira para sair, eu volto mais para a cozinha, mas ele me ouve e espia por cima do ombro.

Não escondendo sua dor e depois me deixando na minha.

CARTER

EU CHEQUEI O QUARTO PRIMEIRO. O lado depravado de mim esperava que ela estivesse esperando por mim, já aquecendo minha cama.

Mas estava vazio.

A sala foi a próxima, depois de presumir que eu a veria desenhando no chão na frente da lareira como ela gosta de fazer.

Mas o fogo não estava queimando e a sala estava em silêncio.

Então a cozinha. A porra da cozinha vazia. Meus dentes rangem quando puxo o monitor de segurança e percorro as câmeras.

Meu pulso dispara e mal consigo ver direito enquanto o monitor pisca de um para o outro, cada um se mostrando inútil em mostrar onde está minha Aria.

Eu disse ela me esperasse na cozinha, na sala ou no quarto. Aqueles eram os únicos aposentos que ela tinha permissão para entrar, mas minha obediente Aria não está em nenhum canto deles.

Meu coração bate e minha temperatura aumenta.

Ela não fugiu.

Eu só saí por três horas. Tempo suficiente para dirigir até o clube para o encontro e depois voltar. Daniel estava a observando. Eu tenho que me lembrar que ela ainda está aqui em algum lugar enquanto as câmeras voltam para o começo.

“Porra!" Minha raiva toma o melhor de mim, mas quando corto a palavra e sinto a tensão em meus ombros e no peito subir, eu a vejo e a ouço ao mesmo tempo.

A adega no canto da cozinha passou na tela pela primeira vez em um borrão, mas lá está ela, no canto, de pernas cruzadas com uma garrafa no colo dela. E o doce som de seu zumbido percorre a cozinha.

Eu ando em silêncio até a porta rachada, apenas um raio de luz que brilha na cozinha.

Ouvindo a cadência de sua voz suave, seu zumbido sobe e uma palavra escapa, mas eu não reconheço a música. A melodia é sombria, um pouco melancólica.

Eu me aproximo, com cuidado para ficar quieto e escorregando pela porta quando uma garrafa bate contra o chão de ladrilhos, notavelmente vazia, a julgar pelo som oco.

Os cabelos escuros de Aria se afastam do rosto e do peito enquanto ela encosta a cabeça na parede, o nariz apontado para o teto enquanto ela cantarola um pouco mais alto.

É viciante, ouvir os sons doces. Sua voz sempre me cativou e suponho que sempre fará. O que salva você da escuridão é algo extraordinário.

“Esta não é a cozinha," eu digo e quebro sua melodia. As cores verde e âmbar se transformam em uma mistura mortal de medo em seu olhar enquanto ela ouve minhas palavras. Vejo sua garganta enquanto ela engole. Eu praticamente posso ouvir sua respiração tensa enquanto ela se acomoda em uma posição ajoelhada para me dizer: “Eu não sabia.”

Ela ainda não olha para mim quando ela fala. Às vezes, à noite, ela me espia. Mas ela não gosta de me olhar nos olhos.

Sua blusa de algodão está solta e folgada, me oferecendo um olhar para baixo da blusa, embora o cabelo dela esteja no caminho quando ela está pendurada na frente dela. Mesmo assim, vislumbro seus seios e o rosa pálido de seus mamilos. Meu pau endurece e eu sufoco um gemido.

“Eu pensei que esse lugar fazia parte da cozinha," ela diz e eu ouço a embriaguez em suas palavras. Seus cílios grossos tremulam enquanto permaneço de pé na porta da adega, em silêncio.

Eu espero que ela olhe para mim, e quando ela faz eu a mantenho cativa com o meu olhar. Antes nunca fez sentido para mim o porquê existe a expressão olhos de corça. Mas bem aqui, agora mesmo, eu entendo. É um olhar que você não pode quebrar. Um que faz uma pausa no tempo e te mantém parado. Isso é o que ela faz comigo neste momento com aquele olhar lindo.

“Eu juro que não percebi," ela suspira as palavras e lambe os lábios manchados de vinho.

“De uma cela para outra," eu digo a ela e meu pequeno passarinho morde o lábio inferior para abafar um sorriso. “Você acha isso engraçado?" Eu pergunto a ela como meus próprios lábios ameaçam se erguer.

“Eu preferiria essa," ela me diz quando um rubor de flerte se arrasta em suas bochechas. “Se você achar bom me colocar em uma cela novamente, a adega seria um pouco mais meu estilo.”

Um genuíno sorriso puxa meus lábios e eu me vejo caminhando em direção a ela e me agachando na frente de sua pequena e delicada estrutura. Embora ela pareça doce, envolvente mesmo, o nervosismo ainda está presente.

Eu quase pergunto a ela o que a levou a um humor tão agradável, mas a garrafa vazia de vinho e o copo quase vazio ao lado dela respondem à minha pergunta. Suas pupilas estão escuras e grandes, mas a beleza e o desejo por trás delas são atraentes.

“Você se divertiu enquanto eu estava fora?” Eu pergunto a ela enquanto toco sua bochecha, mas ao invés de inclinar-se para mim, ela se afasta e se move para sentar na bunda dela. Ela puxa as pernas para o peito.

Ela balança a cabeça uma vez, e a felicidade sai instantaneamente, esfriando o cômodo e meu sangue.

“Eu tenho algo que eu deveria lhe dizer," ela fala de joelhos com a cabeça enterrada neles, “mas Daniel disse que não." Algumas de suas palavras são arrastadas. E mesmo com a fofura de seu comportamento embriagado, sabendo que Daniel estava abrigando um segredo com ela rouba qualquer senso de humor de mim. “Mas eu deveria.”

“Sim," eu digo a ela enquanto me sento no chão na frente dela, “você deveria." Meu coração aperta enquanto eu me aproximo dela. Segredos não podem ser tolerados. Segredos destroem tudo o que tocam. E Daniel manteria um segredo de mim?

Ela coça atrás da orelha e olha para a porta antes de olhar para mim. Seus lábios se separam, mas então ela simplesmente os lambe, ainda tentando encontrar suas palavras. Eu posso ouvir a batida constante de seu coração no ritmo do meu.

“Diga-me, passarinho. Será muito útil para você se você não o fizer." Um vinco de tristeza marca sua testa e seus olhos escurecem de preocupação, mas a ameaça é necessária. E com isso vem sua confissão.

“Eu o cortei," ela diz rapidamente e depois limpa sua garganta. “Daniel. Eu levantei a faca e o ameacei para me deixar ir, mas eu não queria cortá-lo, eu juro.”

“Você quer me deixar?" Eu pergunto com desdém. A raiva veio tão facilmente hoje à noite, minhas emoções tirando o melhor de mim. E é por causa dela. É tudo por causa de Aria.

“Não, eu só..." Ela engole em seco e empurra o cabelo do rosto. “Eu não sei porquê, mas quando você me deixa... é diferente quando você não está comigo." Ela luta com suas palavras e eu espero um momento em silêncio para ela falar.

“Eu estava com raiva. Eu queria sair para contar ao meu pai." Ela não vê como meu corpo tenciona e raiva se insinua em minha expressão com sua confissão. Ela nunca vai me deixar. Nunca. E o pai dela pode queimar no inferno por tudo que eu me importo.

Rangendo os dentes, eu a deixei continuar.

“Ele veio falar comigo e eu tinha uma faca. Eu estava bêbada e estúpida. Ou talvez apenas bêbada? Eu sinto muito. Eu não quis dizer isso. Eu sou apenas uma bagunça e eu não sei o que é certo ou o que eu deveria fazer e eu...” Ela para sua respiração e palavras caóticas na melhor das hipóteses.

Daniel realmente foi tão suave que ele iria deixá-la ameaçá-lo? A sensação de decepção em ambos é misturada, mas muito mais forte com Aria. Ela queria ir embora. Eu tenho que resistir a cada impulso de jogá-la de volta na cela e mantê-la onde ela não tem uma chance de fuga.

É apenas a tristeza genuína em seus olhos que entorpece a raiva e traz a curiosidade que senti quando a vi pela primeira vez pelos monitores.

Leva um momento de respiração pesada e silêncio entre nós para eu perceber que é minha culpa. Ela não estava pronta para ser deixada nas mãos de outra pessoa. Eu deveria ter sabido melhor. Mas as coisas vão mudar rapidamente. Eu aceno com a cabeça, embora meu olhar permaneça em Aria. Em breve.

“Ele deixou você cortá-lo com uma faca?" Eu pergunto a ela, percebendo o quão imprudente Daniel deve ter sido.

É porque ela não tem medo dele. O medo muda tudo.

“Só um pouco," ela responde em uma voz mansa enquanto levanta os olhos lindos até os meus e eu acho engraçado. Com um sorriso gentil traçando meus lábios, eu esclareci: “Você o cortou... mas só um pouco?”

Ela se atreve a deixar um meio sorriso aparecer, mas desaparece rapidamente. “Eu me sinto horrível por fazer isso.”

“Você teria matado meu irmão?" Eu pergunto distraidamente, fazendo uma anotação mental para assistir as fitas dela enquanto eu estava fora.

“Não, mas sei que você mataria o meu." Suas palavras são um poço de tristeza, mas também de aceitação.

“Você não tem irmão," digo a ela como se sua declaração fosse irrelevante, mas ela está certa. Não há limites para o que eu fiz e o que estou prestes a fazer. Há misericórdia para ela, mas não para mais ninguém.

“Você realmente tentou me deixar?" Um espinho perfura através do meu peito enquanto eu expresso em voz alta. Mais cedo, eu estava mais preocupado que ela compartilhasse um segredo com Daniel. Mas o fato é que ela tentou fugir. Que ela queria me deixar e estava disposta a matar para fazer isso.

“Foi uma tentativa horrível," ela me diz como se fosse melhor. E uma parte de mim suaviza com a resposta dela. “Eu sinto muito. Me desculpe por tudo isso. Acho que estou ficando louca," as palavras dela saem ofegantes quando ela afunda a cabeça para se encostar na parede. “Você me deixou louca, Carter. Tudo que eu sou é uma desculpa. É tudo o que sei ser agora.”

Com a mão segurando o queixo dela, espero que ela olhe para mim com olhos vidrados à beira das lágrimas. “Não passarinho. Tudo o que você é... é minha.”

“Sim," ela diz simplesmente. O reconhecimento me dando uma corrida mais forte do que eu já senti.

Minha cabeça acena sozinha. “Eu não achava que você ousaria ser tão ousada enquanto eu estivesse fora.”

“Eu sinto muito." O medo traça seu sussurro.

“Eu não queria puni-la hoje à noite de todas as noites," digo a ela, deixando meus dedos correrem ao longo do colar que ela usa, “eu tinha planos diferentes em mente." Meu pau já está duro, já que considero o que fazer com ela. “Mas você tentou me deixar e não há maior pecado do que esse.”

“Por favor," ela choraminga enquanto eu a silencio. “Eu não quero voltar." Ela não se encolhe com o meu toque. Ela dá as boas-vindas quando eu descanso uma mão no ombro nu dela, meus dedos deslizando sob o tecido de sua camisa. Seus olhos castanhos fascinantes olham para os meus e me implorando.

“Eu não te disse que sua próxima desobediência a levaria a cela?" Eu a lembro com uma pergunta e o rosto dela se contrai. Ela avança em minha direção, com as duas mãos nas minhas coxas enquanto me implora: “Por favor.” Seus dedos deslizam pelo tecido caro da minha calça quando ela rasteja

entre as minhas pernas, implorando perdão. Como eu sonhei com ela assim. Bem assim.

“O que você faria para ficar comigo?" Eu pergunto a ela, querendo dar a ela a misericórdia que ela implora. Eu nunca senti isso tão fortemente antes.

Seu peito sobe e cai pesadamente. “Qualquer coisa," ela me responde rapidamente com desespero.

“Não ficar fora da cela, mas ficar na minha cama. Há uma diferença, Aria.”

Sua expressão cai e ela luta para expressar o que está pensando. O medo penetra no meu interior quando ela não responde, mas com aquela voz suave dela, isso me deixa de uma vez.

Seus dedos passam pelo colar quando ela diz: “É só quando você vai embora que eu me lembro.”

“O que você quer dizer?”

Sua voz vacila enquanto tenta explicar. “Eu não quero que você me foda. É mais difícil para mim quando você faz.”

“Eu perguntei o que você faria...”

“E eu disse qualquer coisa," ela me corta e eu posso sentir minha sobrancelha franzir enquanto olho sobre cada centímetro de sua expressão para avaliar sua sinceridade. “Quando você está comigo, sei que não posso sair e não quero nem tentar. Mas quando você se vai... é mais difícil. Então, eu não quero te deixar. Eu não quero que você me deixe.”

Ela é uma sereia. Eu vejo isso tão claramente. É sua beleza, sua força quebrada, sua negação e sua aceitação. Tudo vai para mim e eu farei qualquer coisa eu posso

envolver meu aperto mais forte ao redor do meu passarinho enquanto ela canta lindas canções de ninar.

“Amanhã à noite, você vem jantar comigo. Ajoelhando-se ao meu lado. Você vai obedecer. Você vai se sentar ao meu lado, orgulhosa de ser minha.” Ela acena com a cabeça como se estivesse aceitando um castigo, mas isso é muito mais do que qualquer coisa. “Você vai fazer o que eu digo. Toda merda que eu te digo para fazer.” Eu enfatizo cada palavra, meu dedo subindo e descendo pela garganta dela. “Na frente da minha família e convidados, você vai mostrar o quanto você está disposta a me obedecer.”

“Sim, Carter.”

A maneira como a respiração dela pega e ela engole a ânsia de aceitar a punição, quase me faz sentir culpado pelo que digo em seguida. Quase. “E hoje à noite, você vai dormir na cela por se atrever a aproveitar a liberdade que eu te dei.”

“Sim, Carter," ela responde, embora suas palavras quebrem e seus olhos se fechem em agonia. Seus cílios grossos tremem, quando ela abre os olhos novamente e ela olha profundamente nos meus, esperando por mais. O poço profundo da solidão já está se instalando em seu olhar. O olhar de tristeza é algo que eu já vi antes, mas, nos olhos dela, parece tão bonito.

“Você vai ficar lá até que eu sinta que você aprendeu sua lição.”

Ela balança a cabeça e enxuga a lágrima sob o olho direito, mas obedientemente responde: “Sim, Carter.”

Minha própria respiração acelera com o pensamento de tê-la para mim antes de mandá-la embora. “Quanto a agora, você vai deitar em meu colo, sentindo meu pau duro cavar em sua barriga enquanto eu te castigo, espancando sua bunda e

brincando com sua boceta até que eu sinta que você pagou o suficiente pela ofensa de tentar me deixar.”

“Eu vou," ela diz baixinho e levanta a cabeça para encontrar o meu olhar. Quando seus olhos encontram os meus, ela concorda com a cabeça. “Eu vou," ela repete sem fôlego.

O comando cai instantaneamente de mim. “Diga-me que sua boceta é minha para brincar.”

“Minha boceta é sua para brincar." E sua obediência cai de seus lábios da mesma forma.

“E sua bunda?" Eu aponto.

“É sua." Não há hesitação em sua voz.

“E esses lábios?" Eu a questiono em uma voz profunda com desejo enquanto meu polegar traça seus lábios carnudos.

“Tudo o que você gostaria de fazer com eles," ela sussurra contra o meu toque.

“Levante o seu vestido e deite-se aqui," digo-lhe enquanto me sento no chão da adega, também estou ansioso para ter minhas mãos nela para nos levar para a cela.

Seus movimentos são apressados e imprudentes quando ela puxa o vestido de algodão e se move para o meu colo. Seus quadris estão equilibrados na minha coxa direita, mas eu movo sua bunda para o centro, forçando-a a gritar enquanto ela tenta se apoiar com as mãos.

“De costas," eu ordeno, e leva um momento. O cabelo dela está em todo lugar, mas eu escorrego sobre um ombro, tomando meu tempo para juntá-lo antes de pegar os dois pulsos dela em uma das minhas mãos. Meus dedos deslizam facilmente por sua calcinha, o tecido de renda quase

rasgando, mas eu tenho cuidado com isso, deixando meu toque emitir arrepios fluindo sobre cada centímetro de sua pele.

Ela geme um pouco, já desfrutando de sua punição. Mas eu vou aproveitar mais.

Com minha mão esfregando um círculo em sua bochecha, eu digo a ela: “Eu acho que você se comporta mal para que eu possa puni-la.”

Ela balança a cabeça, contorcendo-se no meu colo e fazendo seu cabelo se mover ligeiramente. “Eu não quero incomodar você." Suas palavras são suaves e tristes, mas seus gemidos não falam nada além do prazer.

O primeiro tapa é leve e seguido pelo meu aperto na bunda dela e, em seguida, batendo na outra face com mais força. O corpo dela resiste, mas eu nem sequer fico ofegante.

Inclinando-me para a esquerda, vejo os olhos dela fecharem-se com força e os dentes dela se enterrando no lábio inferior. Eu deslizo meus dedos para sua boceta, e meu pau dói com a dor de querer estar dentro dela.

“Tão apertada," eu digo a ela com reverência no meu tom e depois balanço-a, para que ela possa sentir meu pau.

Ela apenas geme e espera por mais, mas seus dentes mordem levemente enquanto eu tomo meu tempo com ela.

“Quantos você acha, minha Aria?" Eu pergunto a ela e, assim que os lábios dela se separam, minha mão puxa para trás e eu bato sua bunda com a mão aberta que deixa minha pele ardendo de dor. Ela grita, jogando a cabeça para trás enquanto a dor e o prazer se misturam e meus dedos voltam para sua boceta.

“Eu perguntei quantos?" Minha voz é calma, mas mortal. Por dentro estou ardendo com calor em uma necessidade desesperada.

“Quantos..." Ela começa a me responder, e eu bato na outra bochecha ainda mais forte que a anterior, forçando lágrimas aos seus olhos. A dor doce passa da palma da minha mão pelo meu braço. Agarrando sua pele avermelhada, espero que ela responda, mas com os olhos lacrimejantes e a respiração tomada dela, tudo o que ela faz é separar os lábios para respirar.

“Responda-me, Aria." Antes das minhas palavras terminarem, ela diz o mais rápido que pode. “Quantos você quiser.”

Uma batida passa onde ela descansa a cabeça para sugar uma respiração. Outra batida passa onde eu puxo minha mão para longe de sua pele e assisto enquanto ela fica no meu colo.

A rápida sucessão da minha mão batendo em sua pele macia uma e outra vez até que meu braço está gritando de dor e minha mão se sente quase dormente passa em um redemoinho.

Seus gritos ficam mais altos quando ela luta comigo no meu colo, naturalmente querendo se afastar de mim. Eu quase perco o aperto em seus pulsos, mas consigo mantê-la estável e onde preciso que ela esteja, para que eu possa cumprir sua punição.

Sua bunda está vermelha brilhante e minha pele zumbe com uma picada deliciosa no momento em que deslizo meus dedos de volta para sua boceta molhada encharcada. Seu corpo estremece e ela grita de dor que se transforma em um gemido pecaminoso.

Mais e mais eu a espanco violentamente, a parte inferior de sua bunda, a bochecha direita, a esquerda... e depois sua vagina. Minha mão está molhada com sua excitação enquanto ela treme debaixo de mim.

Meus dedos mergulham em sua vagina com cada tapa, dando a ela apenas um pouco de penetração. A intensidade da provocação dobra suas costas ainda mais e seu desejo cheio olha para mim com seus gemidos estrangulados de prazer e dor ecoando pelas paredes do porão.

“Boa menina.” Eu a elogio e vejo enquanto ela olha para mim com um olhar pensativo em seus olhos e suas bochechas manchadas de lágrimas.

“Hoje à noite, vou transar com você no colchão do chão como se eu estivesse no momento em que pus minhas mãos em você.”

Sua boceta aperta em volta dos meus dedos e eu a recompensei empurrando-os mais profundamente e acariciando sua parede da frente.

Suas costas se arqueiam e eu tenho que empurrar seu ombro para baixo para mantê-la exatamente onde eu a quero enquanto afasto meu toque dela, a fim de deixá-la querendo. Seu pequeno gemido de frustração é recebido com outro tapa da minha mão em sua pele vermelha brilhante. Smack!

Sua cabeça voa para trás e aqueles lindos lábios dela se separam um profundo suspiro de saudade. Não é mais dor. Ela está muito perto da borda do prazer para sentir qualquer coisa, mas não.

Acalmando a dor do tapa com a minha mão, eu esfrego sua bochecha direita e depois puxo de volta para mais uma batida.

“Você teria aprendido mais cedo se eu tivesse sido mais áspero com você, não é?”

Ela geme sua resposta com os olhos fechados e seu corpo ainda, sabendo que outro golpe de punição está chegando. “Sim, Carter.”

Ela é uma falta de sinceridade. Ela me contava o que eu queria ouvir agora, enquanto ela fica na beira do prazer e da dor.

Os dias voltam para mim. Cada um deles e o que eu planejei fazer com ela está em um contraste tão grande com o que eu fiz. Eu deixei os dedos da minha mão direita traçarem sobre sua bunda, minhas unhas ásperas raspando suavemente ao longo de sua pele para fazê-la se contorcer no meu colo. Minha mão esquerda agarra sua garganta, finalmente liberando seus pulsos, e eu puxo para trás, forçando-a olhar para mim.

Seus olhos cor de avelã estão cheios de desejo e luxúria. A neblina é um nevoeiro na floresta. Incapaz de ver, mas tentando a seguir em frente.

“Eu deveria tê-la fodido muito mais cedo.”

Eu lembro daquele primeiro dia, como ela gritou e chorou por mim para deixá-la ir, quando eu a odiava e ela me odiava.

Mesmo com meu aperto firme em sua garganta, com o meu toque enviando faíscas através de seu corpo, ela força a cabeça a tremer, não tirando os olhos dos meus.

“Não," ela sussurra, e meu pau endureceu ainda mais, implorando-me para puni-la por se atrever a me desafiar. Mas então ela acrescenta: “É assim que deveria ser.”

Sua respiração está pesada quando ela fecha os olhos, seu corpo se curva no meu colo. Ela está completamente à

minha mercê e seus lábios carnudos estão lá para serem tomados.

Tudo dela. Cada pedaço dela é meu e ela sabe disso.

Minha.

ARIA

ONTEM ESTAVA EU, CHEIA DE ARREPENDIMENTO.

No momento em que vi Carter novamente, gostaria de ter recuperado aquelas horas em que ele saiu.

Ele sempre mantém sua palavra. E fiel à forma, ele me levou de volta para a cela e me fodeu no colchão. Talvez fosse a embriaguez, talvez fosse outra coisa, mas o medo da cela estava ausente e, em vez disso, fiz tudo que podia para agradá-lo. Meu corpo me implorou para fazer isso.

Não porque eu senti a necessidade de obedecer.

Eu queria que ele me beijasse.

Eu precisava dele. E toda vez que seus lábios percorriam meu pescoço, tentei capturá-los. Tentei e falhei. Ele sabe que eu o quero. Um arrepio percorre meu corpo com o pensamento e se depara com a dor entre as minhas coxas.

Ele me fodeu até que eu não podia mais me mexer e mesmo quando eu estava deitada na minha barriga no colchão, incapaz de segurar nele, incapaz de manter minhas costas arqueadas como ele me ordenou. Mesmo assim, ele se esgueirou atrás de mim, entrando em mim e me dando uma merda de punição.

Ontem à noite eu era sua prostituta. Ele puxou meu cabelo em seu punho e puxei de volta para que ele pudesse rastelar seus dentes ao longo do meu pescoço e forçar meu corpo como ele queria.

E eu não queria mais nada.

A realização deveria me assustar mais, mas em vez disso, tudo que eu posso pensar é que ele sabe que eu quero que ele me beije, e ainda assim ele não me beijou.

É diferente quando ele está comigo. A segurança que tenho com ele é tudo.

Uma parte sensata de mim sabe que não é saudável e que eu deveria continuar lutando, mas a parte sã é a única parte de mim que é mantida cativa nesta realidade. Se apenas eu deixar ir, me sinto livre.

Livre o suficiente para me sentir segura para outro dia.

Livre o suficiente para saber que o que acontecer na guerra vai acontecer, independentemente de eu estar aqui ou não.

Livre o suficiente para vestir o vestido que o Carter me deu e ficar olhando a imagem de uma linda mulher no espelho. Aquela que eu invejo. Eu não acredito que sou eu.

Com o cabelo alisado e cortado ao lado, o pouco de maquiagem adicionando uma definição de beleza à minha pele de porcelana, eu me sinto muito como uma ave que canta melodias suaves de esperança, com as asas presas em uma gaiola dourada.

Meus dedos pastam sobre o laço delicado e meus olhos se fecham, lembrando da noite passada.

O hematoma na minha bunda envia um lembrete da dor através de mim enquanto eu aliso o laço macio de minhas curvas. A sensação está diretamente ligada ao meu clitóris e instantaneamente o meu corpo implora por mais. Para eu colocar uma onda de pressão contra o hematoma.

Uma respiração suave me deixa, uma querida, e quando eu abro meus olhos, Carter está em pé em frente à mim.

Meu coração bate e depois faz um trote suave. Como se estivesse galopando em direção a ele, embora ele seja o único andando em minha direção.

Cada passo é deliberado, mas com uma suavidade que nunca vi dele e capta cada pedacinho dos meus pensamentos.

“Você está linda, passarinho," diz ele, e sua voz é como veludo quando ele me rodeia. Seus passos ecoam no quarto enquanto ele anda meio círculo e para nas minhas costas.

Eu posso ouvir sua respiração engasgar quando ele puxa a renda, deslizando-a até o meu traseiro e enviando um arrepio emocionante para o meu corpo. As pontas dos dedos dele trilham tão gentilmente ao longo das marcas. “Linda," ele observa antes de escondê-las sob o laço mais uma vez.

“Obrigada," eu me atrevo a sussurrar, encontrando seu olhar enquanto ele caminha para ficar na minha frente. Meus dedos escorregam para a bainha do vestido, brincando com ele para esconder a ansiedade de querer tocá-lo como ele acabou de me tocar. Eu não tenho permissão para hoje. Quando ele abriu a porta da cela, ele me disse que se eu obedecesse a cada desejo dele hoje, nunca mais veria a cela.

Um dia, e as regras do jogo mudam para sempre.

Um milhão de pensamentos estão espalhados pela minha mente, mas apenas um deles me prende.

“Eu vou ficar bem esta noite," digo a ele com uma voz que não reconheço. Uma de obediência, mas também força. “Eu não vou decepcionar você." A minha antiga eu cortaria minha garganta antes de se deixar ouvir essas palavras. Há apenas um leve sinal de dor no meu coração ao perceber.

A versão anterior de mim era tola.

Esta minha versão vai sobreviver. E essa versão tem a audácia de admitir que gosta disso. Cada porra disso. Ser desejada por um homem tão poderoso que quer para nada é um sentimento inebriante.

“Aria," Carter diz meu nome de uma forma que faz o medo florescer no fundo do meu intestino. “Você vai querer me desafiar," ele me diz, e a preocupação brilha no meu rosto. Eu posso sentir isso puxando meus lábios enquanto seca minha garganta. Ele espreita em um círculo ao meu redor, ocasionalmente pegando a renda do vestido. Elas são as gaiolas. Cada uma das peças de renda é uma gaiola. E nunca houve um vestido que assedie meu corpo tão lindamente quanto este aqui.

“Você pode até me odiar," diz ele em uma cadência puramente sedutora. Sua respiração quente faz cócegas na pele nua do meu pescoço enquanto ele sussurra no meu ouvido: “Mas você vai me obedecer.”

Eu aceno com a cabeça e, em seguida, falo: "Sim, Carter.” Está tão silencioso na sala com nenhum de nós falando, se movendo ou mesmo se atrevendo a respirar. É tão silencioso que juro que a própria escuridão poderia sussurrar e eu ouviria sua língua ameaçadora.

“Seu colar combina perfeitamente com este vestido," diz Carter em voz alta, embora eu não ache que as palavras foram ditas para mim.

Distraidamente, eu rolo uma das pérolas entre meus dedos e então sinto a corrente fina deslizar sob o meu polegar enquanto ele se move para a lágrima de diamante. Parece mais pesado hoje à noite. Tudo parece mais pesado quando Carter olha para mim como ele está agora.

Com olhos escuros que me prendem no lugar e me mantêm imóvel, exatamente onde ele me quer. É uma coisa

boba, como o mesmo olhar que uma vez causou medo para ondular através do meu corpo agora só aquece o meu núcleo e me implora para dobrar os joelhos para ele.

“Obrigada...”

Carter coloca um dedo contra meus lábios, me silenciando. O pequeno toque é viciante e a tensão do jantar hoje à noite amplifica.

“Lembre-se do que eu te disse ontem à noite." Ele fala enquanto brinca com o colar, segurando o grande diamante e levantando o peso de mim. “Você vai se ajoelhar ao meu lado, e você vai obedecer a cada comando.”

Instantaneamente meu corpo se aquece. Eu me preocupo com o lábio inferior entre os dentes, querendo fazer tantas perguntas, mas já sei que ele não vai responder. Há apenas uma coisa para dizer. “Sim, Carter.”

Um momento passa, seus olhos procurando o meu olhar por algo e mal posso respirar.

“Depois desta noite, ninguém vai questionar que você é minha." Seus olhos escurecem e as manchas de ouro que estão enterrados sob o carvão lá se transformam em fogo. Um fogo que acende o meu e acalma as preocupações.

“Venha comigo," ele me comanda quando ele pega a minha mão.

CARTER

MINHA CAMINHADA É calma e constante, mesmo quando Aria congela.

O sorriso arrogante fica estampado nos meus lábios, mesmo quando o enjoo se agita no meu intestino.

Cada pedaço do meu corpo está gritando para agir, mas isso é para ela. É tudo para ela.

“Venha," eu comando Aria enquanto ela olha para frente na entrada da sala de jantar. Seu peito sobe em câmera lenta enquanto seus lábios se partem com a sugestão de uma respiração instável. “Aria," eu digo, e seu nome escapa de mim como uma advertência, “eu disse venha.” A demanda está aí, mas o olhar que ela me dá de volta é de desafio e traição. Há tanto ódio nos olhos verdes escuros e âmbares que eu quase lamento isso.

Mas ela precisa disso. Esse ódio por mim não estará lá por muito tempo.

O barulho compartilhado de risadas profundas de Stephan e Romano é o único som na grande sala quando a veem. Com as cortinas de veludo vermelho-sangue fechadas com força, a única luz da sala brilha dos cristais espalhados no lustre.

O cheiro de carne de boi, no centro da mesa, nos cumprimenta quando entramos no quarto. A luz brilha da faca do açougueiro ao lado dela.

A caminhada de Aria é hesitante, mas ela me obedece, mesmo que haja lágrimas em seus olhos.

“Eu estava começando a pensar que teria que vir e pegar você," diz Jase quando eu pego a mão de Aria na minha e faço um movimento para ela se ajoelhar ao lado da minha cadeira em frente a Stephan. A palma da sua mão é pegajosa, e ela aperta firme enquanto ela abaixa ela mesma no chão. A dor que sinto por ela não é nada comparada com o que ela terá em apenas alguns momentos.

Tão depressa quanto pode, ela arranca a mão da minha. E novamente, o riso dos dois convidados ecoa pelas paredes.

“Ainda tão desafiadora." Os olhos de Romano brilham, mas eu o ignoro, tomando meu lugar.

Eu odeio isso no momento em que não posso manter minha mão na dela, mas logo a terei novamente.

“Não precisa," digo a Jase, encontrando seu olhar e forçando um sorriso em meus lábios que cresce quando volto minha atenção para Stephan, acenando uma saudação e depois me volto para Romano. “Obrigado por terem vindo, cavalheiros.”

“O prazer é todo meu," diz Stephan ao mesmo tempo em que Romano acena com a cabeça, o sorriso fino crescendo em seus lábios e se tornando perverso.

“É uma delícia ver que você gostou do nosso presente.”

A raiva queima no fundo do meu peito com a lembrança dele tendo suas mãos nela apenas algumas semanas atrás, mas fica onde está quando eu devolvo seu sorriso, colocando minha mão atrás da cabeça de Aria. Ela continua rígida, não se inclinando para o meu toque, o que apenas acende o fogo dentro de mim. Mas terei paciência, mesmo que ela me teste.

“Eu gostaria de poder vê-la melhor," diz Stephan, sentando-se em seu assento por um momento e fazendo uma cara cômica. Jase dá-lhe um pouco de riso, tenho certeza porque ele sabe o que está por vir. Ele vai gostar disso, mas não tanto quanto eu vou.

“Nenhum senso de humor?" Stephan fala com Daniel e depois olha para Declan, ambos quietos. São apenas os sete de nós na sala, embora a cozinha está cheia com o som dos pratos sendo lavados. E os homens esperando meu pedido.

“Eu sei algumas piadas," diz Daniel ironicamente, mas depois ele pega a bebida e deixa as palavras não ditas penduradas no ar. Os ombros de Romano endurecem e um olhar duro encontra seus olhos.

“Venha até aqui, Aria," eu digo e dou um tapinha no meu colo e, em seguida, olho para Stephan. “Eu gostaria que nossos convidados

vissem você melhor.”

Do canto do meu olho, vejo a tensão de Romano ser aliviada. A sala está silenciosa, tão silenciosa que eu posso ouvir meu passarinho engolir enquanto ela se levanta em pernas fracas. Eu sou rápido para puxar ela no meu colo, pressionando minha mão contra sua bunda e lembrando-a da noite passada. Seus olhos se arregalam e ela engasga, emocionando os homens que ela não ousa olhar.

“Desculpe-a," falo com ninguém em particular. “Ela não está acostumada com companhia.”

Com todos os olhos nela, eu a coloco exatamente como eu gostaria dela, aninhando sua bunda em minha virilha e envolvendo meu braço em volta de sua cintura. “Relaxe," eu sussurro em seu ouvido, sabendo muito bem que os outros homens podem me ouvir. Seu cabelo faz cócegas no meu queixo e ombro enquanto eu o movo de um lado das costas para o outro para que eu possa expor seu pescoço.

“Você não pode dizer olá para um velho amigo?" Stephan pergunta.

“Se bem me lembro, ela gosta mais de implorar.” O comentário de Romano não passa despercebido.

“Ela está um pouco assustada," eu digo antes de beijar a curva de seu pescoço e sentir seu corpo relaxar pela primeira vez, embora eu saiba que o momento vai acabar antes que eu queira.

“Um dos muitos Talverys que irão cair de joelhos," Stephan se regozija e levanta o copo para brindar, mas eu não retribuo.

“Eu pensei que ela não iria, mas ela me traiu ontem à noite," eu digo a eles e pego uma taça de água.

“Traiu?" A voz de Romano é baixa.

Eu aceno e olho para ver como meus irmãos reagem às minhas palavras.

“Eu pensei que ela estava indo bem?" Jase comenta e se inclina para frente em seu assento para olhar para Aria, seu olhar que a

comanda a olhar para ele, o que ela faz, mas apenas por um momento. Sua cabeça está erguida, mas seu olhar vítreo olha para o nada.

“Ela tentou matar Daniel," digo a Jase e ele me lança um olhar de choque, mas depois se vira para Daniel, que está sorrindo.

“Matar você?" Ele pergunta a Daniel.

“Como se ela pudesse," diz ele, inclinando-se em seu assento. Aria se esforça para respirar quando falamos dela na sua frente como se a presença dela fosse uma piada sem sentido. Mas tudo tem um propósito.

“Foi apenas uma faca." Daniel olha para mim enquanto responde, e eu alcanço o que está na minha frente.

“Essa?" Eu pergunto a ele, e Aria balança para frente um momento, sua capacidade de permanecer forte sendo questionada. Quando eu olho para ela, seus olhos estão bem fechados. “Olhe para mim, Aria." Minhas palavras são deixadas na minha língua.

Imediatamente, seus olhos se abrem e uma dispersão de lágrimas reveste seus cílios. Em vez de limpá-las, levanto a faca e pergunto: “Essa aqui?”

Ela balança a cabeça suavemente. “Não," diz ela, a palavra um mero sussurro. Eu posso sentir o bater do coração dela.

“Pegue-a," eu exijo enquanto pego sua mão e coloco sobre a alça da faca. “Você gostaria de usá-la agora?" Eu pergunto a ela.

“Não," ela diz e sua voz treme, mas novamente ela balança a cabeça e me responde. “Que tal em mim?" Eu ofereço a ela."Você gostaria de cortar minha garganta, Aria?”

“Não." Sua resposta é uma respiração quase falada e seu aperto na faca solta.

“Eu disse a Daniel esta manhã," começo, dirigindo-me a Romano à minha direita e dando-lhe toda a minha atenção, “que foi culpa dele. Ela não tinha medo dele e do que ele faria com ela.”

Romano me considera, com a sobrancelha levantada e os lábios se franzindo antes de concordar com a cabeça. “O medo é poderoso.”

“Eu escolho outras táticas," Daniel fala e depois olha para Aria, acrescentando: “Eu a deixei fazer o que ela achava que precisava, para que ela pudesse pelo menos sentir que tentou.” Sua voz é neutra, desprovida da empatia. “Eu sei que ela tem medo de Carter. É tudo um show. Essa é a diferença real entre nós.” Daniel gosta de se esconder atrás de uma imagem.

Eu sou a imagem do que deve ser temido. Existe em meu ser e não há como esconder isso.

“Você se lembra de mim, Aria?" Stephan ousa perguntar a ela, inclinando-se sobre a mesa para estar mais perto dela que ele pode.

“Oh, ela faz," eu respondo por ela enquanto ela se esforça para responder. “Minha pobre Aria, eu sei que isso é difícil para você," eu digo e a abraço com mais força, embora ela esteja rígida fazendo o seu melhor para ficar sentada no meu colo.

“Eu imagino que sim," diz Stephan e acrescenta: “Ela cresceu para ser tão bonita quanto sua mãe.”

Meu sangue canta com raiva e vingança, e é um sentimento que eu adoro. Um sorriso aparece nos meus lábios enquanto confio nele: “Ela canta para mim, mas a lembrança de você é forte o suficiente para pará-lo.” Eu me volto para Aria, deixando meu dedo trilhar por cima do ombro para deslizar uma mecha de cabelo para suas costas e depois me volto para Stephan. “Eu não posso ter isso.”

Confusão marca seu rosto por um momento e deixei passar o tempo por um momento em silêncio mortal.

“Eu poderia dar-lhe uma memória diferente para segurar," sugere Stephan e a risada que rasteja de Romano faz meu intestino ficar apertado com a tensão.

“Eu não acredito que Carter goste de compartilhar,” Romano comenta, mas eu levanto a minha mão para pará-lo, falando apenas com Stephan.

“Eu acredito que ela precisa de uma memória diferente. Estou cansado de ouví-la chorar durante o sono." Enquanto eu falo, a expressão de Aria se contrai e eu a puxo para mais perto de mim, forçando-a de volta ao meu peito e sussurro em seu ouvido: “Devo deixar Stephan foder você?" Eu não os deixo ver a raiva, o ódio, a dor profunda de assistir meu passarinho reviver as memórias na frente de seu atormentador. Eles não podem ver ainda, mas eles sofrerão. Eu juro que eles vão pagar.

No fundo do meu núcleo, eu tenho o medo de quebrar Aria, de empurrá-la com muita força, mas ela precisa disso.

“Carter," adverte Jase, e eu apenas atiro a ele um olhar de desprezo. Para que isso ocorra conforme o planejado, Romano é a testemunha importante. Sua percepção é a única que importa.

Aria quebra com a mera pergunta, sua realidade novamente falhando com ela. Cada pedaço dela se despedaça com a esperança desaparecendo de sua própria existência. É então que eu sei que realmente a quebrei e os belos fragmentos do que costumava ser Aria Talvery podem preencher a fenda da minha alma que ela quebrou há muito tempo. E eu posso usar essas peças como eu gostaria. Criando perfeição nela a partir do que foi quebrado.

Enquanto ela ofega uma resposta, um pedido de seus lábios que só eu posso ouvir, eu a puxo com mais força para mim, sentindo seu calor e seu pequeno corpo pressionado firmemente contra o meu. A faca ainda está na mão dela, embora fracamente segura.

“Você ainda tem a faca, Aria," eu a lembro. “Gostaria de me cortar agora?" Enquanto eu faço a pergunta, seus olhos cor de avelã me atingem com toda a dor que ela sente neste momento. “Por que você está fazendo isso comigo?" Ela pergunta, sua pequena voz revelando sua agonia.

Eu deixei meus dedos deslizarem em seu vestido enquanto Romano diz algo que eu não me importo de ouvir.

Deixando meus lábios rastrearem a parte de trás do seu pescoço, eu sussurro apenas para ela. “Você acha que eu o deixaria te foder?" Eu pergunto a ela e pressiono meus dedos em seu clitóris, forçando-a a empurrar para trás e sentir meu pau em sua bunda machucada,

pensando no que está por vir. “Que eu o deixaria até imaginar tomar o que é meu?" O chiado da minha voz percorre toda a sala de jantar, mas tenho certeza de que ninguém poderia saber ao certo o que eu perguntei a ela.

Seus olhos, ainda brilhando com lágrimas não derramadas, finalmente encontram os meus e olham para mim enquanto ela sussurra: “Não.”

Um sorriso ameaça puxar meus lábios e eu deixo enquanto Romano e Stephan batem suas línguas em desaprovação, como se eles tivessem algum controle sobre ela. Como se eles soubessem o que está por vir.

Eu a balanço no meu colo novamente e o doce suspiro que separa seus lábios traz uma luz para seus olhos. Uma luz que eu dei a ela. Só eu.

Trazendo meus lábios na concha de sua orelha, eu sussurro: “Você acha que eu *deixaria*," eu enfatizo a palavra, “ele te tocar?” Enquanto a protejo, o comportamento de meus convidados muda.

“Não," diz ela com a força da realização. Minha doce menina. Observo a respiração dela se acalmar e ela olha para Stephan e Romano antes de olhar para mim e me responder novamente, com a cabeça tremendo e deixando aquelas mechas brincarem em torno de seus ombros nus. “Não," ela repete suavemente.

“Ela é bastante ousada, você não acha?" Romano pergunta a Jase, que não responde a ele.

“Eu amo o quão forte ela é," eu digo em voz alta, ignorando os comentários de Stephan no final da mesa por um momento antes de acrescentar: “Sua vontade foi difícil de quebrar, mas valeu a pena.”

Declan fala, cansado do show, eu acho. Ele não tem paciência e afirma enfaticamente: “O jantar está ficando frio.”

“Claro." Eu me inclino de volta no meu assento e coloco minha mão contra o estômago de Aria para empurrar seu pequeno corpo contra o meu. “Você gostaria de cortar a carne, Aria?” Eu pergunto a ela e olho para trás para a cozinha. “Traga os pratos em apenas um

momento," eu chamo e vejo o olhar de Romano. “Este chef é de morrer.”

“Eu mal posso esperar," diz ele em voz baixa.

“Aria," digo a eles, “cortará o Wellington e nos servirá, eu acho." Um meio sorriso aparece nos cantos dos meus lábios enquanto Romano sorri.

“Eu não esperava isso de você," ele me diz, e eu franzi uma sobrancelha para entender o que ele quis dizer. “Eu não acho que você tenha gostado disso tanto quanto parece.”

Meu sorriso se alarga. “Você não tem ideia do quanto eu aproveito isso.” Esta noite, meu passarinho vai mudar para sempre. E eu sou o único que vai dar a ela. Ela nunca mais terá medo de ninguém além de mim.

“Você vai sentar ela na mesa?" Stephan me pergunta com um brilho de humor em seus olhos. Seus lábios finos se contorcem em um sorriso e eu consigo sorrir de volta, lembrando que isso é para ela. Ela é a única a fazer isso. Meu aperto na cintura dela aumenta, para me impedir de arruinar tudo.

“Você faz o que quiser em sua casa, mas não me questione na minha." Minhas palavras são afiadas e não devem ser tomadas de ânimo leve. Eles forçam o sorriso de seu rosto pálido enquanto Romano tosse na cabeceira da mesa.

“Eu acho que ele só quer dizer que nós estávamos esperando vê-la no chão... onde os escravos pertencem.”

Pegando a grande faca de açougueiro em cima da mesa, coloco-a firmemente na mão de Aria e ordeno que ela corte a carne de boi. Ela mal consegue alcançá-la, e eu faço o meu melhor para equilibrá-la quando ela se estende sobre a mesa, a lâmina afiada perfurando a casca de massa folhada com uma leve rachadura que é audível na sala silenciosa.

Minha respiração vem mais e mais forte, sabendo o que vem a seguir. Eu posso provar a doçura disso já enquanto a carne cai no prato.

“Carter tem uma queda por ela, eu acho," Jase oferece, e ele e Daniel trocam um olhar. Um dos meus irmãos de cada lado de mim. Os dois estão prontos para quando eu deixo a cozinha.

“Quero uma boa refeição, pelo amor de Deus," digo com um toque de humor para aliviar a tensão e deixar Stephan e Romano à vontade. “Começamos uma guerra amanhã. E tecnicamente, os tiros já foram disparados," digo, e dou de ombros e, em seguida, coloquei um pouco de carne no prato enquanto os movimentos de Aria ficam tensos.

“Sim. Aqui está a vitória," diz Romano, levantando a taça de champanhe na frente dele. O líquido borbulhante eleva-se no ar e, com ele, as duas mãos. É como se eu estivesse assistindo em câmera lenta enquanto eu voltava minha atenção para Stephan e o via fazer o mesmo. Uma mão palma para cima na mesa e outra levantado no ar, segurando um copo.

“Saúde, traga o jantar," eu chamo enquanto levanto meu copo, sem me preocupar em pegar minha arma.

Minha voz soa e nossos homens da cozinha trazem os pratos. Meus homens mais próximos, disfarçados de garçons, percorrem rapidamente a sala com suas bandejas.

Eles revelam cada uma das bandejas ao mesmo tempo para revelar suas armas, visando Romano e Stephan. Enquanto Aria está cortando a carne com as mãos trêmulas.

Stephan e Romano respiram fundo, mas mantêm as mãos erguidas, enquanto maldições enchem o ar, assim como o som de pistolas sendo engatilhadas.

Aria deixa cair a faca na mesa, os ombros curvados e um guincho de terror e surpresa forçando-a para trás e em meus braços. Eu gostaria de tê-la avisado, mas Romano vai viver para contar a história.

Seus ombros estão frios no meu abraço quando eu a puxo para perto e sussurro: “Você está bem.”

Todos os meus três irmãos levantam suas armas carregadas, mas eu mantenho minhas mãos em Aria, ainda tremendo. Declan, sentado no lado oposto, mantém sua arma apontada para Romano e meus outros dois irmãos continuam com as deles apontadas para Stephan enquanto eles o encaravam.

“Que porra é essa?" Romano é rápido em falar com indignação e tenta abaixar o braço. Meus olhos penetram em Stephan, que está olhando diretamente para mim com um ódio amargo que estou acostumado a ver nos homens que fodemos com suas vidas. É sempre seguido pelo olhar leitoso dos olhos mortos. Ele não ousa abaixar o braço. Porque ele conhece a verdade melhor que Romano faz.

Eu ouço o som característico de uma arma com um silenciador disparando, mas não me incomodo em olhar e verificar se a bala caiu logo atrás de Romano como um tiro de advertência. Meus olhos ficam fixos em Stephan. Assim como os dele estão em mim.

“Este é um show para você, Romano," eu finalmente falo quando ele se levanta abruptamente. “Ajude-o a sentar, Jase.”

Sem uma palavra, meu irmão se levanta e mal posso ver Aria pelo o canto do meu olho. Minha doce menina assombrada. Ela agarra a mesa e observa atentamente enquanto Jase puxa a cadeira para Romano, esperando que ele se sente a poucos metros de distância da mesa onde suas mãos podem ser facilmente vistas.

Jase fica atrás dele, sua arma ainda mirando em Romano, embora agora ele poderia facilmente atirar em Stephan também. Mas sua morte é para Aria e somente para Aria.

“A faca, Aria." Eu me dirijo apenas a ela. Ela é tão pequena no meu colo quando ela olha para mim e, em seguida, lentamente ao redor da sala. Ela hesita em pegar a faca de volta e o grito de Stephan quase a deixa cair de novo.

A raiva ferve no meu sangue. “Agora mesmo, você tem medo dele, minha Aria," digo a ela em voz baixa de reprimenda. “Eu não vou permitir.”

Eu posso sentir sua pele ficar fria enquanto ela espera pelo meu comando. Ela mal respira, ainda assustada e confusa. Com a faca na mão, eu a puxo de volta para o meu colo, tomando o meu tempo para acalmá-la para que ela possa ver claramente.

O medo pode obscurecer tudo, transformando a realidade em falsidade.

“Você está com raiva de mim, passarinho?" Eu pergunto a ela gentilmente, colocando sua mandíbula na minha mão. Eu posso sentí-la engolir com força e voltar a olhar para Stephan antes de me olhar. “Por quê?" Ela me pergunta com tanta tristeza.

“Você precisava disso," eu sussurro contra seus lábios, quase pressionando os meus nos dela, em um esforço para que ela entenda como este momento é crucial, tanto para ela quanto para nós.

Seu lábio inferior treme enquanto lágrimas ficam na parte de trás de seus olhos. “Eu pensei que você estava me dando a ele," ela confessa enquanto sua voz racha e seus ombros estremecem.

Segurando-a com mais força, falo claramente, alto o suficiente para que todos nesta sala ouçam. “Você é minha e Romano mentiu para mim quando ele me deu você," eu assobio.

“Besteira!" Romano ousa me interromper e meus arrepios se erguem, a raiva transbordando. Mas eu vou lidar com ele assim que acabar com Aria. Ela sempre virá primeiro.

“Você estava quebrada." Sua expressão se contrai com as minhas palavras, a vergonha enchendo seus olhos castanhos enquanto eu acrescento: “Você estava tão caralho quebrada que eu não poderia ter a minha mão em você.” Eu viro minha cabeça para zombar de Stephan. “Não quando alguém tem esse controle sobre você.”

“Sinto muito," ela sussurra, e a ponta da faca bate na mesa enquanto seu aperto se solta.

“Eu lhe disse para soltar a faca?" Eu pergunto a ela e ao invés de pegar a dica e segurá-la com mais força, ela a coloca na mesa, cobrindo o rosto com as mãos e se apoiando no meu peito.

“Eu realmente pensei..." Ela faz uma pausa enquanto seu peito se ergue e eu dou a ela esse momento. Eu a consolo e faço os homens esperarem. Eles vão esperar por ela. E eu também.

Por isso, já esperei tanto tempo que outro minuto pode ser poupado para sua dor.

“Eu pensei," ela continua gaguejando, e eu beijo seu cabelo, esfregando suas costas enquanto ela me diz: “Eu pensei que você estivesse terminado comigo.”

Puxando seus ombros, eu a forço para se esticar no meu colo. “Nunca," eu digo a ela com toda a sinceridade, sentindo a verdade até o meu núcleo, correndo pelo meu sangue e em cada pensamento que eu poderia ter.

Aria respirando acalma enquanto ela olha nos meus olhos, enquanto uma suavidade que eu nunca senti derrapa sobre mim. “Você me assustou," ela sussurra.

Correndo a ponta do meu nariz contra o dela, eu sussurro contra seus lábios: “É um presente para você.”

Quando me afasto, seus olhos ainda estão fechados, mas lentamente eles se abrem e eu aceno para a faca.

“Mate-o, Aria.”

Romano amaldiçoa, mas um dos meus homens pressiona o cano de sua arma na cabeça.

“Pegue a faca e acabe com ele.”

Eu assisto os dedos trêmulos de Aria pegarem a faca, e então ela foca em sua presa. Ele franze a testa para ela, mas ela não recua. Seu peito se ergue novamente e o jeito que ela levanta o queixo me deixa saber que ela está com medo, mas fingindo não estar.

O medo nunca pode ser escondido.

“Eu não estarei com você se você não..." Digo a ela e imediatamente me arrependo das palavras. Seus olhos se arregalam

e ela respira fundo. “Não posso deixar você continuar assim," digo a ela, desejando poder retomar as primeiras palavras que lhe dei.

Seus olhos piscam de mim para Stephan e ela acena com a cabeça ligeiramente, mas ainda assim, ela não se move.

Mesmo sabendo que ela tem a faca na mão, eu me inclino para frente e descanso minha cabeça contra o peito. “Isto é para você, Aria," eu sussurro no espaço quente entre nós. “É tudo para você.”

Inalando seu cheiro e sentindo seu corpo contra o meu, eu sinto sua garganta e movo para a curva de seu pescoço esbelto. Suas unhas cravam no meu ombro enquanto ela engasga.

É um pedido de desculpas pela ameaça que acabei de fazer que nunca deveria ter saído de mim.

Meus lábios escorregam por seu ombro e ela geme baixinho, relaxando em mim enquanto minhas mãos viajam até sua cintura.

“Mate-o, Aria," eu ordeno e continuo beijando seu pescoço, meu toque se tornando voraz.

Agitando meus dentes pelo queixo dela, eu a adoro.

Meus irmãos são testemunhas do que eu faria para que ela seja completamente minha. Romano e Stephan observam com uma série de insultos e palavrões.

Deixe que todos vejam. Deixe o mundo inteiro ver.

Meu pau está duro quando me afasto, vendo-a sem fôlego e necessitada.

“Primeiro, você cuida dele.” Eu aceno para Stephan e depois digo a ela: “E então você será verdadeiramente minha.”

O aceno de Aria é rápido e ela é rápida desta vez para deixar meu colo, embora seu toque permaneça no meu ombro enquanto ela se estabiliza.

Três armas apontam para Stephan, mas ele só está olhando para ela enquanto dá a volta na mesa. Eu a sigo à distância, dando-lhe isso.

O sorriso de Stephan é sombrio e enervante quando ele zomba: “Ela nunca fará isso. Apenas tirar..."

Antes que ele possa falar a última palavra, Aria bate a mão no ar, cortando o pescoço dele e forçando o sangue a escorrer de seu pescoço. Quando as mãos dele alcançam sua garganta, ela grita um som de gelar o sangue, cortando novamente no mesmo padrão. Desta vez, corta suas mãos, quase cortando um de seus dedos.

Ela não para. Ela apunhala freneticamente em seu peito, batendo em seu corpo, em seu ombro, em sua garganta novamente. Seu objetivo é imprudente, e meus homens dão um passo para trás, o sangue encharcando sua camisa e saindo de seus cortes.

Ela é selvagem nos golpes. Caótica mesmo. Por um momento, eu quero tirar a faca dela por medo dela acabar se cortando.

Ela grita quando a faca penetra através do tecido caro e em sua carne macia, o sangue escoando através de suas roupas. O choro dela é doentio. Não por causa do grito estridente, mas por causa da tristeza evidente. Ela o mata com sua dor.

“Deixe sair," eu digo sem o consentimento consciente. Eu posso ver Daniel voltar sua atenção dela para mim, mas eu o ignoro. Nenhum deles importa agora.

Ela precisa disso mais que tudo.

Romano se levanta de seu assento, recuando e é só então que eu tiro meu foco de Aria.

“Sente-se," eu praticamente rosno. A raiva é principalmente porque ele ousou me distrair disso.

Ele range os dentes e finge irritação enquanto me obedece lentamente, mas ele não pode negar o medo que eu pode ver em seu olhar.

Com as duas mãos nos braços, ele lentamente se senta e eu posso me concentrar em Aria novamente.

Sua energia diminuiu e ela está em silêncio enquanto lágrimas escorrem pelo seu rosto. Seu corpo pequeno parece mais fraco, mas

ela não para de esfaquear o corpo sem vida de Stephan. Ela está obviamente esgotada, mas não para.

Não até eu lhe dar o comando, minha voz baixa sombria e dominadora na sala silenciosa. “Aria. Me dê a faca.”

Seus olhos selvagens olham para mim, apenas por um momento enquanto a faca treme em sua mão e ela balança a cabeça, não.

“Aria," eu levanto a minha voz, forçando-a a ecoar na sala. Os únicos sons que eu posso ouvir são o sangue correndo em meus ouvidos e a respiração irregular de Aria enquanto eu cerro os dentes e digo a ela uma última vez. “Me. Dê. A. faca.”

CONTIN

NOTAS

[←1]

Canção de ninar.

[←2]

Doce tragédia.